

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Fidah Mohamad Harb

**O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E
METODOLÓGICO DA ANÁLISE DE DISCURSO EM TRABALHOS
CIENTÍFICOS PARA ALÉM DA ÁREA DE LETRAS**

Santa Maria, RS
2021

Fidah Mohamad Harb

**O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA
ANÁLISE DE DISCURSO EM TRABALHOS CIENTÍFICOS PARA ALÉM DA
ÁREA DE LETRAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Harb, Fidah Mohamad
O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E METODOLÓGICO
DA ANÁLISE DE DISCURSO EM TRABALHOS CIENTÍFICOS PARA ALÉM
DA ÁREA DE LETRAS / Fidah Mohamad Harb.- 2021.
108 p.; 30 cm

Orientadora: Verli Fátima Petri da Silveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2021

1. Discurso 2. Sentidos 3. História das Ideias
Linguísticas 4. História das Ideias Discursivas I.
Silveira, Verli Fátima Petri da II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, FIDAH MOHAMAD HARB, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Fidah Mohamad Harb

**O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA
ANÁLISE DE DISCURSO EM TRABALHOS CIENTÍFICOS PARA ALÉM DA
ÁREA DE LETRAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Letras**.

Aprovado em 21 de maio de 2021:

Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM) - Videoconferência
Presidente/Orientadora

Vanise Gomes de Medeiros, Dra. (UFF) - Videoconferência

Taís da Silva Martins, Dra. (UFSM) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2021

NUP: 23081.047974/2021-32	Prioridade: Normal	
Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação 134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação		
COMPONENTE		
Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de aprovação.pdf
Assinaturas		
09/06/2021 13:38:38 TAIS DA SILVA MARTINS (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.49.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E LINGÜÍSTICA - DLCL		
11/06/2021 15:08:13 VERLI FATIMA PETRI DA SILVEIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.38.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLTV		
01/07/2021 15:52:45 Vanise Gomes de Medeiros (Pessoa Física) Usuário Externo (664.***.***.**) 1960		
Código Verificador: 693847 Código CRC: fa5296e6 Consulte em: https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html		

Aos meus eternos amores
Awad Harb Najjar, Micheline Mohamad,
Saddam Mohamad Harb, Lina Mohamad Harb,
Dhalala Mohamad Harb, Nidal Awad Najjar e Dunia Awad Najjar
Pela linda vida que construímos e compartilhamos juntos.

Nós todos somos para sempre! 

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados avós, Mohamad Khamis Awad Farah Mohamad, Naima Farah Mohamad (in memoriam), Harb Awad Harb (in memoriam) e Meriam Jaber Samara.

Aos meus queridos tios, Gihad Mohamad e Andrea Mohamad, e primos, Aliah Mohamad e Nasser Mohamad, pelos valiosos momentos especiais. Amo vocês!

À minha professora orientadora, Dra. Verli Fátima Petri da Silveira, pela confiança, pelo respeito e pelo incentivo na realização deste trabalho; pelos aprendizados e pelas oportunidades, desde o início do curso. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de aprender com você.

Ao grupo de estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND), da professora Verli, pelas importantes leituras e discussões sobre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas.

Nossos encontros foram fundamentais para a continuação e o progresso de minhas pesquisas, principalmente para este trabalho.

Aos colegas e amigos do Curso de Mestrado em Letras, Débora Wink, Esther Faria, Isabel Scremin, Isadora Brusius, Janaína Kanitz, Jennifer Alvares, Liliane Monteiro e Mirela Klein pelo acolhimento, pelo carinho e pelos momentos especiais que compartilhamos juntos ao longo desses anos.

Aos meus amigos do Laboratório Corpus, Andressa Brenner, Ana Paula Correa, Elivelton Assis Krummel e Francine Freitas. Obrigada, especialmente, à minha amiga e confidente Thais Costa, pelos fortes laços de amizade que criamos durante as monitorias no Laboratório.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Letras (PPGL – UFSM), pelos ensinamentos e pelas trocas teóricas de aprendizados e experiências.

Às secretárias, Fabrícia Iansen e Helen Mello, pela convivência agradável e pela disponibilidade de sempre.

Às companheiras de vida, as minhas melhores amigas, Tassia Callai e Tarissa Callai, que sempre acham um tempinho para me visitar em suas vindas corridas para Santa Maria.

Em especial, aos presentes da minha vida, meus sobrinhos, Munir Fauzi Harb Abdalla, Munira Fauzi Harb Abdalla e Amir Mohamad Quevedo. A tia Fi ama muito vocês.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, pelo auxílio concedido.

À Universidade pública, gratuita e de qualidade, pela oportunidade e pelo incentivo à pesquisa.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar”
(WALTERS, GRAHAM. **Procurando Nemo**, 2003).

RESUMO

O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA ANÁLISE DE DISCURSO EM TRABALHOS CIENTÍFICOS PARA ALÉM DA ÁREA DE LETRAS

AUTORA: Fidah Mohamad Harb

ORIENTADORA: Verli Fátima Petri da Silveira

Nosso interesse está voltado para a compreensão do funcionamento de fazer história da ciência, a partir da perspectiva discursiva, tomando como objeto de análise discursos de diferentes áreas da produção do conhecimento científico para além da área de Letras, presentes em diferentes momentos de dez trabalhos consultados em nossa investigação de Mestrado: títulos, resumos, palavras-chave, sumários e referências. Assim, buscamos analisar dez teses de doutorado publicadas em 2017, 2018 e 2019 a fim de compreender como os autores mobilizam a Análise de Discurso de linha francesa para a produção do conhecimento em uma área do saber que não é a dos Estudos da Linguagem. Apoiados pela História das Ideias Linguísticas, a qual nos permite compreender o que estava sendo produzido em relação ao conhecimento linguístico, no Brasil, nesse período; também nos ancoramos na História das Ideias Discursivas, pensando, que essa linha de pesquisa, inaugurada por Orlandi (2018), considera os “já ditos”, conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso francesa. Os resultados da pesquisa indicam que há diferentes possibilidades de mobilização para o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso e que, efetivamente, ele pode funcionar em diversas áreas da produção do conhecimento científico, para além da área de Letras.

Palavras-chave: Discurso; Sentidos; História das Ideias Linguísticas; História das Ideias Discursivas.

RÉSUMÉ

LE FONCTIONNEMENT DU DISPOSITIF THÉORIQUE ET MÉTHODOLOGIQUE DE L'ANALYSE DU DISCOURS DANS LES TRAVAUX SCIENTIFIQUES AU-DELÀ DU DOMAINE DES LETTRES

AUTEUR: Fidah Mohamad Harb
DIRECTRICE: Verli Fátima Petri da Silveira

Dans ce mémoire de master, notre intérêt se concentre sur la compréhension du fonctionnement du mode de faire histoire des sciences, à partir d'un point de vue discursif. L'objet d'étude sont des titres, résumés, mots-clés, résumés et références, retirés de 10 thèses de doctorat de différents domaines de la connaissance publiées en 2017, 2018 et 2019. L'objectif est de comprendre comment les auteurs mobilisent l'Analyse du discours française dans la production de savoirs dans des domaines de la connaissance autres que celui des Lettres/Études linguistiques. Pour ce faire, nous nous appuyons sur l'Histoire des Idées Linguistiques, qui nous permet d'analyser le contexte de production des études linguistiques au Brésil durant la période de publication des thèses. Nous nous appuyons également sur l'Histoire des Idées Discursives, fondée par Orlandi (2018), qui considère le « déjà-dit » comme un savoir permettant de comprendre les spécificités de l'objet d'étude de l'Analyse du Discours française. Les résultats de la recherche indiquent qu'il existe différentes possibilités de mobilisation du dispositif théorico-analytique de l'analyse du discours et que, effectivement, il peut fonctionner aussi bien en Lettres qu'en autres domaines de la production de connaissances scientifiques.

Mots-clés : Discours ; Sens ; Histoire des idées linguistiques ; Histoire des idées discursives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Arquivo de pesquisa	39
Quadro 2 – Níveis de formação superior e áreas de conhecimento	41
Quadro 3 – Quadro ilustrativo das marcas linguístico-discursivas identificadas	53
Quadro 4 – Obras de Pêcheux e Orlandi citadas nas teses estudadas - parte I.....	67
Quadro 5 – Obras de Pêcheux e Orlandi citadas nas teses estudadas – parte II.....	68
Quadro 6 – Obras de Pêcheux e Orlandi citadas nas teses estudadas	92
Quadro 7 – Obras de outros autores citadas nas teses estudadas: parte 1.....	95
Quadro 8 – Obras de outros autores citadas nas teses estudadas: parte 2.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Encontro com a Professora Eni Orlandi na cidade de Pelotas, RS	23
Figura 2 – Eventos on-line da pandemia.....	28
Figura 3 – Representação gráfica sobre as leituras em Análise de Discurso francesa, dos trabalhos consultados: Parte I.....	69
Figura 4 – Sumário: Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab)-metodologia.....	82
Figura 5 – Sumário: Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab) – resultados.....	82
Figura 6 – Sumário: Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de física	83
Figura 7 – Sumário: O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem	84
Figura 8 – Sumário: Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais	85
Figura 9 – Sumário: Discurso sobre o emagrecimento no <i>facebook</i> e <i>instagram</i> – Parte I	87
Figura 10 – Sumário: Discurso sobre o emagrecimento no <i>facebook</i> e <i>instagram</i> – Parte II	87
Figura 11 – Sumário: Comunicação no discurso ambiental – Parte I.....	88
Figura 12 – Sumário: Comunicação no discurso ambiental – Parte II.....	88
Figura 13 – Sumário: Discursos sobre o clima do Nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos	89
Figura 14 – Sumário: A simbiose discursiva entre religião e mercado: Um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo	90
Figura 15 – Sumário: Sentidos Produzidos no Desenvolvimento de uma Unidade de Ensino sobre Termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção	90
Figura 16 – Sumário: Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência.	91
Figura 17 – Representação gráfica sobre as leituras em Análise de Discurso francesa dos trabalhos consultados: Parte II	97

SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS: UM POUCO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DESTE TRABALHO.....	12
2 DELINEANDO NOSSO ESTUDO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
3 UM POUCO MAIS SOBRE ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS.....	31
4 PASSOS METODOLÓGICOS: UM OLHAR SOBRE O <i>CORPUS</i>.....	37
4.1 <i>CORPUS</i> DE PESQUISA DOS TRABALHOS CONSULTADOS: OS TÍTULOS.....	43
4.2 <i>CORPUS</i> DE PESQUISA DOS TRABALHOS: OS RESUMOS E AS PALAVRAS-CHAVE.....	58
4.3 <i>CORPUS</i> DE PESQUISA DOS TRABALHOS: OS SUMÁRIOS.....	80
5 APONTAMENTOS FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	103

1 PALAVRAS INICIAIS: UM POUCO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DESTE TRABALHO

O pensamento popular divulga a ideia de que um sujeito graduado em Letras conhece apenas a gramática da Língua Portuguesa, como se a língua se limitasse apenas a isso. Poucos sabem da existência de diversas áreas do conhecimento nos cursos de Letras que objetivam ampliar o conhecimento e capacitar os acadêmicos para desempenhar e desenvolver outras atividades para além de ser professor (para os licenciados) ou operacionalizar textos na área editorial (para os bacharéis – nosso caso). Nesse sentido, uma dessas áreas é a Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, na década de 1960, na França, e por Eni Orlandi e outros teóricos importantes, na década de 1980, no Brasil. É esse o campo teórico-metodológico ao qual temos nos filiado para a realização de nossas pesquisas, desde a iniciação científica.

Propomo-nos a trabalhar com a língua afetada desde sempre pelo político, considerando, conforme explicita Orlandi (2007), que a língua é um corpo simbólico e político que faz parte das relações entre sujeitos na sua vida social e histórica. Entendemos que a língua é a base material, ou seja, aquela que configura um espaço político, na sua incompletude constitutiva, construindo um saber sobre o sujeito e a própria língua, delimitando trajetos e propondo continuidades. Assim, compreendemos os diferentes posicionamentos por parte dos sujeitos, uma vez que a tomada de posição é uma das noções caras à teoria do discurso.

Nossa trajetória acadêmica começou no ano de 2015, no Curso de Bacharelado em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria (USFM). No mesmo ano, ainda cursando o primeiro semestre, envolvemo-nos no Programa de Educação Tutorial do Curso de Letras – PET-Letras – da UFSM, o qual estava, naquele momento, sob a tutoria da Professora Dra. Verli Petri. O PET, idealizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹, é voltado aos estudantes de graduação e fomenta atividades de ensino, pesquisa e extensão. O Grupo PET – Conexões de Saberes – Laboratório Corpus², do Curso de Letras da UFSM, é vinculado ao Laboratório Corpus e promove atividades que se enquadram nesse tripé e que contribuem para a formação acadêmica de estudantes – bacharéis ou licenciados em Letras. A participação nesse programa nos

¹ No início, quando foi criado, em 1979, o Programa tinha outro nome: Programa Especial de Treinamento. Foi em 2004 que passou a ser denominado como Programa de Educação Tutorial.

² O Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem reúne pesquisadores ligados a dois GRPesq: Língua, Sentido e Memória e Literatura e História, com o objetivo de disponibilizar acervos, incentivar o trabalho de recuperação de fontes e desenvolver uma dinâmica de seminários, exposição de material, reuniões de estudo e de trabalho, enfim, apresenta-se como um espaço propício à formação de jovens pesquisadores e de desenvolvimento de pesquisas na área de Letras (Linguística e Literatura), através da temática história, língua e memória.

proporcionou diferentes experiências na trajetória acadêmica, especialmente, os primeiros passos nesse universo da pesquisa por meio da iniciação científica.

Assim sendo, essa nossa primeira experiência com a pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2015, em que, com a orientação da Professora Verli Petri e a coorientação da Professora Maria Iraci Costa, problematizamos e refletimos sobre a leitura do *Curso de Linguística Geral* (CLG) – ou *Curso*, como é referido nos cursos de Letras –, obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure, publicada em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos do professor genebrino, com base em anotações feitas ao longo de cursos oferecidos pelo linguista na Universidade de Genebra entre os anos 1906-1907. Quando começamos a propor essas problematizações e reflexões, as disciplinas de Linguística I e II eram ofertadas nos Cursos de Letras (Licenciatura, Bacharelado, Inglês e Espanhol) da UFSM, em até três períodos por semana, totalizando 45 horas no semestre. Os trabalhos que resultaram de nossa pesquisa³ foram divulgados em eventos realizados pela UFSM, como o Círculos de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), em 2016, e a Jornada Acadêmica Integrada (JAI), em 2016 e 2017, bem como fora da instituição, no XVI Seminário Internacional em Letras, em 2017, organizado pela Universidade Franciscana (Unifra), em Santa Maria.

Em 2016⁴, seguimos considerando a leitura do *Curso* e também dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG) – ou *Escritos*⁵ –, buscando a definição da noção de signo linguístico, proposta por Ferdinand de Saussure. No que toca especificamente à noção de signo linguístico, há várias divergências entre o que é apresentado no CLG e nas notas manuscritas. Além disso, compreendemos a complexidade do legado saussuriano, que não se limita apenas ao CLG.

Ainda na graduação, nosso trabalho de conclusão de curso, intitulado *Um gesto analítico do verbete “Linguística” em dicionários de linguística em língua portuguesa*, tinha como objetivo compreender os sentidos do verbete *linguística* em dicionários de Linguística escritos em Língua Portuguesa. Para isso, propusemos uma leitura da apresentação e da definição do verbete *linguística* em três dicionários, considerando as condições de produção desses instrumentos linguísticos: *Dicionário de Linguística e Gramática* (1977), de Mattoso Câmara

³*Signo Linguístico Sobre as Perspectivas de Saussure* e do *Curso de Linguística Geral*, apresentados no XII CelSul e publicados nos Anais do evento.

⁴*A Problemática do Signo Linguístico no Corpus Saussuriano*, apresentado VI Seminário Internacional em Letras, em 2017s e publicado nos Anais do evento.

⁵ A obra saussuriana é composta por notas manuscritas de Saussure, encontradas na década de 1990, editadas e publicadas por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002), sob o título **Écrits de Linguistique Générale** (traduzido no Brasil por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco e publicado, em 2012, sob o título **Escritos de Linguística Geral**).

Jr.; *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna* (1976), de Francisco da Silva Borba; e *Dicionário de Linguística* (2014), de Jean Dubois. Em uma relação entre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, propusemos, pelo menos, dois movimentos de análise: (i) o estabelecimento das relações entre palavras idênticas em diferentes dicionários, e (ii) o estabelecimento das relações entre palavras no interior do mesmo dicionário, buscando trabalhar os efeitos de sentido a partir do movimento “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018). Essa metodologia, cientificamente constituída, permitiu um movimento maior, no interior do dicionário, compreendendo-o como objeto discursivo (NUNES, 2006). O efeito “palavra-puxa-palavra” explicita o gesto de remissão, buscando compreender a historicidade de uma palavra e os efeitos de produção de sentidos. Esse movimento apresenta uma série de caminhos de análise possíveis.

Refletir sobre o caminho percorrido, envolve apreender que nossas propostas de pesquisa (todas elas) foram amparadas nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, pois concordamos com a Professora Eni Orlandi (2009) quando afirma:

[...] há muitas outras qualidades e vou mencionar apenas mais uma, que me impressiona: com a leitura de Michel Pêcheux, nós temos um método para pensar a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo [...]. Mudou o pensamento sobre a linguagem. Fez deslocar-se o quadro das ciências sociais e humanas em sua relação com a linguagem, com os sujeitos, com os sentidos. (ORLANDI, 2009, p. 12).

Pensamos a Análise de Discurso materialista, de vertente francesa, como uma área do conhecimento que possibilita uma leitura interpretativa a partir de um dispositivo teórico e analítico que questiona o que está posto. O conhecimento dessa teoria modificou nossa relação com a linguagem e (por que não?) até mesmo como vemos o mundo, uma vez que não ficamos satisfeitos com aquilo que se apresenta como evidente no discurso, buscando acreditar, em nossa posição de analistas de discurso, que não existem sentidos acabados, definidos, pois, para nós, os sentidos sempre podem ser outros.

Faz-se importante considerarmos brevemente sob quais condições de produção políticas e históricas a Análise de Discurso é postulada. Em meados da década de 60, do século XX, na França, a Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, podia ser lida, direta ou indiretamente, como uma resposta ao acontecimento conhecido pela expressão *Maio de 68*. Esse momento histórico foi marcado pela mobilização popular, estudantil e trabalhista contra

os valores tradicionais e as inúmeras questões que agrediam a sociedade e a cidadania; e a favor da liberdade de pensamento e de expressão; da conquista dos direitos de trabalhadores, mulheres, homossexuais, não brancos; e da reforma do ensino nas universidades (ORLANDI, 1999, p. 59). *Maio de 68* tornou-se um cenário de reflexão essencial para a constituição da Análise de Discurso.

Partindo disso, como se pode apreender a Análise de Discurso na atualidade? Hoje, a Análise de Discurso já está consolidada como teoria e campo disciplinar, conforme se afirma no texto de Scherer e Petri (2013, p. 284), *O movimento disciplinar sobre os estudos do discurso, no contexto brasileiro, a partir dos anos 1980*, no qual as Professoras apresentam as condições de produção do desenvolvimento institucional dessa teoria e os meios políticos para sua constituição na realidade brasileira.

No Brasil, a Análise de Discurso chega na década de 1980, momento marcado pelo começo dos estudos do discurso em território brasileiro. O país vivia em um período de ditadura militar⁶, movimento que cerceia o sujeito, nessa perspectiva, a Análise de Discurso constrói seu dispositivo teórico e analítico voltado para o político e sendo essa prioritariamente a sua palavra-chave, a teoria estava afinada com a conjuntura social do país, pensada a partir da realidade brasileira. Na teoria discursiva, nos colocamos nesse desconforto de questionar aquilo que estamos lendo/vendo/ouvindo. Há muitas maneiras de significar, mas o sujeito, dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia, trabalha para o direcionamento dos sentidos, o que é uma ilusão constitutiva. O político, conforme Orlandi (2008), reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõe a um indivíduo ideologicamente interpelado.

A Análise de Discurso, disciplina de entremeio (Linguística – Psicanálise – Materialismo Histórico), trabalha elementos teóricos que se relacionam com a língua, com o inconsciente, com a exterioridade e com as condições de produção. Essa forma de refletir e de questionar é o que leva à produção de outros sentidos e possibilita outras leituras do objeto de análise. Logo, seus efeitos se espalharam para as Ciências Sociais em geral, e, a partir da leitura em Análise de Discurso materialista, fundada por Michel Pêcheux, sabe-se que nenhum campo de conhecimento é indiferente à linguagem.

⁶ Regime instaurado em 1º de abril de 1964 que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente eleito democraticamente.

Ademais, além da Análise de Discurso, nosso trabalho está amparado pela teoria da História das Ideias Linguísticas e pela História das Ideias Discursivas. Os estudos em História das Ideias Linguísticas formaram-se a partir de conhecimento produzido em projetos desenvolvidos pelo Professor Dr. Sylvain Auroux, desde a década de 1980, na França. Nesse momento (século XX), a institucionalização e a disciplinarização da História das Ideias Linguísticas foi definida, pelo autor francês, como história dos conhecimentos linguísticos: um conjunto de práticas interdisciplinares, as quais fazem-nos observar a história dos documentos e os percursos que eles realizam, levando a compreender melhor a produção do conhecimento. Auroux (1992) apresenta algumas considerações sobre trabalhos que dizem respeito à história dos conhecimentos linguísticos: “i. os que visam a constituir uma base documentária para a pesquisa empírica; ii. os que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam; iii. os que têm um papel fundador” (AUROUX, 1992, p. 11).

Já no Brasil, a institucionalização da História das Ideias Linguísticas teve início com o projeto coletivo *História das Ideias Linguísticas no Brasil: construção de um saber metalinguístico e a construção da língua nacional*, coordenado pela Professora Dra. Eni P. Orlandi e também pelo Professor Dr. Sylvain Auroux, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas/SP, na década de 1980. Assim, para compreender a especificidade da História das Ideias Linguísticas, Orlandi e Guimarães (2001) propõem as seguintes palavras:

Fazer história das ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil mesmo antes da Linguística se instalar em sua forma definitiva; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 16).

Pensamos o conhecimento linguístico a partir da cientificidade, pois existe nele uma norma, uma regularidade. Assim, entendemos que dizer “ciência da linguagem” é tratar de algo muito maior, que está relacionado a outras áreas do conhecimento, mas voltado à linguagem. Nesse percurso, nossos estudos se dão a partir da História das Ideias Linguísticas, conforme (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 17): “exploram-se os textos (às vezes esquecidos), e restaura-se ou repara-se o esquecimento do qual são objeto as teorias ou as ideias que eles expõem”.

Nossa dissertação se inscreve na linha de pesquisa Língua, Sujeito e História do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFSM, buscando compreender, em

trabalhos fora da área de Letras, como se dá o funcionamento de conceitos já definidos da/na/pela perspectiva teórica da Análise de Discurso francesa, sobretudo a noção de discurso.

Selecionamos teses de doutorado para nossas análises, visto que tais trabalhos são considerados resultado de investigação complexa e aprofundada sobre diferentes temas. Ademais, por ter um tempo maior para a elaboração do texto e para a consulta e apreensão do referencial teórico-metodológico de análise – e considerando também que trabalhos de tese ocupam um lugar específico na produção do conhecimento, qual seja: para além da reprodução. Espera-se que uma tese traga uma contribuição “original”, conforme a (MDT/UFSM, 2018, p. 10): “tese é um documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único bem delimitado, elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão.”

Dessa forma, a perspectiva da História das Ideias Linguísticas nos permite compreender o que estava sendo produzido em relação ao conhecimento linguístico, no Brasil, nos anos de 2017, 2018 e 2019 – quando as teses, objetos de análise de nossa pesquisa, foram publicadas. Sobre o viés discursivo, relacionando sentido e interpretação, apoiamo-nos na História das Ideias Discursivas, pensando, assim, que essa linha de pesquisa, inaugurada por Orlandi (2018), propõe considerar os “já-ditos”, ou seja, os conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso francesa. Os trabalhos de doutorado (teses), a serem analisados, interessam-nos na medida em que buscamos compreender como os autores mobilizam a Análise de Discurso pecheuxtiana para a produção do conhecimento.

Como critério metodológico inicial, realizamos um levantamento no interior das produções acadêmicas fora da área de Letras, disponíveis na internet na *Plataforma Lattes*, *Google Acadêmico* e no *Portal de Periódicos Científicos Acadêmicos Federados (CAFe)*, que trabalham metodologicamente com a Análise de Discurso de linha francesa, com o objetivo de compreendermos como esse dispositivo teórico-analítico funciona em outras áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, elencamos como objetivos específicos:

- a realização de leituras orientadas durante todo o período de desenvolvimento do trabalho, estabelecendo relações entre a bibliografia utilizada e os procedimentos realizados;
- a procura de diversos arquivos e bibliografias que possibilitassem a elaboração do referencial teórico, buscando estabelecer relações entre o arquivo de pesquisa e o campo teórico que sustenta o estudo;

- a seleção de trabalhos acadêmicos das diferentes áreas das Ciências publicados/defendidos nos três últimos anos (2017, 2018 e 2019)⁷;
- a seleção das sequências discursivas;
- a análise dos recortes dos trabalhos acadêmicos consultados (especificamente teses), visando explicitar os diferentes funcionamentos da teoria discursiva;
- o acompanhamento, por meio da realização das análises linguístico-discursivas, das relações entre o funcionamento da memória (coletiva/discursiva) e as formas como podem ser entendidas a partir da constituição do sujeito, de sua língua e da história da qual faz parte, bem como as relações que lhes são intrínsecas;
- a análise dos efeitos de sentido dos conceitos de ideologia e inconsciente, para compreender a constituição do sujeito na elaboração de/sobre um conhecimento.

Assim, em nosso trabalho, a questão de pesquisa e os objetivos determinaram a seleção dos recortes discursivos, os quais estão organizados em sequências discursivas que compõem nosso *corpus* analítico. A partir da análise desses recortes – considerando que é a questão de pesquisa que nos move, como sujeitos analistas de discurso, a mobilizar sentidos e produzir conhecimento – buscamos compreender o seguinte: *como o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa e sua metodologia funcionam na produção do conhecimento para além da área de Letras?*

O percurso de nosso trabalho pautou-se em três **mo(vi)mentos** principais, sendo o **primeiro** direcionado ao estudo da teoria da Análise de Discurso francesa, considerando as obras de Michel Pêcheux (fundador da Análise de Discurso), de Eni Orlandi (fundadora da História das Ideias Discursivas) e dos seus interlocutores na França e no Brasil. O **segundo mo(vi)mento** consiste nos estudos de Auroux (1992) e Nunes (1991; 2007; 2008) sobre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso; bem como os seus interlocutores, dando destaque especial às pesquisas de Martins (2008), no que se refere à exploração do funcionamento da História das Ideias Linguísticas em *corpora* bem específicos. Desse modo, em nossa compreensão, esses dois primeiros mo(vi)mentos são:

⁷ Foram excluídos dessa seleção trabalhos realizados por estudantes do curso de Letras ou aqueles nos quais o Professor orientador tivesse vínculo com áreas de Estudos da linguagem.

[...] os que visam a constituir uma base documentária para a pesquisa empírica; os que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam (por exemplo, trabalho de um filólogo das línguas clássicas sobre a gramática, a filologia ou a lógica grega); os que têm um papel fundador, voltando-se para o passado para legitimar uma prática contemporânea. (NUNES, 2008, p. 84).

No que se refere à teoria da História das Ideias Linguísticas, **nesses dois mo(vi)mentos** iniciais de nosso trabalho, consideramos, primeiro, Nunes (2008), sobretudo em suas discussões sobre a relação da Histórias das Ideias Linguísticas com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, propostas em seu texto *Uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso*.

Seguimos nosso estudo com as contribuições de Martins (2008) acerca da disciplinarização da Análise de Discurso no Rio Grande do Sul, a partir do aparato teórico-metodológico da História das Ideias Linguísticas, possibilitando circunscrever um percurso (discursivo), que materializam o trajeto da Análise de Discurso. Além disso, foi parte constante do primeiro e do segundo momento da pesquisa o levantamento de trabalhos publicados nos anos de 2017, 2018 e 2019, que se utilizam da Análise de Discurso como aporte teórico-analítico, bem como a organização de nosso *corpus* analítico.

Ademais, nossas reflexões e considerações teóricas foram apoiadas pelo livro de Colombat, Fournier e Puech: **Uma História das Ideias Linguísticas**, publicado em 2017. Conforme a autora da apresentação da edição brasileira, Marli Quadros Leite⁸, os autores da obra estiveram envolvidos, desde o início (em 1970), com o projeto de fundação desse novo campo do conhecimento no domínio das ciências da linguagem, liderado por Sylvian Auroux, na França: a História das Ideias Linguísticas.

Assim, após as leituras dos estudos mencionados, buscamos a constituição do nosso arquivo de análise. Nossa metodologia pautou-se em realizar recortes no interior de teses de diferentes programas de pós-graduação fora da área de Letras, as quais referiam em seus resumos utilizar a Análise de Discurso como um aporte teórico-metodológico. O recorte temporal foi de três anos, a saber: teses produzidas/publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019.

O terceiro mo(vi)mento foi a seleção dos recortes para composição do *corpus* de pesquisa e a realização das análises. Sendo assim, buscamos, no interior desses trabalhos de

⁸ Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade e Pesquisa (PQ) CNPq, tem mestrado (1992) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1996).

diferentes áreas para além das Letras – Saúde Coletiva; Educação; Cuidado, educação e trabalho em enfermagem e saúde; Educação (na área ensino e práticas culturais); Ambiente e sociedade (na área de aspectos sociais de sustentabilidade e conservação); Ensino e história das ciências da terra; Comunicação Social; Multiunidades em ensino de ciências e matemática (área de ensino de ciências e matemática) e Educação em ciências: química da vida e saúde⁹ –, recortes a partir dos quais fosse possível observar a mobilização teórica da Análise de Discurso, para compreender o funcionamento desse dispositivo teórico-analítico nessas áreas do conhecimento. Para a produção de nosso arquivo de pesquisa, delimitado a partir da *Plataforma Lattes*, do *Google Acadêmico* e do *Portal de Periódicos Científicos Acadêmicos Federados* (CAFe), tivemos acesso a 26 trabalhos, dentre eles, artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias, dissertações e teses fora da área de Letras, que utilizam tal teoria para análise. Entretanto, considerando a consolidação do trabalho de pesquisa que se efetiva na escrita de uma tese de doutorado, decidimos por realizar nossa pesquisa apenas com as teses e elencamos dez (como um número conveniente e representativo) para este estudo.

Pensando nesse lugar discursivo no qual nos inscrevemos, voltamos para a explicitação/explicação de uma questão que se faz necessário retomar: como essas dez teses foram selecionadas? As teses foram selecionadas em diferentes plataformas, em pesquisas no *Google Acadêmico*, no Lattes e no sistema de periódicos da CAPES (CAFe – Comunidade acadêmica federada). Nessa pesquisa, conseguimos organizar um arquivo com 26 trabalhos, os quais utilizavam a Análise de Discurso como uma metodologia de análise – desde artigos, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses. Decidimos por dez teses publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019, sendo elas de diferentes áreas e instituições, isto é: Educação, Ciências Sociais, Comunicação, História. Os autores e orientadores não tinham vínculo com a área da linguagem, o que foi verificado por meio de consulta prévia nos currículos desses autores e orientadores.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, esperamos que nossas análises e reflexões, ancoradas na perspectiva da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso, contribuam para a compreensão das diferentes formas que o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso pode funcionar em diversas áreas das Ciências Humanas, para além da área de Letras. Nesse sentido, tentamos fazer algumas incursões na História das Ideias Discursivas, pois compreendemos que a proposta de Orlandi (2018) tem entre seus objetivos observar como

⁹ No momento, trabalhamos com essas áreas pois tivemos conhecimento de que utilizavam a Análise de Discurso de viés materialista e sua metodologia como dispositivo teórico-analítico.

noções importantes para a Análise de Discurso chamam para si teorizações que se diferenciam pelos seus estatutos teóricos e metodológicos e que as demais áreas do conhecimento utilizam nas suas diferentes filiações (ORLANDI, 2017).

Neste trabalho, assumimos a posição de pesquisadoras, analistas de discurso que percebem a relevância e o comprometimento de saber mais sobre a perspectiva teórica da História das Ideias Linguísticas. A organização do trabalho está constituída em cinco partes.

Na primeira parte, intitulada *Palavras iniciais: um pouco sobre as condições de produção deste trabalho*, que se faz necessária para a introdução da nossa pesquisa, apresentamos o tema, a questão de pesquisa e descrevemos o nosso movimento teórico/acadêmico de estudos. Na segunda parte, intitulada *Delineando nosso estudo teórico-metodológico*, expomos nosso percurso, desde a construção do arquivo até a seleção e o recorte do *corpus* de pesquisa.

Na terceira parte, intitulada *Um pouco mais sobre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas*, realizamos uma articulação entre essas duas áreas do conhecimento, mostrando, conforme Nunes (2008, p. 120), a concepção de que: “o campo de ‘uma’ ciência não é um espaço homogêneo, mas sim constituído a partir de diferentes discursos” e, acrescentamos, da perspectiva da Análise de Discurso francesa do que é discurso – como um lugar de reflexão teórico-metodológica, histórica, subjetiva e, sobretudo, ideológica.

Nesse viés, compreendemos que fazer essa relação entre a História das Ideias Linguísticas e a teoria da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, possibilitou-nos pensar no processo de tomada de posição-sujeito e na produção do conhecimento linguístico-discursivo, que pode ser construído “a partir de diferentes discursos” (NUNES, 2008, p. 120).

Na quarta parte, intitulada *Passos metodológicos: um olhar sobre o corpus*, propomos a descrição do objeto de análise com o intuito não apenas de nos apropriarmos do arquivo, mas também de reconstruí-lo, a partir de nosso gesto interpretativo. Logo, compreendemos que foi preciso tomar uma posição e determinar quais sentidos poderiam ser construídos em detrimento de outros possíveis.

Diante disso, na última parte denominada *Apontamentos finais*, consideramos que a discussão que nós apresentamos toca um ponto muito sensível no que concerne à metodologia analítico-discursiva, a qual recusa a perspectiva de “aplicação” e, no entanto, é tantas vezes buscada justamente para ser “aplicada” (digamos) numa proposta que se fundamenta em um

quadro teórico distinto. Nosso trabalho contribui com a construção de um espaço de compreensão do que significa fazer uma análise efetivamente materialista, que é o que nos propomos, em contraponto com outras análises possíveis. Quanto a isso, apreendemos que estar neste lugar também é estarmos abertas a visualizar o diferente, o equívoco, a falha, a saturação, bem como pode fazer avançar ou não noções caras à Análise de Discurso.

2 DELINEANDO NOSSO ESTUDO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Pensamos a Análise de Discurso, conforme Orlandi (2009, p. 08), como um dispositivo de análise que se apresenta como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. Nesse sentido, o nosso primeiro movimento buscou a compreensão e a apropriação da teoria da Análise de Discurso pecheuxiana, conforme Michel Pêcheux, fundador da Análise de Discurso, na França, e Eni Orlandi, fundadora da História das Ideias Linguísticas e História das Ideias Discursivas, no Brasil.

As nossas análises e reflexões teóricas se apoiarão essencialmente pelas leituras de Pêcheux ([1982] 2014; [1983] 2002) e Orlandi (1988; 1999; 2001; 2009; 2018). Ademais, alguns momentos se fizeram essenciais para a leitura do trabalho, como a palestra proferida por Orlandi (LABEURB/Unicamp), intitulada *A Análise de Discurso como teoria e como método*¹⁰, em que a Professora, entre outras questões abordadas em sua fala, dissertou e refletiu sobre o que seria a História das Ideias Discursivas, que, segundo ela, consiste em uma linha de pesquisa que segue a filosofia da interpretação, ampliando as possibilidades de sentidos dos conceitos da teoria da Análise de Discurso. Disponibilizamos uma imagem (Figura 1) do encontro ocorrido.

Figura 1 – Encontro com a Professora Eni Orlandi na cidade de Pelotas, RS



Fonte: Fotografia disponibilizada pelo Grupo de Estudos Lead (2019).

¹⁰ O evento foi promovido pelo Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, em 17 de maio de 2019, e ocorreu no auditório de Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem - UFPel (CEHUS).

Entendemos que o estabelecimento de relações entre a História das Ideias Discursivas e a Análise de Discurso nos possibilita pensar no processo de produção do conhecimento discursivo, visto que, conforme Orlandi (2018, p. 89), a História das Ideias Discursivas “se filia ao mesmo método de fazer história da ciência, como história das ideias, na perspectiva discursiva”.

Além do encontro com Eni Orlandi, também presenciamos a *Conversa com o pesquisador*, com os Professores convidados, Mara Glozman (UBA) e Fábio Ramos Barbosa Filho (UFRGS); e *Encontros marcados*, organizados pelo Laboratório Corpus/UFSM e pelo Grupo de Estudos Pallind (Palavra, Língua e Discurso/UFSM), com as Professoras Maria Cleci Venturini (Unicentro) e Freda Indursky (UFRGS). Ambos os eventos nos proporcionaram reflexões sobre noções e conceitos da Análise de Discurso, especialmente sobre memória e arquivo, interrogando e pensando essas noções como um artefato de língua (em discurso) que é atravessado pela história.

Consideramos que “a discursividade é a inscrição dos efeitos da língua na história” (ORLANDI, 2005, p. 20), por isso, na Análise de Discurso, tomamos os recortes dos trabalhos de tese a serem por nós analisados como sequências discursivas, pois compreendemos que a língua que os compõe é atravessada por todo um contexto sócio-histórico-ideológico. Assim, não há discurso neutro, porque ao se formular sentidos, eles passarão pelas condições de produção, pela memória discursiva¹¹ e pelo interdiscurso. E, partindo dessa perspectiva, ao especificar a formulação, Orlandi (2008a) destaca que:

[...] a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição: corpo e emoções da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Materialização da voz em sentidos [...] da tomada do corpo pela significação. E o inverso: os sentidos tomando corpo. Na formulação – pelo equívoco, falha da língua inscrita na história – corpo e sentidos se atravessam. (ORLANDI, 2008a, p. 9).

É pela formulação que o processo de constituição do sujeito e o processo de produção de sentidos, que são indissociáveis, ganham visibilidade, visto que, de acordo com Orlandi (2008b, p. 10), formular é produzir um gesto de interpretação. Nesse sentido, concordamos com Courtine (1999, p. 19), “a constituição de um espaço do repetível toma a forma de uma

¹¹ Noção compreendida como o “já-dito” no interdiscurso (ORLANDI, [1999] 2015).

retomada, palavra pós palavra, de discurso em discurso, de numerosas formulações”. Nesses movimentos, observamos dois processos fundamentais para a linguagem: a paráfrase e a polissemia, compreendendo, conforme Orlandi (1998), essas duas noções como eixos que estruturam o funcionamento da linguagem, que se articulam na questão do mesmo e do diferente – no discurso. Diante de todos esses processos, durante a leitura e descrição do nosso *corpus*, somos direcionadas a observar o funcionamento da teoria da Análise de Discurso nos trabalhos selecionados, bem como a refletir sobre os métodos de análise.

Em relação à teoria discursiva, Indursky (2008) aponta a Análise de Discurso como um quadro teórico bastante dinâmico, que questiona diferentes teorias – inclusive a Linguística, interrogando a si própria sem se acomodar. Esses movimentos analíticos (da teoria para a análise e da análise de volta para a teoria), os quais Petri (2013) denomina como “movimento pendular”, “realimentam” a teoria e implicam no seu próprio desenvolvimento, visto que o campo teórico não está estanque e isolado. Desse modo, observamos que a problematização está no centro da teoria da Análise de Discurso e de noções como sujeito, arquivo, discurso e História das Ideias, o que proporciona continuidade e prosseguimento aos conceitos que estão sendo mobilizados.

Pêcheux ([1982] 2014, p. 59), em seu texto *Ler o arquivo hoje*, considera o arquivo e o define como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Essa noção nos fez pensar o arquivo como uma “trama textual”, ideia que foi abordada na *Conversa com o pesquisador*, com Fábio Ramos (UFRGS), evento citado anteriormente, promovido pelo Laboratório Corpus, intitulado *Conversa com o Pesquisador Fabio Ramos (UFRGS)*, oportunidade na qual o professor abordou a noção de arquivo como “trama textual” e nos ajudou a refletir sobre a discursividade do arquivo (o discurso), ancorados no funcionamento da sintaxe, compreendendo a sintaxe como uma rede de filiações, tal qual um efeito de horizontalidade e um conjunto de processos, linguísticos e simbólicos, que possuem uma ordem própria: a ordem do discurso.

Ademais, os encontros que nos foram proporcionados com os professores possibilitaram-nos reflexões sobre o discurso, como, por exemplo, a de que o discurso é objeto da história, pois produz uma série de demarcações para que saíamos do trabalho conteudista (análise de conteúdo). Conforme Petri (2006, p. 188), a análise de conteúdo é um dos domínios do saber radicalmente criticado por Pêcheux, porque consistia em tomar o conteúdo de um texto como objeto de análise, indagando-o com o propósito de chegar à compreensão, diferentemente

da Análise de Discurso, a qual se preocupa em desconstruir, desconfiar das evidências, questionando, interpretando, lendo e produzindo sentidos.

Assim, reforçando a ideia de formulações de Courtine (1999), precisamos insistir que não estamos tratando da língua, mas sim do discurso. A materialidade linguística se inscreve na história com suas falhas e produz sentidos, e o discurso não está alheio ao momento sócio-histórico em que está inserido. Desse modo, sentido e sujeito se constituem ao mesmo tempo:

[...] quer dizer, de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua, no sentido que os linguistas dão a esse termo, mas que se realiza na língua: não na ordem *gramatical*, mas na ordem do *enunciável*, a ordem que constitui o sujeito falante, em sujeito de seu discurso. (COURTINE, 1999, p. 18, grifos nosso).

A ideia de pensar o discurso enquanto materialidade discursiva é defendida por Orlandi (2001, p. 17). A autora compreende que, na Análise de Discurso, a materialidade específica do discurso é a língua, e que, além disso, essa área do conhecimento tem por objeto de estudo o discurso.

Ademais, no texto *Lula Lá: estrutura e acontecimento*, Indursky (2013) aponta que um discurso não existe isoladamente, pelo contrário, ele está em relação com outros discursos, em outros domínios de saber. Nesse texto, a Professora se apoia na teoria de Foucault (1972) para compreender o conceito de formação discursiva – região do discurso onde o saber torna-se específico, ou seja, estabelece-se a partir de determinadas regularidades que definem as condições de existência, coexistência, transformação e desaparecimento de certos enunciados discursivos.

Ainda conforme Indursky (2008), a formação discursiva corresponde a um domínio de saber constitutivo de enunciados discursivos, que representam um modo de se relacionar com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito. E é nessa relação do sujeito com a formação discursiva que observamos o funcionamento do sujeito do discurso. Nesse sentido, a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se efetua, conforme Pêcheux (1988, p. 161), pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o constitui.

Consideramos que a formação discursiva está relacionada à noção de forma-sujeito, visto que as diferentes formações discursivas são decorrentes do desdobramento dessa forma-sujeito. Sob essa perspectiva, o sujeito assume posições diferentes em seu discurso. Isso é possível pela “porosidade” da formação discursiva, que permite que saberes de outras formações discursivas se façam presentes, possibilitando afirmar que, conforme Indursky

(2008), a formação discursiva é heterogênea, pois abriga em seu interior a diferença e a ambiguidade.

A tomada de posição é a identificação do sujeito com uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1988, p. 172), assim, assim a forma-sujeito é constituída por diferentes posições assumidas pelo sujeito. De acordo com Indursky (2008), essas são possíveis relações com a forma-sujeito, visto que a formação discursiva heterogênea representa, no discurso, relações com a ideologia; sendo o sujeito afetado ideologicamente.

Nos encontros mencionados (*Conversa com pesquisador* e palestras), além da noção de arquivo – compreendido como um acesso inicial para a pesquisa –, trabalhamos com a noção de sujeito – que não é a origem do seu dizer, logo, o sujeito está retomando dizeres (já-ditos) em outros lugares (no interdiscurso) e por outros sujeitos. Assim, após o estudo da teoria da Análise de Discurso, no segundo mo(vi)mento de pesquisa, foi realizado a constituição de nosso arquivo, que foi possível a partir da *Plataforma Lattes*, *Google* e o *Portal de Periódicos Científicos Acadêmicos Federados (CAFe)*¹².

Importa também refletir, ainda que rapidamente, sobre as condições de produção que afetaram a elaboração deste trabalho: a situação de pandemia. De fato, considerando que o que fazemos é determinado pelas nossas relações com a língua e a história, pelas nossas experiências (simbólicas e do mundo), atravessados pela ideologia, não ficamos alheias ao que acontecia ao nosso redor. Por consequência, de alguma maneira, esse pior momento da história de nossas vidas limitou nossa pesquisa, intervindo, ainda que de modo geral, em nossas escolhas, nossas recusas, nosso modo de fazer e entregar os resultados.

Nesse viés, consideramos que certamente a tecnologia ajudou muito nesse processo de produção e circulação do conhecimento durante a pandemia, permitindo que eventos on-line acontecessem, encontros teóricos que dialogassem com o nosso trabalho de pesquisa. Cito alguns dos quais pude participar: Webinário Autores em Foco – com as Professoras Doutoras Eni Orlandi (UNICAMP) e Grecielly Costa (UNICAMP), intitulado: Michel Pêcheux e a AAD69 em perspectiva, no dia 20 de janeiro de 2021; Eventos on-line: Seminário

¹² A história do Portal de Periódicos remonta ao ano de 1990 quando, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior (IES). O Portal de Periódicos foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as bibliotecas virtuais e as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos. Com o Portal, a Capes passou a centralizar e otimizar a aquisição desse tipo de conteúdo por meio da negociação direta com editores internacionais. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=historico&Itemid=122. Acesso em: 17 dez. 2019.

um breve paralelo entre esses momentos – tanto os eventos presenciais quanto os on-line nos proporcionaram reflexões sobre noções e conceitos da Análise de Discurso.

A construção do nosso *corpus* de análise pautou-se por recortes em trabalhos acadêmicos, especificamente, em teses de doutorado, compreendendo por “recorte” uma unidade discursiva, conforme definiu Orlandi (1984, p. 12). O gesto de recortar é, de alguma maneira, tomar uma posição frente ao modo como a teoria e a metodologia estão sendo apresentadas. Esses recortes foram retirados de diferentes momentos dos trabalhos: iniciamos pelos títulos, observando recorrências linguísticas da Análise de Discurso; depois, seguimos para os resumos e as palavras-chave; posteriormente, para os sumários e, por fim, exploramos as referências consultadas para a escritura do trabalho. Importa destacarmos que o recorte poderia ser outro, justificando que nossas escolhas devem atender ao que está posto na questão de pesquisa.

Para pensar nossa relação com a pesquisa, passamos para a leitura do arquivo – entendemos esse conceito a partir do que define Pêcheux ([1982] 2014, p. 59): como “campo de documentos pertinentes sobre uma questão” e após passamos para a constituição do *corpus* – nem sempre nessa ordem, esse movimento não é definitivo. Nesse gesto, identificamos 26 trabalhos de diferentes áreas, entre eles artigos, monografias, dissertações e teses, que foram publicados nos últimos anos e que afirmavam estar “aplicando” a metodologia da Análise de Discurso em suas análises. Neste movimento, levantamos uma questão que não pretendemos responder direta e/ou definitivamente, pois faz parte da nossa problematização: qual imaginário outros pesquisadores (que não são de Letras) têm da Análise de Discurso?

Acerca dessa problemática, considerando que a teoria não é um mero método de análise de dados, Orlandi (2017) chama a atenção sobre os “cientistas” que estariam utilizando a Análise de Discurso como um “penduricalho” a outros quadros teóricos, sem, de fato, produzirem gestos de análise. Esse funcionamento, que Orlandi (2017, p. 22) define informalmente como “puxadinho teórico”, deixa de lado aspectos importantes como a filiação epistemológica e, conseqüentemente, o que é próprio de cada teoria.

O nosso arquivo está sempre em construção, em constante desenvolvimento, para este trabalho utilizamos dez teses, e o *corpus* se constitui de recortes desses trabalhos, pois, a partir da Análise de Discurso, buscamos: “[...] compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido”. (ORLANDI, 2009, p. 26). E, ainda,

no dispositivo analítico, procuramos estabelecer algumas sequências discursivas, entendendo-as como “manifestação da realização de um intradiscorso” (COURTINE, [1982] 2016, p. 25), que, desse modo, estão relacionadas à formação discursiva e às condições de produção. Para nós, a sequência discursiva explicita o *corpus* de acordo com o objetivo da análise; sendo “ponto de referência a partir do qual o conjunto de elementos do *corpus* receberá sua organização” (COURTINE, [1982] 2016, p. 25). Entendendo, junto com Petri (2004, p. 67), como um “*corpus* discursivo” se constrói em respostas aos objetivos da pesquisa.

Além disso, entendemos que novas práticas de leitura surgem a partir do conhecimento na Análise de Discurso, pois tal teoria não somente tenta interpretar o discurso, buscando sentidos possíveis, mas também trabalha esses sentidos a partir do “como” – das condições de produção:

A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. (ORLANDI, 2009, p. 26).

Nesse sentido, a Análise de Discurso coloca o pesquisador no desconforto de (se) colocar questões sobre a leitura e, assim, de atribuir outros sentidos sobre o objeto de pesquisa. Desse modo, a partir desses questionamentos, percebemos que a língua(gem) não é transparente, que há condições de produção, sujeito, inconsciente e história constituindo/atravessando o processo de significação. Assim, entendemos que os conhecimentos possuem historicidade própria e relação com as condições de produção, buscando um efeito de “equilíbrio” entre a teoria e a prática.

Para nós, analistas de discurso, o estudo das condições de produção é fundamental para a produção de sentidos, pois é a partir delas que compreendemos como um texto foi produzido e seus possíveis efeitos de sentido. Em vista disso, consideramos essas condições em sentido amplo e em sentido estrito, levando em conta o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2009, p. 30). No processo de produção do discurso, o conceito de memória, posto em relação ao interdiscurso, também é fundamental, pois é a partir da memória, quando acionada, que se fazem valer as condições de produção.

3 UM POUCO MAIS SOBRE ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Conforme Martins (2008), na década de 1980, no Brasil, a Análise de Discurso foi institucionalizada como disciplina, inicialmente, nos Cursos de Pós-Graduação, e depois foi se expandindo para os Cursos de Graduação, nas Instituições de Ensino Superior (IES). Hoje, na contemporaneidade, essa perspectiva teórica já está consolidada como uma disciplina. Nos currículos das IES, há diversos grupos de pesquisa em Análise de Discurso espalhados pelo país, bem como trabalhos acadêmicos e publicações sobre esse campo do conhecimento.

Nunes (2007, p. 110) apresenta a Análise de Discurso como um modo de leitura sustentado por um dispositivo teórico e analítico que leva em conta a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, contribuindo significativamente para o estudo da História das Ideias Linguísticas. Desse modo, a partir da relação entre esses dois campos do conhecimento e da contribuição dos estudos dessas áreas, constituiremos nossa leitura. Conforme Orlandi (1995), “compreensão” é:

[...] apreensão das várias possibilidades de um texto. Para compreender, o leitor deve se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem no texto. Esses processos, por sua vez, são função da historicidade, ou seja, da história do sujeito e do sentido do texto, enquanto discurso. (ORLANDI, 1995, p. 114).

A partir do viés materialista do discurso, a apreensão do sujeito leitor, considerando o sujeito do discurso, dá-se através das distintas possibilidades de leituras. Assim, faz-se importante tomar a historicidade como constitutiva da produção de conhecimento sobre as Ciências. Considerando que “toda leitura tem sua história” (ORLANDI, 2001, p. 42), para nós, a historicidade permite observar os processos de constituição de sentido e o modo como se desentrem as ilusões de clareza e precisão.

Vivemos um momento de reconhecimento dos estudos históricos no campo das ciências da linguagem, fruto de esforços de Auroux (na França) e Koerner¹³ (na Alemanha), que, nos anos 1970, criaram condições acadêmico-científicas para que a História das Ideias¹⁴

¹³ E. F. Koerner é um autor, pesquisador, professor e historiador de Linguística.

¹⁴ Houve uma problemática na designação do campo: em chamá-lo de História das Teorias Linguísticas ou História das Ideias Linguísticas. Entre “teorias” e “ideias”, definiu-se como “ideias” – a fim de “ser menos comprometido etimologicamente, ou, mais exatamente, que concerne a um engajamento diferente, menos normativo, e mais respeitoso com a diversidade de formas e que pode tomar o saber na história [...]”. (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 16).

Linguísticas se desenvolvesse. Conforme Colombat, Fournier, Puech (2017), esse novo campo do conhecimento tem o objetivo de divulgar seus princípios e parâmetros, além da metodologia pela qual a pesquisa pode se desenvolver. Acreditamos, desse modo, que “criar tais condições” é o que atribui a possibilidade de reflexão, sendo esse o papel fundamental de um pesquisador ou estudioso das línguas ou da linguagem.

Conforme explicam os autores Colombat, Fournier e Puech (2017), a tarefa do historiador é, sobretudo, a de investigar a construção do conhecimento e as estratégias e os procedimentos que levaram à sua formação. Isso equivale, segundo os autores, à implementação de dois projetos:

1. a descrição das formas sob as quais os diferentes estados de conhecimento foram representados;
2. a descrição da mudança teórica, i.e., do fato de se passar historicamente de um estado de conhecimento a outro. É igualmente legítimo esperar do historiador que ele ultrapasse a simples descrição da mudança e que proponha uma análise das causalidades da mudança. (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 20).

Refletindo sob o viés discursivo e inscritas na posição de pesquisadoras em Análise de Discurso francesa, compreendemos que o processo de descrição e a análise dos textos possibilitam um olhar comprometido com a linguagem, pois a pensamos como materialidade significativa (ORLANDI, 2018), essa é uma outra forma de pensar a linguagem – e a exterioridade, que lhe é constitutiva, é condição para se introduzir o sujeito e a situação, e ao mesmo tempo, proceder a uma análise a partir do “funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2018, p. 94).

Ademais, para compreendermos a especificidade da História das Ideias Linguísticas, Orlandi propõe que fazer História das Ideias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem, no Brasil, mesmo antes da Linguística se estabelecer como disciplina nas universidades; e, de outro, trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem, tomando posição a partir de nossos compromissos e nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem (ORLANDI, 2001, p. 16).

Desde 2016, há um novo projeto em vigor, coordenado pelo professor Bernard Colombat, no quadro das *Actions Structurantes*, da Université Paris 7. Colombat, Fournier e Puech (2017) apontam que o conhecimento das condições de produção por meio da História das Ideias Linguísticas é indispensável para o entendimento das condições gerais de produção dos saberes linguísticos. Nas palavras dos autores:

[...] a *história das ideias linguísticas* não é seguramente apenas um subconjunto do domínio relativamente indeterminado a que chamamos “história das ideias”. A noção de “contexto” ideológico, filosófico é indispensável à compreensão das condições gerais de produção dos saberes linguísticos, mas ela não tem *valor explicativo* em si mesmo e seu valor descritivo está frágil. (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2017, p. 47-48, grifo nosso).

De fato, o estudo na área de História das Ideias não é seguramente apenas um conjunto de domínios indeterminado, visto que o aporte teórico-metodológico da História das Ideias Linguísticas possibilita circunscrever um trajeto de leitura e gestos de interpretação por entre os arquivos documentais que materializam o percurso da Análise de Discurso.

Procurando dar visibilidade à institucionalização da História das Ideias Linguísticas, foi apresentado, em 2019, um projeto coletivo, intitulado *Produção e circulação na História das Ideias Linguísticas – um gesto em um projeto coletivo a ser construído*¹⁵. Essa é uma proposta recente, organizada pelas Professoras Doutoras Amanda Scherer (UFSM), Claudia Pfeiffer (Unicamp) e Vanise Medeiros (UFF), a qual foi pensada, em 2018, na ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, quando as Professoras observaram como se organiza o Grupo de Trabalho de Análise de Discurso “compreendendo que parte da configuração da História das Ideias Linguísticas se dá também nesse espaço acadêmico-institucional marcado por um percurso, em que de projeto de pesquisa, o conjunto passa a tema de interesse, de tema de interesse a um campo disciplinar” (SCHERER; PFEIFFER; MEDEIROS, 2019).

O gesto das Professoras incide em “uma representação da área História das Ideias Linguísticas, no interior dos estudos da linguagem ao mesmo tempo em que implica em um reconhecimento interno dos modos como, enquanto área, foi se institucionalizando” (SCHERER, PFEIFFER, MEDEIROS, 2019). O projeto busca dar visibilidade para o processo de institucionalização da História das Ideias Linguísticas. Nas palavras das autoras, “com toda força e complexidade que esse processo e essa área merecem”, analisando “a configuração de sua fisionomia” (interna e externa) (ORLANDI, 2002). Isto é, compreendendo como “nós pesquisadores em História das Ideias Linguísticas vamos configurando essa fisionomia, com que gestos e formas” (SCHERER, PFEIFFER, MEDEIROS, 2019).

¹⁵ Apresentados no Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD, no simpósio *Discurso, conhecimento, políticas linguísticas*.

Sendo assim, neste trabalho, propomos alguns encadeamentos teóricos, a fim de explicitar o lugar em que se inscreve a nossa pesquisa, isto é, na Análise de Discurso em articulação com a História das Ideias Linguísticas, bem como movimentamos as noções teóricas que dão embasamento ao nosso trabalho de análise. Nunes (2008) fala sobre essa interlocução em seu artigo *Uma articulação da Análise de Discurso com a História das Ideias Linguísticas*, observando que a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas possuem seus métodos específicos, “mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção” (NUNES, 2008, p. 109).

Partindo dessa proposição, pensamos juntamente com Medeiros (2020, p. 166), sobretudo tomando o texto *Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas: Perscrutando conceitos*, que nenhum campo do conhecimento se faz sem a relação com outros, seja de oposição ou mesmo de rejeição; seja de aliança, continuidade ou reformulação; seja de escuta e maturação do que se formula alhures para rumações que se apresentam do seu lugar teórico. E, desse modo, pensando nessa interlocução entre os campos do conhecimento, efetuam-se leituras a partir de dadas condições de produção, considerando-se a materialidade da linguagem na qual esses discursos são produzidos e evitando tomá-los como documentos transparentes, ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna.

Ademais, no texto *O que é, com efeito, o presente? Formas de fazer ciência com arquivo*, de Vanise Medeiros e Phellipe Marcel da Silva Esteves, a leitura nos provoca a reflexão, especialmente, por tratar de “arquivos no plural” (MEDEIROS; ESTEVES; 2020, p. 13), isso porque o livro, o qual se intitula **Almanaque de fragmentos: Ecos do século XIX**, é composto por verbetes de diversos pesquisadores. São produções como essa que mostram que a produção do conhecimento não acontece de forma isolada, visto que é dessa relação que resulta a “visada heterogênea – nos interesses, nas pesquisas, nas teorias, nas abordagens, nas formas de entrada nos arquivos, na escrita na composição” (MEDEIROS; ESTEVES, 2020, p. 13).

Por isso, pensando que a articulação entre esses dois domínios: Análise de Discurso e História das Ideias Discursivas é imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho, pensamos que para:

[...] as diversas formas de discursos sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos e suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se toma-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. (NUNES, 2008, p. 110).

Assim, compreendemos que a teoria da Análise de Discurso francesa contribui para o entendimento das relações entre língua, sujeito e discurso e, nesse sentido, entre o discurso e suas condições de produção. Desse modo, conforme Faria e Medeiros (2018, p. 49) “não se trata de atrelar uma teoria à outra, mas sim de pensar nosso(s) objeto(s) de estudo”, isto é, o(s) discurso(s), tanto pelo aparato teórico metodológico da Análise de Discurso quanto da História das Ideias Linguísticas.

Para Auroux (1992), a História das Ideias Linguísticas é contada a partir de três iniciativas: a primeira visa constituir uma base documental para a pesquisa empírica; a segunda está em continuidade com uma prática de conhecimento; e, por fim, a terceira tem papel fundador, ou seja, que se volta para o passado com a finalidade de legitimar uma prática científica contemporânea. O autor defende que, na terceira iniciativa, o ato de saber possui uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão e, também, um horizonte de projeção.

A Professora Eni Orlandi, ainda em 2001, já refletia sobre a importância de se contar a História das Ideias Linguísticas, tomada pela posição da Análise de Discurso e pensando o conhecimento como um discurso, situando-nos no ponto em que o sujeito de conhecimento pode ser observado no seu horizonte de retrospectão e de projeção (AUROUX, 1992), visando, dessa forma, não à reconstrução de uma história, mas ao processo pelo qual ela é contada. Assim, a Análise de Discurso disponibiliza conceitos teóricos que se relacionam com a língua, com a exterioridade e com as condições de produção, em que a maneira de refletir e de questionar é o que leva à produção de outros sentidos e a outras leituras do objeto de análise.

Acompanhando os trabalhos de Orlandi, destacamos publicação de 2018, na qual ela defende que os sentidos não são exatos, não têm a universalidade abstrata dos sistemas. Assim, por não haver consenso produzido, problematizamos aquilo que se lê e, portanto, comprometemo-nos com os (diferentes) sentidos, porque “há a contradição e o equívoco. Há inconsciente e ideologia funcionando” (ORLANDI, 2018, p. 92) além do sujeito, considerado como sujeito discursivo, um sujeito interpelado e constituído pelo momento sócio-histórico em que está inserido.

Orlandi (2018) já nos dá indicações de estudos em História das Ideias Discursivas, propondo fazer ciência baseada em uma perspectiva discursiva, que vai considerar que não há

uma interpretação, mas interpretações possíveis de um mesmo objeto. Esses gestos interpretativos vão depender de cada sujeito, o qual é interpelado ideologicamente por uma formação discursiva e dotado de inconsciente, assumindo uma posição sujeito e, por isso, o seu dizer é passível de falhas e equívocos. Sendo assim, não há como se ter, dentro da Análise de Discurso, a interpretação única e/ou correta.

A História das Ideias Discursivas¹⁶ é uma área da História das Ideias pensada a partir da História das Ideias Linguísticas. A partir do texto de Orlandi, *Ética, Ciência, Ideologia e Interpretação*, publicado em 2018, conhecemos tal linha de pesquisa proposta pela autora. A História das Ideias Linguísticas é um campo de conhecimento que vai muito além do estudo sobre a linguagem, acessando outros campos do conhecimento. Nessa perspectiva, buscamos um olhar diferenciado como pesquisadoras, dialogando com os arquivos, movimentando-os, indagando-os, para trazer à discussão sentidos que se complementam, instaurando uma “historicidade”. Refletimos sobre a opacidade característica da linguagem, nesse viés a historicidade é entendida por nós como uma noção que remete aos processos de constituição dos sentidos, dos sujeitos e da maneira como se desconstroem e rompem as percepções de clareza e lógica do nosso objeto, considerando, assim, também conforme Orlandi (2001, p. 42) que “toda leitura tem sua história”.

Desse modo, seguimos a proposta de filosofia de interpretação, proposta por Orlandi (2018) que desestabiliza conceitos e, assim, amplia as margens para interpretação. Em outras palavras, entendemos que, a partir de uma análise de perspectiva discursiva, construímos nossos dispositivos teórico-metodológico-ideológicos, os quais deslocam nosso olhar, nossa escuta. E, nesse sentido, concordamos com Orlandi (2018), quando reafirma que a Análise de Discurso está preparada para levar em conta o não exato, o desconhecido, o incompreensível, através de seus procedimentos teóricos e analíticos. Há gestos de interpretação que constituem o sujeito na posição de analista e, ao mobilizar um dispositivo teórico-metodológico, ele é capaz de compreender/produzir (outros) efeitos de sentido. Portanto, ler é saber que o sentido (embora não seja qualquer um) pode ser sempre outro, já que é atravessado pelas condições de produção do sujeito que o produz.

¹⁶ Tal linha de pesquisa foi abordada a partir da publicação do texto de Orlandi (2017, p. 261-281), *Sobre matéria, movimento e equívoco*, em que a pesquisadora trata sobre noções da Análise de Discurso, como: sujeito, silêncio, materialidade discursiva, equívoco, memória etc.

4 PASSOS METODOLÓGICOS: UM OLHAR SOBRE O *CORPUS*

Buscamos, neste capítulo, realizar a descrição de nosso objeto de pesquisa com o intuito não apenas de nos apropriarmos do arquivo linguístico-discursivo, mas também de reconstruir modos de produção do conhecimento a partir de nosso gesto de leitura. Nesse caminho, assumimos a posição do analista de discurso: “aquele que pode assumir, entre diversas, a posição de sujeito é aquele que questiona saberes definidos e estáveis no fio do discurso” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59).

Nossos gestos de leitura e interpretação do arquivo se dão desde a construção e constituição do *corpus*, compreendendo as questões de: *como se dá o acesso? Onde? Sob quais condições?* Refletimos sobre o acesso aos documentos e a maneira de apreendê-los. Assim, conforme Petri (2018, p. 104), procuramos “tomar de assalto”, isto é, problematizar, desestabilizar os sentidos para “saber mais sobre a sua história e a sua plasticidade”. Dizendo de outra maneira, buscamos mostrar ao leitor como a Análise de Discurso pode dar embasamento para se pensar os estudos da linguagem em relação a outras áreas do conhecimento, com suas faltas e saturações, uma vez que ela se constitui como uma disciplina de entremeio entre as Ciências Humanas e Sociais.

Desse modo, a fim de construir o nosso arquivo, selecionamos previamente alguns itens de busca, sãoas palavras entendidas por nós como referências à Análise de Discurso, são elas: “discurso”, “Análise de Discurso”, “discurso sobre”, “discurso de/da/do”, “materialidades”, “materialidades discursivas” e “discursividade”. Isso posto, tais palavras foram buscadas, inicialmente, de forma isolada, nas Plataformas de pesquisa *Google*, *Google Acadêmico*, *Lattes e Sistema CAFe*. Especialmente na *Plataforma Lattes*, encontramos diferentes autores de áreas diversas, para além dos estudos da linguagem, que publicavam em Análise de Discurso de linha francesa e de continuidade brasileira. Nas outras plataformas, localizar esses sujeitos foi mais difícil, geralmente, a maior parte deles tinha vínculos com as Ciências da Linguagem ou seus orientadores tinham tal formação e/ou vínculo.

Prosseguindo na investigação, depois de acessar alguns trabalhos, associamos algumas palavras com contexto, por exemplo, “Análise de Discurso, Ciências Humanas”, “Ciências Sociais, Análise de Discurso”, “Discurso do meio ambiente, Análise de Discurso”, “discurso sobre o discurso”, “discurso sobre o clima”, “sentidos produzidos”, “Orlandi” e “Pêcheux”. Essa pesquisa deu-se na *Plataforma Lattes* principalmente e lá apareceram como resultado da busca textos em Análise de Discurso e trabalhos acadêmicos, dentre eles, destacamos trabalho

de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses. Após essa etapa, identificamos autores e orientadores, buscamos conhecê-los através da *Plataforma Lattes* e do portal de periódicos da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe). Tal processo de exploração permitiu que fosse definido nosso arquivo propriamente dito com dez teses.

Nessa direção, nosso *corpus* foi constituído a partir do recorte dessas dez teses¹⁷ de doutorado de diferentes áreas para além da área de Letras, publicadas/defendidas entre 2017, 2018 e 2019. A seguir, disponibilizamos um quadro ilustrativo (Quadro 1), que mostra os dados da pesquisa. Esse quadro apresenta o título dos trabalhos, os nomes dos autores e dos orientadores, a titulação obtida, a área de concentração/desenvolvimento e a data de defesa da tese. Sendo assim, faz-se importante destacar que, num esforço metodológico, subdividimos os trabalhos consultados em dois grupos, seguindo os seguintes critérios:

Grupo 1: Constitui-se de quatro trabalhos. Primeiro lançamos um olhar sobre o título e, após, às palavras-chave e aos resumos: nesses espaços não identificamos termos linguísticos que marcam a presença explícita da teoria discursiva.

Grupo 2: Constitui-se de seis trabalhos, nos quais há referência à teoria, tanto nos títulos quanto nos resumos e nas palavras-chave.

¹⁷ Compreendemos “tese”, conforme a NBR 14724 da ABNT (2011), como “[um] documento que apresenta o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa a obtenção do título de doutor, ou similar”.

Quadro 1 – Arquivo de pesquisa

Nº do trabalho	Título da Tese	Autor(a)/ Orientador(a)	Titulação/Área de concentração/Ano de defesa	Instituição a qual a tese está vinculada
Trabalho 1	Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab)	Ana Carine Rolim; Carlos Roberto Silveira Corrêa	Doutora em Saúde Coletiva; Epidemiologia; 2018.	Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Ciências Médicas
Trabalho 2	Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de física	André Coelho da Silva; Maria José Pereira Monteiro de Almeida	Doutor em Educação; Educação; 2017.	Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação
Trabalho 3	O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem	Andressa da Silveira; Eliane Tatsch Neves	Doutora em Enfermagem Cuidado, Educação e Trabalho em Enfermagem e Saúde; 2017.	Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Ciências da Saúde
Trabalho 4	Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais	Gloria Lucia Magalhães; Maria José Pereira Monteiro de Almeida	Doutora em Educação; Ensino e Práticas Culturais; 2017.	Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação
Trabalho 5	Discurso sobre o emagrecimento no <i>Facebook</i> e <i>Instagram</i>	Elaine Marangoni; Marcia Reami Pechula	Doutora em Educação; Educação; 2019.	Universidade Estadual Paulista - Instituto de Biociência - Rio Claro.
Trabalho 6	Comunicação no discurso ambiental	Elza Kioko Kawakami Savaget; Mateus Batistella	Doutora em Ambiente e Sociedade; Aspectos Sociais de Sustentabilidade e Conservação; 2018.	Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

(continua)

Trabalho 7	Discursos sobre o clima do nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos	Lívia Dias de Azevedo; Edson Roberto de Souza	Doutora em Ciências; Ensino e História das Ciências da Terra; 2019.	Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Geociências
Trabalho 8	A simbiose discursiva entre religião e mercado: um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo	Ronivaldo Moreira de Souza; Elizabeth Moraes Gonçalves	Doutor em Comunicação Social; Processos Comunicacionais; 2018.	Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades
Trabalho 9	Sentidos produzidos no desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre termodinâmica num curso de Engenharia de Produção	Tatiana Lança; Maria José Pereira Monteiro de Almeida	Doutora em Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática; Ensino de Ciências e Matemática; 2018.	Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Física "Gleb Wataghin" – Pecim.
Trabalho 10	Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência	Gisandro Cunha Ilha; Martha Bohrer Adaime	Doutor em Educação em Ciência; Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde; 2019.	Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Ciências Naturais e Exatas

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

Nosso interesse está voltado para a perspectiva de fazer história da ciência, a partir da perspectiva discursiva, utilizando como objeto de análise discursos, de diferentes áreas, presentes em diferentes momentos dos trabalhos consultados: títulos, resumos, palavras-chave, sumários e referências.

No processo de leitura dos trabalhos, observamos que existe uma questão apreendida no campo das ciências: a busca por uma objetividade no discurso desse sujeito autor do discurso.

Perspectiva essa a qual estamos buscando desconstruir, a partir da problematização e desestabilizando sentidos e noções que são próprias da teoria-metodologia da Análise de Discurso francesa. Visto que nossa questão de pesquisa, que orienta a leitura do *corpus*, está em compreender, a partir da análise dos recortes, *como o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa e sua metodologia funcionam na produção do conhecimento para além da área das Letras?* Observamos que entre os autores dos trabalhos de tese consultados e pesquisados em nossa dissertação, para a constituição do *corpus*, os dez selecionados possuem pós-graduação fora da área de Letras, conforme podemos observar no Quadro 2, em que disponibilizamos o primeiro nível da formação universitária (graduação), o segundo nível (mestrado) e terceiro nível (doutorado) de cada um desses autores. Essas informações podem ser verificadas por meio da *Plataforma Lattes* do CNPq.

Quadro 2 – Níveis de formação superior e áreas de conhecimento¹⁸

TRABALHO	GRADUAÇÃO EM	MESTRADO EM	DOCTORADO EM
TRABALHO 1	ENFERMAGEM	SAÚDE COLETIVA	SAÚDE COLETIVA
TRABALHO 2	LICENCIATURA EM FÍSICA	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO
TRABALHO 3	ENFERMAGEM	ENFERMAGEM	CUIDADO, EDUCAÇÃO E TRABALHO EM ENFERMAGEM E SAÚDE
TRABALHO 4	PEDAGOGIA	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO, NA ÁREA ENSINO E PRÁTICAS CULTURAIS
TRABALHO 5	PUBLICIDADE E PROPAGANDA	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO
TRABALHO 6	COMUNICAÇÃO SOCIAL	MEMÓRIA SOCIAL	AMBIENTE E SOCIEDADE NA ÁREA DE ASPECTOS SOCIAIS DE SUSTENTABILIDADE E CONSERVAÇÃO
TRABALHO 7	LICENCIATURA EM GEOGRAFIA	DESENHO CULTURAL E INTERATIVIDADE	ENSINO E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA TERRA
TRABALHO 8	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMUNICAÇÃO SOCIAL
TRABALHO 9	LICENCIATURA FÍSICA	EDUCAÇÃO	MULTIUNIDADES EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, ÁREA DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
TRABALHO 10	QUÍMICA INDUSTRIAL	EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE	EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em consulta às informações disponibilizadas pelos autores das teses na *Plataforma Lattes* – CNPq.

¹⁸ Essas informações são de responsabilidade dos autores.

A partir desse primeiro gesto acerca das especificidades de formação acadêmica dos autores, seguimos com a proposta da filosofia de interpretação, que Orlandi (2018, p. 91) nos propõe em seu texto *Ética, Ciência, Ideologia e Interpretação*. Tal filosofia trabalha a partir da desestabilização de conceitos e, assim, na ampliação das margens para a interpretação, pois, quanto mais silêncio, mais apelamos ao dizer, mais ao significar; a incompletude é falta essencial, irrecorrível. Por isso, na Análise de Discurso, construímos nossos dispositivos teóricos, metodológicos e ideológicos, que deslocam nosso olhar, nossa escuta (ORLANDI, 2018, p. 100). Acreditamos, assim, a partir de nosso recorte inicial de leitura do *corpus*, na recuperação das condições de produção dessas teses, mostrando aspectos no discurso do sujeito.

Para as análises, mobilizamos cinco mo(vi)mentos no interior dos trabalhos, são eles:

- (i) **Nos títulos**, identificando regularidades linguísticas e a presença e/ou ausência de palavras ou expressões que se referem à Análise de Discurso pecheuxtiana. Movimentos metodológicos:
- (ii) **Na introdução do *corpus***, descrevendo e articulando o *corpus* analítico com as teorias da História das Ideias Linguísticas, Análise de Discurso e História das Ideias Discursivas, propondo uma leitura interpretativa dos títulos, permitindo a “reconstrução dos gestos de leituras subjacentes” (GIORGENON *et al.*, 2015, p. 10) e apresentando brevemente os autores das teses consultadas para a pesquisa deste trabalho, a partir da pesquisa na *Plataforma Lattes*.
- (iii) **Nos resumos e nas palavras-chave**, verificando se a Análise de Discurso é constitutiva do trabalho ou se entra como método, observando as regularidades discursivas, especificamente, nas palavras-chave, averiguando se existem palavras e/ou expressões que apontem para essa teoria.
- (iv) **No sumário**, localizando recorrências de marcas linguístico-discursivas e observando se/quais autores da Análise de Discurso pecheuxtiana estão presentes.
- (v) **Nas referências bibliográficas**, fazendo um levantamento da porcentagem dos textos lidos, consultados e citados pelos autores são destinados ao estudo e à compreensão da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux.

4.1 *CORPUS* DE PESQUISA DOS TRABALHOS CONSULTADOS: OS TÍTULOS

Nesta seção, propomos uma leitura inicial dos dez títulos dos trabalhos consultados, compreendendo que o título, conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 21), “estabelece o assunto e, às vezes, até a intenção do autor” e, de acordo com a NBR 14724 (ABNT, 2011), ele consiste na “palavra, expressão que designa o assunto ou o conteúdo de um trabalho”. Neste momento, identificamos **em negrito** as regularidades linguísticas e a presença e/ou ausência de palavras ou expressões que se referem à Análise de Discurso francesa.

Assim, partimos desses elementos buscando entender tais marcas linguísticas. Levamos em conta que há algumas reflexões sobre títulos que não passam por conteúdo. No texto *Pregas de um título: fotograma de las tensiones y disputas discursivas en/de la actualidad*, as Professoras Mara Glozman e Vanise Medeiros propõem, na apresentação ensaística da revista *Fragmentum*, considerações acerca do título:

Tem estatuto hierárquico: imperioso numa publicação acadêmica. [...] é prospectivo: fragmento que se faz enunciado e se oferece como porta de entrada. Um título costura um número de uma revista num triplo movimento: convoca, com a chamada à qual ele intitula, a escrita dos artigos; serve como gesto de agrupamento do que nela se encontra; norteia a leitura dos textos. (GLOZMAN; MEDEIROS, 2019, p. 10).

Além disso, a partir dessa reflexão, entendemos, junto com Compagnon (1996, p. 107), que a função primeira do título é entendida como uma referência.

Entendemos o título, conforme a NBR 14724 (ABNT, 2011), como palavra, expressão ou enunciado que designa o assunto ou o conteúdo de um trabalho, e as palavras-chave como “palavra representativa do conteúdo do documento, escolhida, preferentemente, em vocabulário controlado”, conforme a NBR 6028 (ABNT, 2002). O título e as palavras-chaves são os dois elementos que, conforme a ABNT, apresentam e representam o conteúdo do trabalho, respectivamente.

Os títulos das teses por nós selecionadas são os seguintes:

T1: *Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab)* (ROLIM, 2018)

T2: *Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de física* (SILVA, 2017)

T3: *O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem* (SILVEIRA, 2017)

T4: *Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais* (MAGALHÃES, 2017)

T5: *Discurso sobre o emagrecimento no Facebook e Instagram* (MARANGONI, 2019)

T6: *Comunicação no discurso ambiental* (SAVAGET, 2018)

T7: *Discursos sobre o clima do nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos* (AZEVEDO, 2019)

T8: *A simbiose discursiva entre religião e mercado: Um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo* (SOUZA, 2017)

T9: *Sentidos Produzidos no Desenvolvimento de uma Unidade de Ensino sobre Termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção* (LANÇA, 2018)

T10: *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência* (ILHA, 2019)

Gesto de interpretação 1 – A partir da leitura dos títulos dessas teses, observamos que os primeiros quatro não trazem marcas explícitas, sequências discursivas e/ou expressões que remetam o leitor ao campo do saber da Análise de Discurso funcionando como um método de análise. Para compreender um pouco das condições de produção das teses, apresentamos, a seguir, o nome dos autores e suas formações junto aos títulos¹⁹:

T1: *Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab)* (ROLIM, 2018)

Autora: **Ana Carine Arruda Rolim**, Graduação em Enfermagem. Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Mestrado em Saúde Coletiva (Conceito CAPES 4), na Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Brasil, com período sanduíche na Universidade Estadual de Campinas. **Orientador:** **Prof. Dr. Carlos Roberto Silveira Correa**, o qual é graduado em Medicina, realizou

¹⁹ Os resumos sobre o percurso acadêmico dos autores e seus respectivos orientadores foram retirados do Currículo Lattes. Os destaques, tanto em itálico quanto em negrito, são nossos. A consulta foi realizada em 13 de maio de 2020.

Residência Médica em Pediatria, Mestrado em Medicina e Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas.

T2: *Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de física* (SILVA, 2017)

Autor: **André Coelho da Silva**, Graduação em Licenciatura em Física, pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil (2011), Mestrado em Educação (Conceito CAPES 5). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil (2013).

Orientadora: **Profa. Dra. Maria José Pereira Monteiro de Almeida**, Professora do programa de Pós-Graduação em Educação e do programa Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Estadual de Campinas. Atuou em disciplinas da Licenciatura e Pedagogia na mesma Universidade de 1983 a 2013, tendo antes lecionado no Ensino Médio e trabalhado na Fundação Brasileira Para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências. Foi coordenadora do grupo de estudo e pesquisa em Ciência e Ensino - gepCE desde a sua fundação em 1995 até 2013 e líder desse grupo de 2014 a 2019. Atua na área de Educação e Ensino da Ciência, principalmente em: Ensino de Ciências/Física e Linguagens; Formação de Professores e Ensino e Práticas Culturais.

T3: *O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem* (SILVEIRA, 2017)

Autora: **Andressa da Silveira**, Graduação em Enfermagem, pela Universidade Franciscana, UFN, Brasil (2008), Mestrado em Enfermagem (Conceito CAPES 4), pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil (2012). **Orientadora:** **Profa. Dra. Eliane Tatsch Neves**, Pós-doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP (2014-2015) com fomento CNPq. Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007).

T4: *Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais* (MAGALHÃES, 2017)

Autora: **Gloria Lucia Magalhães**, Graduação em Pedagogia. Centro Universitário do Sul de Minas, UNIS/MG, Brasil (1989); Mestrado em Educação (Conceito CAPES 5). Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Brasil (2008).

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Pereira Monteiro de Almeida, Professora do programa de Pós-graduação em Educação e do programa Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Estadual de Campinas. Atuou em disciplinas da Licenciatura e Pedagogia na mesma Universidade de 1983 a 2013, tendo antes lecionado no Ensino Médio e trabalhado na Fundação Brasileira Para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências. Foi coordenadora do grupo de estudo e pesquisa em Ciência e Ensino – gepCE desde a sua fundação em 1995 até 2013 e líder desse grupo de 2014 a 2019. Atua na área de Educação e Ensino da Ciência, principalmente em: Ensino de Ciências/Física e Linguagens; Formação de Professores e Ensino e Práticas Culturais.

Concordamos com Giorgenon *et al.* (2015, p. 10) quando afirmam que a Análise de Discurso pressupõe a construção de um método que leva em consideração o posicionamento do sujeito quando da produção discursiva. Assim, a partir de uma primeira leitura, entendemos que as informações de autoria e de formação acadêmica importam para este estudo, na medida em que reiteram a filiação acadêmica dos sujeitos pesquisadores. É possível que a não menção, nos títulos das teses, de palavras e expressões próximas da Análise de Discurso signifique um silenciamento, um não dar conta da teoria ou uma preocupação em enfatizar apenas as áreas de conhecimento²⁰ nas quais esses autores se inscrevem prioritariamente, não se apropriando das especificidades de um outro dispositivo teórico-metodológico.

Acreditamos ser fundamental mobilizar em nossas reflexões considerações acerca da compreensão que temos sobre o que marca a posição de autoria ou a função-autor, assim, nas palavras de Orlandi (1996):

[...] o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso (memória), ele historiciza seu dizer. Por que assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo. (ORLANDI, 1996, p. 70).

O autor, então, é aquele que inscreve sua formulação e historiciza, formula, toma uma posição frente ao discurso e ao sujeito; o autor é aquele que discursiviza e também aquele que silencia. Na Análise de Discurso, de acordo com Orlandi (2007), temos duas formas de silêncio: o silêncio que é constitutivo e o silêncio que se dá pela censura (proibição do dizer). Acreditamos que esse silenciamento – a não menção à Análise de Discurso nesses quatro trabalhos apresentados até aqui – trata-se da concepção de silêncio constitutivo do sujeito, pois

²⁰ Tratamos no plural, já que são diferentes autores de diferentes áreas.

essa “condição de significação, resulta que há uma incompletude constitutiva da linguagem quanto ao sentido” (ORLANDI, 2007, p. 131), entendendo que o sujeito tem uma relação importante com a incompletude, visto que ele, ao produzir um discurso científico, produz um esforço muito grande para pretensamente silenciar a sua subjetividade.

Existe, por outro lado, um deslocamento desse sentido ao silenciar, pois, conforme Orlandi (2007, p. 35), “quando não falamos [...] estamos em silêncio: há ‘o pensamento’, a introspecção, a contemplação etc.” A hipótese de Orlandi (2007) é de que há, na relação com a linguagem, uma progressão histórica do silêncio para a verbalização, o que se reflete no discurso da ciência.

Ressaltamos que o gesto de interpretação decorrido do sujeito-pesquisador é, constitutivamente, um gesto de autoria e torna-se necessário tanto para que se registre o conhecimento científico quanto para divulgá-lo. Ademais, concordamos que:

[...] a escrita acadêmica constitui-se como um produto desse gesto. Se há, como vimos, uma injunção à interpretação, a autoria, sob essa perspectiva, pode ser compreendida, tal como propõe Medeiros (2003), como uma injunção ao dizer, isto é, o sujeito é interpelado em sujeito-responsável por uma prática discursiva (dita científica) pela FD dominante e, com isso, é colocado e se coloca – visto que tem a ilusão de ser o senhor do seu dizer – como autor. (GIORGENON *et al.*, 2015, p. 10).

Neste momento, de forma discursiva, buscamos olhar para os recortes por nós estabelecidos procurando identificar regularidades, também demos atenção às referências bibliográficas que constituem esses trabalhos, objetivando compreender um pouco mais sobre como a Análise de Discurso comparece nesses diferentes espaços de produção do conhecimento. Os títulos, resumos, palavras-chave, sumários e referências nos mostram os indícios do funcionamento da Análise de Discurso em trabalhos acadêmicos para além da área de Letras. Considerando que a Análise de Discurso contribui para a análise dos objetos, observamos em nossa pesquisa se tais autores exploram as leituras da Análise de Discurso de forma “aproveitá-la” na sua pesquisa.

Entendemos nossa posição como a de:

[...] descrever e interpretar um conjunto textual é se interrogar sobre o seu funcionamento, colocando em jogo forma e sentido, forma e função, é, por consequência, entender as suas regularidades, [...] isto é interpretação. (SCHERER, 2006, p. 14).

Assim, partimos desses elementos buscando entender e refletir sobre o lugar que essas marcas linguístico-discursivas – dos/nos títulos – ocupam e como convocam (ou não) um lugar teórico. Especialmente, considerando um ponto de vista discursivo – o qual nos inserimos – que foi se construindo/constituindo em toda a nossa trajetória acadêmica, enquanto pesquisadoras do Curso de Letras, Linguística e Análise de Discurso. Por isso, não entraremos numa questão analítica, porque teríamos que conhecer as outras áreas do conhecimento. A grosso modo, estamos entendendo que a área de doutoramento pode/deve determinar a elaboração do título e das palavras-chave, posto que isso é observado nos parâmetros de avaliação nacionais.

Orlandi (2002), em seu livro **Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil**, faz uma reflexão analisando que os conceitos de ética e política não se separam da constituição da História das Ideias, especialmente, quando estamos pensando sob uma perspectiva atual da produção do conhecimento na sociedade. Nessa relação de produção de conhecimento, em que ética, política e História das Ideias caminham juntas, o pesquisador, o tema de sua pesquisa e o método científico de análise vão simbolizar tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos, os quais se materializam numa determinada produção científica. Dessa forma, é possível perceber que tanto a atividade de pesquisa quanto o seu objeto não são neutros, e que o trabalho de pesquisa é uma atividade política.

Entendemos o conceito de política como aquele que nos encaminha a compreender os diferentes posicionamentos e a capacidade de negociação de sentidos, e a ética, como a noção que nos permite depreender quais são as filiações assumidas. Como tem afirmado Orlandi (2002):

[...] a história das ideias linguísticas inclui o político e põe a questão da ética, uma vez que esta trata do modo como funcionam os princípios que fundamentam a vida social. Como pensamos o processo de produção do conhecimento e não meramente seus produtos, a questão do saber adquire o sentido de uma prática que deixa resultados na história do homem. O político se caracteriza assim como lugar de disputa dos princípios que regem a vida social em suas diferenças, sendo ele próprio a prática dessas diferenças. (ORLANDI, 2002, p. 16, grifos nossos).

A partir disso, podemos apreender que os sujeitos que ocupam esse lugar de autor das quatro primeiras teses, decididos a utilizar a metodologia da Análise de Discurso pecheuxtiana, assumem a posição de não referenciar tal informação nos títulos de seus trabalhos. Essa tomada de posição pode ser justificada pela inscrição do sujeito em uma formação discursiva prioritariamente, nesse caso, consideramos como o(s) sujeito(s) (também os orientadores)

inscreve(m)-se. Assim, conforme Orlandi (2017, p. 26), há injunção à interpretação – nós, sujeitos, “somos instados” a interpretar –; o sentido aparece como evidente: ao interpretar-se, nega-se a interpretação e suas condições no momento mesmo em que ela se dá, e se tem a impressão do sentido “lá”.

Por isso, nossa ideia é seguir as análises pela via da apresentação do resumo da vida acadêmica de cada autor e orientador²¹, conhecendo esses sujeitos de conhecimento e seus domínios de saber a partir das condições de produção que os formam e os constituem. Observamos, nos outros seis trabalhos de tese selecionados, a presença de marcas e recorrências linguísticas referentes ao campo teórico-metodológico da Análise de Discurso pecheuxiana. São eles:

T5: *Discurso sobre o emagrecimento no Facebook e Instagram* (MARANGONI, 2019)²²

Autora: Elaine Marangoni, Doutora em Educação pela UNESP de Rio Claro (2019), Mestre em Educação pela USP de Ribeirão Preto (2013), MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (2006), graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Cásper Líbero (2001), e em Letras Port/Ing pela UNIFRAN/Cruzeiro do Sul (2020). Atua como Professora Universitária nas Faculdades Integradas de Jahu, como Professora Particular nas áreas de Educação, Comunicação, Marketing e Letras, em plataformas de ensino on-line e como Redatora para agências de publicidade. **Orientadora:** Profa. Dra. **Marcia Reami Pechula**, livre-docente em Filosofia da Ciência (Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro, 2018). Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-São Paulo, 2001). Mestre em Educação (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 1995). Graduada em Filosofia (PUC-CAMPINAS, 1987). Docente efetiva (RDIDP) do Departamento de Educação e do Programa de pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado), do Instituto de Biociências – UNESP Rio Claro. Tem experiência nas áreas de ensino de Filosofia da Ciência e Bioética.

T6: *Comunicação no discurso ambiental* (SAVAGET, 2018)

Autora: Elza Kioko Kawakami Savaget, Doutora em Ambiente e Sociedade pelo Núcleo Estudos e Pesquisas Ambientais - NEPAM da Universidade Estadual de Campinas -

²¹ Esses resumos foram acessados na *Plataforma Lattes* em 30 de julho de 2020.

²² Os grifos são nossos.

UNICAMP. Mestrado em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, em fev. 2013. Graduada em Comunicação Social pelo CUP - Centro Unificado Profissional (1982), atual Universidade. Atuou como pesquisadora do Programa Amazalert. Atua como pesquisadora do Projeto Bonito-lustrado pelo NEPAM. Foi consultora para o tema sobre meio ambiente para os programas do jornalismo do Canal Futura. Atuou como produtora executiva do Programa Globo Ecologia, programa semanal sobre meio ambiente que foi transmitido pela Rede Globo e Canal Futura - de 1990 até 2011. Membro do Conselho Curador da Fundação Pró Tamar. Membro do Conselho da Associação Mico-Leão-Dourado. Tem experiência em temas de meio ambiente sustentabilidade e comunicação. **Orientador:** Prof. Dr. **Mateus Batistella**, possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1987), graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Ecologia pela Universidade de São Paulo (1993) e doutorado em Ciências Ambientais pela Indiana University (2001). É pesquisador da Embrapa e docente permanente da Universidade Estadual de Campinas no programa de doutorado em Ambiente e Sociedade. Tem atuação interdisciplinar, principalmente em ecologia de paisagens e de vegetação, uso e cobertura das terras, pesquisas e inovações geoespaciais para a agricultura e ambiente. Atualmente é pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária.

T7: *Discursos sobre o clima do nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos* (AZEVEDO, 2019)

Autora: Lívia Dias de Azevedo, possui Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas (2019), Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2010), Especialização em Metodologia do Ensino pela Universidade do Estado da Bahia (2005) e Graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2003). Nos últimos anos, tem se dedicado ao estudo dos discursos sobre o Nordeste brasileiro na perspectiva da Análise de discurso franco-brasileira e a história dos exames de seleção no Brasil. Integra o Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade e o Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais. Faz parte da coordenação do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE e coordenação da Área de Prática de Ensino do Departamento de Educação. É membro representante da UEFS junto ao Conselho Municipal de Educação do município de Feira de Santana. **Orientador:** Prof. Dr. **Edson Roberto De Souza**, professor de Física do colégio Visconde de Porto Seguro (Campus

Valinhos), professor de Física da Escola Comunitária de Campinas e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Ensino e História de Ciências da Terra (PEHCT/IG/UNICAMP). Atua como pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM/FE/UNICAMP). Foi o primeiro aluno do IG/UNICAMP a obter em regime de cotutela duplo título de doutorado (2015), se tornando doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas e doutor em Ciências Experimentais e Sustentabilidade pela Universitat de Girona. É Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas (2011) e especialista em Educação pela Universidade São Leopoldo Mandic (2010). É licenciado em Física pela Universidade Federal de São Carlos (1998). Teve sua tese premiada pela Fundação Carlos Chagas na área de Ensino pela Menção Honrosa no Prêmio Capes de Teses 2015.

T8: *A simbiose discursiva entre religião e mercado: Um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo* (SOUZA, 2018)

Autor: **Ronivaldo Moreira de Souza**, Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP) na área de concentração Comunicação e Cultura Midiática. Pesquisador da linguagem e discurso nos fenômenos religiosos midiáticos, também, do discurso institucional e mercadológico na sociedade de consumo. Interessa-se por pesquisas que contemple a comunicação, linguagem e discurso na interseção entre mídia, religião e cultura. Assistente editorial da Revista E-Compós.

Orientadora: Profa. Dra. **Elizabeth Moraes Gonçalves**, possui graduação em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo, mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Até 2017, foi Professora titular da Universidade Metodista de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Orientou mestrado e doutorado na linha de pesquisa de Comunicação Institucional e mercadológica, com ênfase nos estudos sobre linguagem e discurso. Líder do grupo de pesquisa de Estudos de Comunicação e Linguagem – COLING, a pesquisadora é vice-coordenadora do GT de Comunicação Publicitária da ALAIC e foi editora executiva da Revista Comunicação & Sociedade.

T9: *Sentidos Produzidos no Desenvolvimento de uma Unidade de Ensino sobre Termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção* (LANÇA, 2018)

Autora: Tatiana Lança, possui graduação em Bacharelado Física pela Universidade Estadual de Campinas (2001), graduação em Licenciatura Física pela Universidade Estadual de Campinas (2002), Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática, na área de Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2018). Atualmente é Professora no Centro Universitário Padre Anchieta. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Ensino de Física, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, ensino médio, ensino superior, leis de newton, termodinâmica e divulgação científica. **Orientadora: Profa. Dra. Maria José Pereira Monteiro de Almeida**, Professora do programa de Pós-graduação em Educação e do Programa Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Universidade Estadual de Campinas. Atuou em disciplinas da Licenciatura e Pedagogia na mesma Universidade de 1983 a 2013, tendo antes lecionado no Ensino Médio e trabalhado na Fundação Brasileira Para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências. Foi coordenadora do grupo de estudo e pesquisa em Ciência e Ensino - gepCE desde a sua fundação em 1995 até 2013 e líder desse grupo de 2014 a 2019. Atua na área de Educação e Ensino da Ciência, principalmente em: Ensino de Ciências/Física e Linguagens; Formação de Professores e Ensino e Práticas Culturais. É Livre-Docente e Titular em Metodologia de Ensino: Física, pela Universidade Estadual de Campinas. Concluiu Pós-doutorado (1997), Doutorado em Ciência (1987), Mestrado em Psicologia (1979) e Licenciatura em Física (1967) na Universidade de São Paulo.

T10: *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência* (ILHA, 2019)

Autor: Gisandro Cunha Ilha²³, Doutor em Educação em Ciências, Bacharel em Química Industrial e Licenciado em Química pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Tenho focado meus estudos na área de filosofia da ciência. Atualmente ocupo o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais na UFSM. **Orientadora: Profa. Dra. Martha Bohrer Adaime**, possui graduação em Química Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (1983) e doutorado em Química pela Universidade Estadual de Campinas (1989). Atualmente é Professora titular da Universidade Federal de Santa Maria, foi pró-reitora da Pró-reitoria de Planejamento da Universidade Federal de Santa Maria, atualmente é pró-reitora da Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Santa Maria. Foi diretora do Centro de Ciências

²³ Importa destacar que o referido acadêmico cursou duas disciplinas como aluno especial no Curso de Doutorado em Letras. As disciplinas Discurso e sujeito Módulo I e Módulo II foram ministradas pela professora Verli Petri, orientadora deste trabalho.

Naturais e Exatas e é uma das coordenadoras do LARP (Laboratório de Análises de Resíduos de Pesticidas) da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Química, com ênfase em Separação, atuando principalmente nos seguintes temas: immobilization, GC-MS/MS, LC-MS/MS, pesticidas, drogas veterinárias em alimentos e amostras ambientais. Orienta nos Programas de Pós-Graduação em Química (nível 7 da CAPES) e Pós-Graduação em Ciências – Química da Vida e Saúde (nível 5 da CAPES).

Em suma, nesses títulos, identificamos as seguintes palavras e expressões que são fundamentais²⁴ para/da/sobre a Análise de Discurso (Quadro 3):

Quadro 3 – Quadro ilustrativo das marcas linguístico-discursivas identificadas

Referências/ Trabalhos	Discurso sobre	Discurso	Discurso da	Sentidos produzidos	Materialidades de
Trabalho 5	X				
Trabalho 6		X			
Trabalho 7	X				
Trabalho 8			X		
Trabalho 9				X	
Trabalho 10					X

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos dez trabalhos consultados, seis deles possuem em seus títulos marcas linguísticas possíveis de serem relacionadas à teoria da Análise de Discurso pecheuxiana. Como mostra o Quadro 3, encontramos quatro ocorrências da palavra “discurso”, sendo uma dessas ocorrências no plural (“discursos”), e uma ocorrência das palavras “discursiva”, “produção de sentidos”, “sentidos produzidos” e “materialidades”. Tais conceitos, “discurso sobre” e “discurso de”, são de Orlandi (1990) que, em suas considerações, define o “discurso sobre” como “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. É no ‘discurso sobre’ que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as vozes do (dos discursos de)” (ORLANDI, 1990, p. 37).

²⁴ Tomamos o cuidado de considerar tais conceitos como recorrentes à teoria da Análise de Discurso, pois pensá-los como “da Análise de Discurso somente” seria cair na ilusão do sentido único e não de um sentido possível.

Entendemos que tais palavras: “discurso sobre”, “discurso”, “discurso de”, “sentidos produzidos” e “materialidades de”, carregam sentidos importantes para os trabalhos, pelo espaço que ocupam: os títulos. Nessa perspectiva, esses termos foram “escolhidos” pelo sujeito, implicando uma tomada de posição ao colocar essas palavras em funcionamento (e não outras), produzindo um enfrentamento com os outros dispositivos analíticos comumente adotados em teses das referidas áreas. Com relação à posição-sujeito discursivo, conforme Pêcheux (1997, p. 163) nos propõe, o sujeito é interpelado em sujeito ideologicamente, e seu discurso se efetua pela identificação com os saberes próprios à formação discursiva na qual ele se inscreve. E, essa identificação se apoia no fato de que os elementos do interdiscurso são reescritos no discurso do próprio sujeito. Percebemos essas considerações a partir de sentidos que se repetem ou que são “ditos” de outra maneira nesses recortes.

Quando Orlandi (1990) reflete sobre a noção de “discurso”, sobretudo calcada em Pêcheux, compreende esse conceito enquanto processo de produção de sentidos. À vista disso, compreendemos que o sujeito pode produzir sentidos a partir de seu discurso ou a partir de discurso(s) de outro(s). Esses saberes podem ser reconhecidos por leituras, experiências, entre outras formas que lhe permitam mobilizar/problematizar e produzir sentidos.

Após a identificação dessas ocorrências no discurso, que aproximam as teses por nós selecionadas da teoria da Análise de Discurso francesa, apontamos a necessidade de observar os elementos que acompanhavam as marcações (os elementos linguísticos conjugados). Dito de outro modo, as análises e interpretações ocorreram inicialmente com a identificação de palavras, itens lexicais, postos sintaticamente em relação a outras palavras, podendo tocar então a ordem da semântica, do discurso, pois buscamos compreender, em nossa leitura, *de que forma está/ocorre a relação de sentidos*, visto que, conforme Pêcheux (1981), a sintaxe é um movimento inicial que amplia a análise. Assim, a questão principal da Análise de Discurso de Michel Pêcheux é construir interpretações possíveis, a partir da análise de seu objeto de pesquisa, que é o discurso.

Verificamos que, nos trabalhos 5 e 7, intitulados, respectivamente, *Discurso sobre o emagrecimento no Facebook e Instagram* e *Discursos sobre o clima do nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da UNICAMP: educação, consensos e produção de sentidos*, o elemento acompanhante da marca linguística “discurso(s)” é a preposição “sobre”: formando então a composição “discurso sobre”. Tal conceito, de acordo com Orlandi (2008b), pode ser entendido como aquele que permite organizar diferentes vozes dos “discursos

de”. Com base nisso, apreendemos que o “discurso sobre” *o emagrecimento no Facebook e Instagram* (5) e o “discurso sobre” *o clima do nordeste brasileiro* (7), por exemplo, podem ser identificadas como propostas de refletir sobre, discutir e/ou problematizar o que está sendo produzido e classificado enquanto produção de conhecimento.

De forma breve, consideramos as condições de produção dos trabalhos consultados. Iniciamos pelo trabalho 5, o qual foi pensado a partir do estudo realizado na dissertação de mestrado da autora (MARANGONI, 2013), demonstrando que, no discurso científico e no discurso de divulgação científica, a obesidade não é discursivizada apenas pelos sentidos atribuídos ao discurso da ciência e da saúde, tomando para si um caráter que chega a atingir esferas como a da moda, a da estética, a da economia, entre outras (MARANGONI, 2019, p. 14). Existe, então, um discurso definido sobre o emagrecimento, o “sobre” (elemento que destacamos no título) funciona como determinante. A autora não aborda a obesidade em si, e sim, implicitamente, o corpo magro, o corpo que emagrece. Isso nos leva a inferir que tal trabalho se preocupa com o processo de discursivização em detrimento do produto que pode estar disponível para uma análise de outra perspectiva.

No trabalho 6, intitulado *Comunicação no discurso ambiental*, o elemento acompanhante é a preposição “no”: em + o, que determina de que comunicação se trata. Essa expressão, além da significação naturalizada (“dentro de”, “em cima de” etc.), faz-nos pensar que há a percepção de um processo de enfraquecimento do discurso da sustentabilidade (SAVAGET, 2018, p. 18). Mais uma vez, o processo de discursivização interessa ao autor da tese em detrimento de outros aspectos também importantes.

No trabalho 7, intitulado *Discursos sobre o clima do nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos*, o conceito destacado é “discurso sobre”, que Orlandi (1990), em suas considerações, define como “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. Ou seja, o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as vozes do(s) discurso(s) de” (ORLANDI, 1990, p. 37). Nesse viés, o que se analisa é o discurso sobre – o clima do Nordeste brasileiro – nas provas de geografia. Compreendemos, assim, que a partir dessas provas, a autora busca interpretar que “discursos sobre” são esses que estão sendo construído no vestibular da Unicamp sobre o Nordeste brasileiro.

No trabalho 8, intitulado *A simbiose **discursiva** entre religião e mercado: Um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo*, identificamos duas expressões: “discursiva” funcionando como adjetivo e o “discurso de”, que conforme Orlandi (2008b) é um modo de dar voz a alguém assim que assume uma posição e fala por si mesmo. Dessa forma, em “um estudo do **discurso da igreja**”, a igreja aqui é o sujeito enunciador, aquele que produz o discurso, não a partir de discursos de “outros” (sobre ela) – e toma a posição.

A partir disso, explorando as noções da Análise de Discurso, especialmente o que toca o conceito de “discurso”, que é o objeto de pesquisa da teoria, problematizamos os sentidos que estão funcionando nesses trabalhos de outras áreas do conhecimento, dando visibilidade a esses textos, os quais são constituídos pela impossibilidade de analisar o discurso como um todo.

No trabalho 9, intitulado *Sentidos produzidos no desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção*, o elemento “no”, que acompanha a expressão “sentidos produzidos”, é formado pela preposição “em” + o artigo definido “o”, sentido que se produziu, que já está "feito", "produzido". Os sentidos não estão se produzindo (gerúndio), eles foram produzidos (particípio), percebemos que existe uma diferença no modo de dizer e no sentido que cada um remete.

Nesse viés, consideramos que o sujeito, enquanto autor, toma uma posição a partir do discurso – “escolhe” um caminho para seguir, direciona a análise do *corpus* e, desse modo, mobiliza alguns conceitos em detrimento de outros – colocando-se na posição de analista. Destacamos desse processo a nossa compreensão sobre “tomada de posição” do sujeito como marcada pelo seu discurso, vinculada às condições de produção. Assim, entendemos junto com Orlandi (2017) que o trabalho do analista de discurso não é dizer o que o texto significa, mas explicitar como ele produz efeitos de sentido(s).

No trabalho 10, intitulado *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência*, destacamos, em nossa leitura, que esse título está bastante inserido no campo da Análise de Discurso. Assim, as “materialidades” (no plural) são definidas, no desenvolvimento do trabalho, como sendo as filiações teóricas do autor: os preceitos teóricos da Análise de Discurso de vertente francesa, de filiação a Michel Pêcheux, sobretudo usufruindo da noção-

conceito²⁵ de Formação Discursiva, não desconsiderando a contribuição de Michel Foucault na sua estruturação.

Conforme afirmamos, o título do trabalho 10 remete aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, assim, além de definir as filiações teóricas do autor, entendemos que as referidas materialidades podem remeter ao objeto da Análise de Discurso – expondo seu *corpus* analítico à opacidade da linguagem. Nesse sentido, entendemos o texto – que é tomado a partir do ponto de vista discursivo – segundo Orlandi (2001, p. 78): “trata-se do texto como forma material, como textualidade, manifestação material concreta do discurso, sendo este tomado como lugar de observação dos efeitos da inscrição da língua sujeito a equívoco na história”.

Ainda tomando o título do trabalho 10, consideramos importante investir no sentido dado para o termo “processo”. Pensamos tratar de um sentido possível da Análise de Discurso – como “procedimento” um método que ainda está em aberto, se desenvolvendo, e, que desse modo, não foi concluído, não está completo, e sim se (des)construindo.

Não perdendo de vista que, por questão de metodologia, a análise do objeto passa por etapas, há, em um primeiro contato, a observação, e, após, a reflexão sobre esse mesmo objeto buscando conhecer a maneira como foi construído, num esforço de acessar o processo mesmo de constituição. Ademais, nas próximas etapas, realizamos a análise procurando relacionar os já-ditos sobre o objeto, observando a partir daí como se constituem os processos discursivos, os quais são responsáveis pelos efeitos de sentido produzidos. O conceito de “efeito de sentido” é aqui recuperado a partir de Pêcheux (1969), pois entendemos que é mesmo um efeito, uma tomada de posição do sujeito ao colocar um estudo em funcionamento.

Ademais, acreditamos ser preciso destacar, no mesmo título do trabalho 10, as palavras “circulação” e “ciência”, conceitos que possuem uma relação muito próxima, pois compreendemos que a produção do conhecimento, de alguma maneira, é atravessada pela divulgação da ciência. Sendo assim, na posição de analistas, estamos propondo uma problematização de trabalhos de outras áreas do conhecimento, as quais utilizam a Análise de Discurso de viés francês. O que se entende, assim, é que não apenas as citações promovem a divulgação científica, há uma seleção lexical que marca a inscrição do autor no espaço da AD,

²⁵ Essa expressão foi utilizada pelo autor ao se referir à Formação Discursiva, em sua tese de doutorado. Ao todo, foram 52 ocorrências no trabalho.

mas há também esse movimento de problematização de leitores e leitura(s) são maneiras de fazer circular a ciência.

Essa mobilização de sentidos se faz fundamental na medida em que procuramos não só estabelecer nossa filiação ao dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso, mas também retomar e acessar esses “saberes” e essas noções que podem ser colocados em discurso para reflexão. Isso porque entendemos que a Análise de Discurso é, antes de tudo, análise (ORLANDI, 2017, p. 12).

Considerando brevemente essas análises, destacamos que há um espaço dedicado para a Análise de Discurso nesses trabalhos. Mesmo que os autores estejam filiados a outras teorias específicas de suas áreas de estudo, o campo teórico-metodológico da Análise de Discurso aparece, no título, marcando uma tomada de posição desses sujeitos. Logo, esses determinantes – que vêm antes ou depois da palavra “discurso” – “sobre”, “de”, “em” –, funcionam especificando e apontando aquilo que é a proposta de pesquisa.

Dessa maneira, esse “discurso sobre/de/em” tem um efeito de sentido, especialmente, por estar no espaço inicial do trabalho, no título: ao colocar a palavra em funcionamento, esses sujeitos tomam uma posição e produzem sentidos. A partir disso, assumindo uma posição de estudiosos da linguagem, atribuímos às nossas análises um olhar de comprometimento com a linguagem, compreendendo e descrevendo as diferentes filiações teóricas dos autores e as suas consequências para a produção de um conhecimento linguístico-discursivo, visto que a mobilização e o movimento desses conceitos de produção, circulação e divulgação do conhecimento nos permitirão formular respostas possíveis à nossa questão de pesquisa: *como o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa e sua metodologia funcionam na produção do conhecimento para além da área des Letras?*

4.2 CORPUS DE PESQUISA: OS RESUMOS E AS PALAVRAS-CHAVE DOS TRABALHOS EM ESTUDO

Nesta seção, inicialmente, pesquisamos o conceito e as definições dadas para “resumos científicos” e “palavras-chave” pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que é o Foro Nacional de Normalização, por reconhecimento, da sociedade brasileira desde a sua

fundação, em 28 de setembro de 1940, e autenticado pelo governo federal por meio de diversos instrumentos legais.

Criada pela ABNT, a NBR é uma sigla usada para representar a expressão Norma Brasileira²⁶, que é um conjunto de normas e regras técnicas relacionadas a documentos, procedimentos ou processos aplicados a empresas ou determinadas situações (em âmbito nacional). Os elementos considerados para análise nesta seção de nossa dissertação – os resumos e as palavras-chave –, são considerados, na estrutura interna de trabalhos científicos, como elementos pré-textuais, isto é, que antecedem o texto e apresentam informações que ajudam na identificação e na utilização do trabalho.

Nossas definições de resumo e de palavras-chave partem da ABNT porque essa associação auxilia na elaboração de trabalhos e é a base na preparação dos principais livros e manuais de metodologia científica, bem como dos *sites* de periódicos de Instituições de Ensino Superior (IES), conforme consta nos prefácios e nas apresentações desses documentos, assinados por seus autores e organizadores; ou na seção “Diretrizes para autores”, nos casos dos periódicos on-line. Em vista disso, recuperamos como resumo e palavras-chave são definidos pela NBR 6022:

O resumo é um pequeno texto sobre o trabalho que ressalta informações importantes sobre ele. Objetivo, resultado, métodos utilizados e conclusão precisam estar citados no resumo, e o texto não pode ultrapassar o limite de 500 palavras. O texto precisa ser escrito de forma clara e objetiva, preferencialmente na terceira pessoa e em voz ativa. Após o texto, destacam-se **as palavras-chave** do trabalho, aquelas palavras ou expressões que se destacam em relação a ele. Este resumo e as palavras-chave são redigidas pelo próprio autor do trabalho acadêmico. (ABNT, 2002, p. 7, grifos nossos).

Além de consultar a ABNT, pesquisamos a definição de resumo na obra de Lakatos e Marconi (2003), no **Manual de Dissertações e Teses da Universidade Federal de Santa Maria – MDT** (UFSM, 2018) e no periódico *Fragmentum*²⁷ a fim de compreendermos como se apresentam resumo e palavras-chave nesses lugares, os quais servem de referência para nós

²⁶ Mais informações sobre a (história da) ABNT estão disponíveis em: <http://www.abnt.org.br/abnt/conheca-a-abnt>. Acesso em: 05 mar. 2021.

²⁷ *Fragmentum* é um periódico científico semestral, da área de Letras e Linguística, Qualis B2, produzido pelo Laboratório Corpus, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria. O periódico divulga textos originais produzidos por pesquisadores que desenvolvem, como escopo e/ou resultado de pesquisas, na Linguística, questões enunciativas e/ou discursivas que tenham por eixo diretor o campo do saber sobre a história da produção do conhecimento linguístico; na Literatura, estudos comparados que evidenciem a relação do texto literário não apenas com seu contexto de produção como também com outras artes, mídias, saberes e formas. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>. Acesso em: 22 abr. 2020.

e também fazem parte do contexto de produção científica e de divulgação de textos de pesquisadores que desenvolvem um escopo ou resultado de uma pesquisa. Apresentamos, a seguir, as definições de Lakatos e Marconi (2003) que, de forma bastante didática, explicam a relevância e a facilidade de acesso que esses elementos representam na produção científica; posteriormente, as definições da MDT (UFSM, 2018), uma vez que os manuais de IES acompanham, na maior parte das vezes, os estudantes nas disciplinas de metodologia científica por se fazerem presentes na bibliografia de consulta dessas disciplinas; e, por fim, as definições do periódico *Fragmentum*:

[...] **um resumo consiste na capacidade de condensação de um texto, parágrafo, frase, reduzindo-o a seus elementos de maior importância.** Diferente de um esquema, o resumo forma parágrafos com sentido completo: não indica apenas os tópicos, mas condensa sua apresentação. Por último, o resumo facilita o trabalho de captar, analisar, relacionar, fixar e integrar aquilo que se está estudando, e serve para expor o assunto, inclusive em uma prova. Palavras-chave **são as ideias principais e os detalhes importantes** [...], as quais devem apresentar ligações entre as ideias sucessivas para evidenciar o raciocínio desenvolvido. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 25, grifos nossos).

O resumo é a recapitulação concisa do texto do trabalho, no qual são destacados os elementos significativos e as novidades. É uma condensação do conteúdo e deve expor as finalidades, a metodologia, os resultados e as conclusões do trabalho em parágrafo único. (UFSM, 2018, p. 40, grifos nossos).

Resumo (antecedido pela expressão *Resumo* em itálico, seguida de dois pontos): Times New Roman 10 e em espaçamento simples, seguidas de três a cinco palavras-chave (antecedidas pela expressão *Palavras-chave* em itálico, seguida de dois pontos) separadas por ponto-e-vírgula. Duas linhas abaixo e com a mesma formatação, a versão do resumo e das palavras-chave em outra língua. (FRAGMENTUM, 2001, grifos nossos).

Nesses espaços científicos (livros de metodologia científica, manuais e periódicos institucionais), os autores e organizadores tratam o resumo como um texto conciso (que deve ser apresentado em um parágrafo único e breve) com as partes principais de um trabalho científico – a proposta de pesquisa, a metodologia, o referencial teórico e os resultados devem compor o resumo. Nesse sentido, o ideal seria que todas as informações básicas referentes ao trabalho (título, autor, orientador e o resumo propriamente dito) se acomodassem em uma única página, apenas. Em face disso, em trabalhos de maior fôlego, como é o caso das teses, no que tange à formatação do resumo, excepcionalmente, o tamanho da fonte pode ser menor do que a fonte do corpo do texto, não sendo inferior a 10, e com entrelinhamento simples, conforme a MDT (UFSM, 2018).

Na leitura e análise do *corpus*, buscamos verificar, no resumo e nas palavras-chave, se existem marcas e/ou expressões que se refiram à Análise de Discurso francesa. A seguir, apresentamos sequências discursivas (SDs) selecionadas nos dez resumos que fazem parte do arquivo consultado, e suas respectivas palavras-chave, organizados na mesma ordem que apresentamos os títulos na seção anterior. Identificamos em retângulos as regularidades linguísticas e a presença de palavras ou expressões da Análise de Discurso.

Gesto de interpretação 2 – Neste momento, apresentamos as sequências discursivas que fazem parte dos resumos que compõem o *corpus* de análise.

Nessa perspectiva de estudo analítico-discursivo, nosso olhar buscou observar, nos resumos e nas palavras-chave de cada trabalho, se a Análise de Discurso é constitutiva da pesquisa ou se aparece como método, identificando as regularidades linguístico-discursivas desses textos. Na leitura e análise do título (Gesto de Interpretação 1) e das palavras-chave do primeiro trabalho, de Rolim (2018)²⁸, não há referências e/ou recorrências da Análise de Discurso, diferentemente do que ocorre no resumo, que apresenta gestos e marcas linguísticas da teoria do discurso, quando, por exemplo, a autora expõe a proposta principal do trabalho de pesquisa, nas SD1 e SD2:

SD1: “compreender os possíveis **efeitos de sentidos** produzidos a partir dos **discursos** das Portarias do Ministério da Saúde nº 1.654/2011 e nº 1.645/2015 [...]” (ROLIM, 2018, grifos nossos).

SD2: “[...] sobre as questões referentes ao acesso e à qualidade da Atenção Primária e como esses **efeitos se reverberam** na construção dos dados quantitativos da avaliação externa.” (ROLIM, 2018, grifos nossos).

Assim, enquanto pesquisadoras e estudiosas em Análise de Discurso, entendemos que, para compreender o efeito de sentido, é necessário entender as condições de produção das portarias mencionadas na SD1, as quais serão analisadas na tese de Rolim (2018).

²⁸ Disponibilizamos na seção “Referências” os *links* de acesso de todos os trabalhos consultados para esta pesquisa.

Ademais, Rolim (2018) desenvolve seu estudo apoiada no referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa, conforme suas palavras, apresentada por Michel Pêcheux. A metodologia do trabalho é organizada em duas partes, de acordo com a SD3:

SD3: “Trata-se de uma proposta de estudo cujo **referencial teórico-metodológico se apoia** (i) na análise do corpus **constituído** pelos documentos oficiais do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade na Atenção Básica (PMAQ-AB) e outros materiais relacionados às **condições de produção do Programa por meio da Teoria do Discurso da linha francesa apresentada por Michel Pêcheux** e (ii) na análise da consistência interna dos dados referentes à Avaliação Externa (3ª fase) do Primeiro e Segundo Ciclo do PMAQ-AB divulgados em 2015 e 2017 através do coeficiente alfa de Cronbach. **Discursivamente**, compreendemos a saúde, enquanto objeto de avaliação, repercutindo **efeitos dos pré-construídos**: julgamento de valor, eficiência, eficácia e efetividade.” (ROLIM, 2018, grifos nossos).

Logo, como já mencionamos, compreendendo que o resumo, conforme Lakatos e Marconi (2003), consiste na capacidade de condensação de um texto, parágrafo, frase, reduzindo-o a seus elementos de maior importância, observamos que a teoria da Análise de Discurso está presente nas partes principais do trabalho, isto é, no objetivo principal da proposta de pesquisa, na metodologia e na conclusão do trabalho.

As sequências discursivas seguintes são do trabalho de André Coelho da Silva, defendido e publicado em 2017, em que o autor obteve o título de Doutor em Educação. Conforme analisado anteriormente, o título e as palavras-chave não apresentam marcas linguístico-discursivas referentes à Análise de Discurso, tal como foi proposta por Michel Pêcheux. Visto que entendemos que o nome Pêcheux filia a identificação do trabalho à teoria do discurso, tal como foi por ele pensada.

Observamos que as palavras-chave do trabalho de Silva (2017) não estão indicadas junto do resumo. Por isso, as destacamos: Física; Ensino; Diagnóstico por imagem; Radiação; Formação de professores, que indica as palavras-chave do trabalho.

Identificamos, nas próximas sequências, a presença de referências à Análise de Discurso francesa através do advérbio “como” e da expressão “produzem sentidos” no início do trabalho, em que o sujeito demonstra de que maneira se dará a apropriação dos sentidos, de acordo com a SD4:

SD4: “compreender **como** licenciandos em física **produzem sentidos** a partir de uma unidade de ensino que aborda aspectos do funcionamento dos aparelhos e exames de radiografia [...]” (SILVA, 2017, grifos nossos).

Na próxima SD, o autor marca qual é o seu objeto de pesquisa e como vai analisar o seu *corpus*: afirma que utilizará a teoria da Análise de Discurso como referencial teórico e metodológico. Assim, com a leitura do resumo, observamos que o autor utiliza expressões que são próprias da Análise de Discurso, além do advérbio “como” e do substantivo “sentidos”, empregados para pensar sua questão do processo de pesquisa; também há o uso do verbo “constitui” flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, sugerindo a ideia de “fazer parte de algo”, acompanhado do advérbio “como”, e movimentando tais marcações, no mesmo enunciado, “condições de produção” e “formações discursivas”, conforme a SD5:

SD5: “**Tomamos como referencial teórico-metodológico noções da Análise de Discurso iniciada por Michel Pêcheux.** [...] Para a primeira questão de pesquisa: **como os licenciandos produziram sentidos** relacionados ao trabalho pedagógico com a unidade de ensino?, [...] a análise das informações coletadas forneceu indícios para afirmarmos que **a unidade se constituiu como a principal condição de produção/mudança/reformulação** de representações dos licenciandos no que se refere aos assuntos trabalhados, atuando em prol de que tais representações passassem a incorporar sentidos em concordância com os advindos de **formações discursivas associadas ao conhecimento científico.** Para a segunda questão de pesquisa: que indícios de relações entre as **condições de produção do trabalho pedagógico** com a unidade de ensino e as representações dos licenciandos sobre a possibilidade de abordarem **o funcionamento dos** aparelhos e exames de diagnóstico médico por imagem no ensino médio podem ser inferidos?, [...] para a terceira questão: que indícios de **relações entre as condições de produção do trabalho pedagógico com a unidade de ensino e as representações dos licenciandos** sobre o papel do professor de física podem ser inferidos?” (SILVA, 2017, grifos nossos).

Assim, quando demonstra a maneira como vai estudar seu objeto, o autor toma posição no discurso como um sujeito que se interessa pela linguagem e, também, pelo discurso. Busca, desse modo, apropriar-se de seu objeto de pesquisa e utiliza a teoria e a metodologia da Análise de Discurso pecheuxtiana como um campo de estudo teórico e como um método de análise.

Observemos agora a SD6:

SD6: “Essas respostas fundamentam a tese de que o desenvolvimento na formação inicial de professores de física de um trabalho pedagógico sobre aspectos relacionados aos exames de diagnóstico médico por imagem, desde que **problematize as questões sócio-históricas associadas**, pode contribuir para que os licenciandos: **interpretem as noções da física envolvidas** de acordo com o conhecimento científico; **problematizem sentidos socialmente naturalizados** a respeito dos riscos envolvidos.” (SILVA, 2017, grifos nossos).

A partir da leitura da SD6, compreendemos que o autor do trabalho, analisa o seu objeto buscando propor e interpretar questões, especialmente, aquelas cujos sentidos já estão postos como definidos. Para isso, esse sujeito autor-pesquisador faz funcionar a teoria da Análise de Discurso, articulando os conceitos desse campo teórico-metodológico com a sua pesquisa, visto que propõe, como discussão final do trabalho, tirar os professores da zona de conforto, fazendo-os problematizar e interpretar as questões e os sentidos, considerando as condições de produção relacionadas ao social, marcado no texto como “sócio-históricas associadas”.

As próximas sequências discursivas são do resumo de Andressa da Silveira. A tese foi defendida e publicada em 2017, e a autora obteve o título de Doutora em Enfermagem. Conforme analisado anteriormente, as palavras-chave não apresentam marcas discursivas referentes à Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux.

As palavras-chave não apresentam marcações linguísticas referentes à Análise de Discurso. Destacamos, a seguir, na SD7, o trecho do resumo onde a autora descreve a metodologia do trabalho, mencionando a teoria da Análise de Discurso pecheuxtiana:

SD7: “**O corpus** de estudo foi composto pela transcrição das entrevistas e foi **submetido à análise de discurso pechetiana.**” (SILVEIRA, 2017, grifos nossos).

A partir dessa sequência discursiva (SD7), a autora, pelo uso do verbo “submeter”, trata a Análise de Discurso como uma área do conhecimento que possui especialidade analítica. De acordo com Indursky (2008), a noção de sujeito é objeto de muita atenção e discussão no campo da teoria da Análise de Discurso, indicando que a Análise de Discurso não é um corpo doutrinário cristalizado e estanque. Pelo contrário: trata-se de um quadro teórico que gera reflexão, que se interroga constantemente, sem acomodação.

Além disso, percebemos a marcação da noção de “sujeito” em duas sequências discursivas, são elas:

SD8: “[...] o adolescente com necessidades especiais de saúde é um ser de relações sociais, fazedor de história e cultura, e tem a vocação para ser **sujeito** no mundo.” (SILVEIRA, 2017, grifos nossos).

SD9: “A emancipação nega a posição de submissão pela sua condição de saúde, leva o adolescente a ser mais, e este almeja ser reconhecido como **sujeito** no mundo.” (SILVEIRA, 2017, grifos nossos).

Para Pêcheux ([1983] 1993), o sujeito é um “lugar determinado na estrutura social”. Nesse viés, a autora da tese concebe, em seu resumo, esse adolescente com necessidades especiais constituído duplamente: pela forma pessoal e pela forma social; ou seja, ela considera duas noções para/na formação desse sujeito: o inconsciente e a ideologia. Por assim dizer, é um sujeito que se diz *histórico* e *ideológico*, sendo, conforme Indursky (2008), aquele mesmo da formação sujeito histórico da perspectiva na qual nos inscrevemos.

As sequências seguintes foram selecionadas do resumo de Gloria Lucia Magalhães. A tese foi defendida e publicada em 2017, e a autora obteve o título de Doutora em Educação na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais. Conforme analisado anteriormente, as palavras-chave não apresentam marcas discursivas referentes à Análise de Discurso, tal como foi proposta por Michel Pêcheux.

Observamos que as palavras-chave do trabalho de Magalhães (2017) não estão indicadas junto do resumo. Por isso, destacamo-las: “Formação continuada; Ensino de ciências; Ensino das séries iniciais; Chuvas”, que mostra as palavras-chave do trabalho.

Na sequência SD10, o primeiro destaque é a expressão “sentidos”. O substantivo aparece antecedido do advérbio “como”, que significa “de que forma”, mostrando uma inquietação com o estudo das condições de produção do seu objeto, preocupação essa que faz parte de uma das questões da proposta de pesquisa da autora:

SD10: “Propusemos as seguintes questões de estudo, relacionadas a esse objetivo: Como o trabalho desenvolvido com uma unidade de ensino sobre o tema chuva possibilitou o acesso a aspectos do imaginário das dez professoras, que participaram do estudo, sobre o ensino de ciências? Como **sentidos** anunciados nos roteiros elaborados por algumas dessas professoras, se fizeram presentes nas aulas ministradas por elas?” (MAGALHÃES, 2017, grifos nossos).

Ademais, a autora apresenta que a metodologia do seu trabalho será “apoiada” pela Análise de Discurso, de perspectiva pecheuxtiana, conforme a SD11. Em seu estudo, ela considera os textos de Michel Pêcheux, aqueles traduzidos pela Professora Eni Orlandi – que dá continuidade ao estudo da Análise de Discurso de vertente francesa, no Brasil, a partir da década de 1980, com outros nomes importantes.

SD11: “Nos apoiamos na Análise de Discurso na vertente iniciada na França por Michel Pêcheux, principalmente em textos de Eni Orlandi, e em noções relacionadas à formação docente.” (MAGALHÃES, 2017, grifos nossos).

Desse modo, a leitura e a observação das expressões grifadas têm nos dado uma ideia de quais aspectos da teoria da Análise de Discurso os autores vão tratar na sua pesquisa. É assim que nós verificamos de que forma estão sendo apresentados não apenas a teoria da Análise de Discurso, como também os autores envolvidos, como Michel Pêcheux (o fundador) e outros, como Eni Orlandi, que dá continuidade para o estudo da teoria no Brasil.

Nesse sentido, destacamos as referências bibliográficas da Análise de Discurso utilizadas nos trabalhos de tese considerados. Fundamentalmente, foram recuperadas as publicações de Michel Pêcheux e de Eni Orlandi, sobretudo as obras **Semântica e discurso:**

uma crítica à afirmação do óbvio (PÊCHEUX, [1975] 1995), **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico** (ORLANDI, 1996); **Análise de discurso: princípios & procedimentos** (ORLANDI, [1999] 2001); – conforme quadro 4:

Quadro 4 – Obras de Pêcheux e Orlandi citadas nas teses estudadas.

Número do trabalho	Michel Pêcheux	Eni P. Orlandi
1	A análise de discurso: três épocas Análise Automática do Discurso (AAD-69)	Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico
2		A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso Análise de discurso: princípios & procedimentos Apresentação: Cidade Atravessada Discurso e leitura Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico Leitura e discurso científico O que é linguística Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico.
3	O discurso: estrutura ou acontecimento	Análise de Discurso: princípios e procedimentos Discurso e Leitura Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico

(continua)

4	Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio Semântica e discurso	Análise de Discurso: princípios e procedimentos Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico As formas do silêncio: no movimento de sentidos
---	--	---

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 4 apresenta as obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, os quais são os fundadores da teoria Análise de Discurso e mais citados como referências bibliográficas nos trabalhos estudados. Ademais, além deles, no quadro 5, a seguir, mostramos outros autores – citados nos trabalhos – que também fazem parte da formação do quadro teórico da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux.

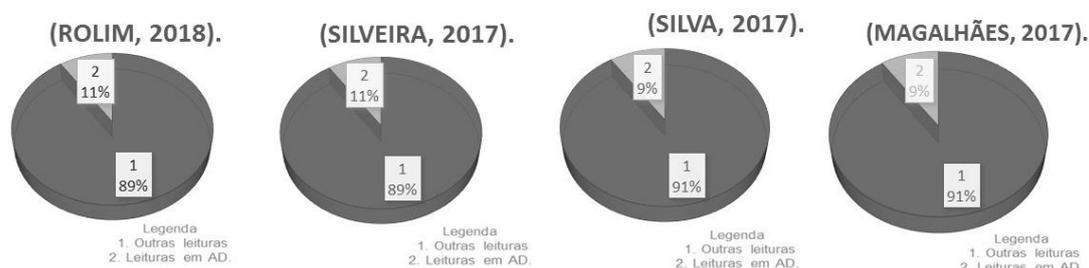
Quadro 5 – Obras de outros autores citadas nas teses estudadas.

Número do trabalho	Louis Althusser	Claudine Haroche	Paul Henry	Francine Mazière
1	Aparelhos Ideológicos de Estado	Querer Dizer, Poder Dizer	Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux	
2				A Análise do Discurso: história e práticas
3	-	-	-	-
4	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentamos, nesse âmbito, na figura 3, gráficos da porcentagem de todos os textos e obras consultados pelos autores. Nesses gráficos, a partir das referências bibliográficas de cada tese, pudemos identificar textos/obras/autores destinados ao estudo e à compreensão da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux.

Figura 3 – Representação gráfica sobre as leituras em Análise de Discurso francesa, dos trabalhos consultados: Parte I



Fonte: Elaborado pela autora.

Os gráficos foram elaborados pelo programa Excel²⁹. Separamos, especialmente, as publicações de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e autores que fazem parte do quadro teórico discursivo – citados nos quadros 5 – e realizamos uma regra de três. Faz-se importante explicitar que nem todos os textos/obras referenciados(as) possam ser de nosso domínio, por esse motivo, consideramos apenas aqueles reconhecidos por nós como sendo do viés materialista para pensar a linguagem.

Desse modo, até aqui, investigamos brevemente quatro dos dez resumos que fazem parte do *corpus* e observamos que o título e as palavras-chave não apresentaram expressões ou recorrências linguísticas da Análise de Discurso funcionando como constitutiva do trabalho, compreendendo tal ausência como um silenciamento ou não apropriação da linguagem pecheuxtiana. Apesar de não haver menção nos títulos e nas palavras-chave, no resumo há marcas da teoria. Para refletir: isso coloca a Análise de Discurso em que lugar dentro do trabalho? Ao nosso ver, parece apenas como um método, funcionando de modo diferente do que significa para nós.

Destaca-se a reflexão de que não são apenas as marcas linguísticas da teoria que possibilitam afirmar que os autores mobilizaram uma metodologia que concerne à Análise de Discurso, tendo em vista que colocá-la em funcionamento implica na desconstrução dos sentidos do objeto teórico, observando suas condições de produção: “como se diz, quem diz, em que circunstâncias diz, etc.”. O que esse primeiro olhar analítico permite é desfazer a ideia de que tal discurso poderia ser elaborado apenas de uma maneira. De outro modo, o trabalho

²⁹ Calculamos uma média aproximada, considerando duas medidas: 100% das referências consultadas, ou seja, todas as bibliografias em Análise de Discurso somadas com as outras bibliografias.

que considera os pressupostos da Análise de Discurso Pecheuxtiana demanda a construção de um determinado objeto discursivo. Em um segundo trabalho analítico, refletimos “aquilo que é dito nesse discurso” e “o que é dito em outros, com outras condições de produção, por diferentes sujeitos interpelados ideologicamente”. Dessa forma, um objeto discursivo não é designado/dado, pois supõe, de certa forma, um trabalho do analista; parece explicitar aí o modo de funcionamento do discurso.

Ainda assim, do mesmo modo como, no nosso campo de estudos linguístico-discursivo, muitas vezes frisamos no título as marcas da Análise de Discurso; em outras vezes isso não ocorre: nem sempre os títulos portam tais termos. Nesse sentido, além dos títulos e das palavras-chave, observamos os resumos e os sumários que apresentam tais trabalhos, funcionando como elementos pré-textuais para a tese em si. Ademais, consultamos também as referências bibliográficas dos autores consultados, todavia, essas bibliografias não ganharam o mesmo espaço que os elementos que propomos. Essas obras citadas tangenciaram nosso trabalho no sentido de ilustrar o que vai aparecendo nos resumos, por exemplo. Assim, demonstramos que a bibliografia é um elemento pós-textual da maior importância e tantas vezes determinante para decidirmos entre a leitura ou não de uma tese, mas ela não será nosso foco, posto que não poderemos observar seu funcionamento no interior da tese em si³⁰.

Ademais, pensamos que, para alguns autores, parece ser uma ingenuidade teórica e epistemológica pensar que a Análise de Discurso possui uma metodologia fechada e pronta, como se o campo teórico-metodológico da Análise de Discurso fosse uma “saída” para encontrarem o “resultado”, a “resposta” de sua questão de pesquisa. Quando, na verdade, acreditamos que, “sem enxergar”, esses sujeitos teóricos estão construindo uma metodologia, um dispositivo teórico-analítico para sua análise.

Seguimos pensando a Análise de Discurso como uma teoria que, ao problematizar essas maneiras de ler um arquivo, coloca os sujeitos nesse desconforto de se questionarem sobre aquilo que produzem nas manifestações da linguagem e, dessa maneira, convoca-os a “construírem um dispositivo”, que dá acesso ao texto. Amplia-se a possibilidade de saber como as interpretações funcionam.

Partimos para a descrição e interpretação das sequências discursivas dos seis resumos seguintes, os quais fazem parte do nosso *corpus*.

³⁰ Nesse sentido, também ressaltamos que não entraremos numa questão analítica, porque teríamos que conhecer e nos apropriar teoricamente de outras áreas do conhecimento.

As sequências SD12 e SD13, a seguir, fazem parte do resumo do **trabalho 5**, de Elaine Marangoni, Doutora em Educação pela UNESP de Rio Claro (2019). Na leitura e análise do título (Gesto de Interpretação 1) e das palavras-chave do trabalho de Marangoni (2019), há referências e/ou recorrências da Análise de Discurso, bem como ocorre no resumo, que apresenta gestos e marcas linguísticas da teoria do discurso, quando, por exemplo, a autora contextualiza o tema principal do trabalho de pesquisa:

SD12: O Discurso Sobre o Emagrecimento (DSE) circula no *Facebook* e *Instagram*, produzindo sentidos que afetam sujeitos que acompanham diariamente perfis de leigos e profissionais de saúde nessas redes sociais. [...] (MARANGONI, 2019, grifos nossos).

Na SD12, destacamos a marca linguística “discurso sobre”, que entendemos, conforme Orlandi (2008a, p. 44), “um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*)”. Nessa perspectiva, considerar o “discurso sobre” é colocar esses sentidos em movimento, discursivizando, estabelecendo relações com a língua, com as condições de produção, com os sujeitos e com a ideologia. Uma vez que, inconscientemente, ao discursivizar estamos interpretando, produzindo, atribuindo sentidos.

Juntamente com Silva (2017, p. 81), entendemos que:

O “discurso sobre” possibilita - e, ao mesmo tempo - exige que haja uma tomada de posição do sujeito que está a discursivizar. Já que ele apresenta um ponto de vista (ou mais) sobre o que está sendo representado no discurso em questão.

Nesse âmbito, o “discurso sobre” é esse lugar que organiza dizeres acerca do “discurso *de*”, requer que esse sujeito – interpelado pela ideologia – assuma uma posição, se constitua e se aproprie dos “já-ditos”. Nesse ínterim, consideramos também que essa forma-sujeito pode ser dividida, tomando outras posições, conforme as práticas sociais. Entendemos, junto com Indursky (2008), essa forma-sujeito como fragmentada, por ser constituída de diferentes posições-sujeito, e, assim sendo, que é afetada ideologicamente por essas relações com a forma-sujeito. Tais práticas inscrevem o sujeito em uma formação discursiva heterogênea.

Na sequência SD13, a autora afirma ter identificado duas posições-sujeito – de leigos e de profissionais da saúde:

SD13: [...] na atualidade. Duas **posições sujeito** (leigos e profissionais de saúde) foram acompanhadas, e seus discursos compuseram o *corpus*, que foi se revelando aos poucos e mostrando como no DSE o sujeito se movimenta a todo instante, **identificando-se e desidentificando-se** com sentidos de uma **formação discursiva bastante heterogênea**. O verbal e o não verbal foram considerados em suas materialidades distintas, significando [...]. (MARANGONI, 2019, grifos nossos).

Observamos que, cada vez que os autores tocam numa questão metodológica, assim como na SD14, a Análise de Discurso é referida como um método a ser construído, delineado pelo sujeito conforme as condições de produção do seu *corpus*. E, nesse caminho, a construção de um dispositivo é a mobilização de conceitos e noções da Análise de Discurso como, por exemplo, o sujeito, a formação discursiva, a resistência, o silenciamento e a repetição. Notamos que há marcas da Análise de Discurso no discurso da autora, entendendo com (PETRI, 2004, p. 52) que esse lugar não é uma inocente repetição: o sujeito busca, no momento de escritura do trabalho, inscrever-se na posição de analista de discurso, citando e movimentando tais noções.

SD14: Temos uma metodologia que não é fechada, mas que foi construída para os propósitos desta pesquisa. As postagens foram [...]. Apesar de surgirem discursos **de resistência**, já que muitos sentidos **são silenciados**, os efeitos de verdade por meio da **repetição** e da divulgação desmedida não permite que sejam [...]. (MARANGONI, 2019, grifos nossos).

Partimos para a descrição e a interpretação das sequências discursivas SD15 e SD16. Elas pertencem ao **trabalho 6**, de Elza Kioko Kawakami Savaget, o qual foi defendido em 2018.

Nesse viés, destacamos a SD15 em que, nas palavras da pesquisadora, objetiva analisar o “funcionamento da polissemia”.

SD15: “O objetivo geral desta tese é **analisar o funcionamento da polissemia** da Comunicação no discurso ambiental, observar o seu papel instrumental. (SAVAGET, 2018, grifos da autora).”

Junto com Orlandi (2018), entendemos que, na Análise de Discurso, o processo polissêmico é aquele que causa um deslocamento no dizer, uma ruptura no processo de

significação da linguagem, de certa forma, produzindo um “novo” sentido. Isso porque, quando pensamos discursivamente, estamos fazendo associações com as línguas, a linguagem, os sentidos, o mundo, buscando entender as especificidades dos objetos. E é nessa direção que a teoria discursiva se faz fundamental, pois ela interroga esses discursos e amplia as possibilidades de sentidos.

Partindo dessa compreensão, o analista se propõe a compreender como a produção de sentidos se relaciona e se constitui ao mesmo tempo. Essa “explicitação” é o que, de certa forma, implica na produção de gestos de significação (de interpretação), uma vez que manobrar esses sentidos, num mesmo processo de significação, nos mostra as marcas das interpretações, os vestígios do diferente. Ademais, a partir desses movimentos, identificamos as tomadas de posição dos sujeitos e dos sentidos na sua relação com a língua, com a ideologia e com as condições de produção. Dessa forma, “o discurso, logo, nunca é um só” (ORLANDI, 2014, p. 13), tal jogo discursivo toca nessa relação de sentidos entre o sujeito e o mundo.

Nesse âmbito, a autora explicita, na SD16:

SD16: “As análises **visam melhorar a compreensão sobre a construção dos elementos simbólicos e semióticos que caracterizam e constroem a memória coletiva** sobre o discurso ambiental, [...]. A ferramenta de análise se amparou no arcabouço teórico da Análise do Discurso - AD.” (SAVAGET, 2018, grifos da autora).

Entendemos que são esses esforços de buscar compreender “a construção dos elementos” que marcam a inscrição desses sujeitos na Análise de Discurso. A partir desses gestos de interpretação, as relações de sentidos se fortalecem ao mesmo tempo em que se movimentam. Questionar a teoria, nessas análises, implica no seu próprio desenvolvimento – e desdobramentos possíveis –, visto que ela não está isolada e estanque. Do mesmo modo, essa mobilização de outras ciências pensarem discursivamente o seu objeto de estudo, de certa forma, configura uma possível relação de continuidade, de evolução na teoria do discurso.

Partimos para a descrição e interpretação das sequências SD17 e SD18, as quais pertencem ao **trabalho 7**, de Tatiana Lança, defendido em 2018.

Destacamos, do resumo, a SD17:

SD17: “Nosso objetivo com essa pesquisa é **compreender o funcionamento** de uma unidade de ensino sobre termodinâmica [...]” (LANÇA, 2018, grifos nossos).

Nessa direção, recuperamos a ideia de que, na Análise de Discurso, o texto não é pensado no sentido de extrair o seu conteúdo (o que ele diz?), mas se busca, a partir de sua materialidade discursiva (isto é, considerando a linguagem como não transparente), compreender como os sentidos – e os sujeitos – se constituem. Essa percepção nos mostra que considerar o discurso com um olhar analítico possibilita a “construção de um dispositivo teórico” para trabalhar/analisar os ditos e os não-ditos.

Observamos que, na SD18, a pesquisadora traz os nomes das suas duas principais referências em Análise de Discurso: Pêcheux e Orlandi, que são nossas principais referências nesta pesquisa também. Esses autores representam e ocupam uma posição-sujeito fundamental na construção e na releitura do quadro teórico da Análise de Discurso, na França e no Brasil.

SD18: “**Como referencial teórico/metodológico fundamentamo-nos em algumas noções da vertente iniciada na França de Análise de Discurso (AD) que teve em Michel Pêcheux um dos seus principais articuladores. Utilizamos principalmente trabalhos publicados no Brasil por Eni Orlandi.**” (LANÇA, 2018, grifos nossos).

Ainda que de maneira inexperiente na construção do dispositivo, esses autores das dez teses por nós analisadas mostram a possibilidade de uma relação que, de certa forma, é em um ponto “impensada” por nós analistas de discurso, diferentes campos do saber podem ser aproximados à História das Ideias Linguísticas, à Histórias das Ideias Discursivas e à Análise de Discurso. Observamos que existe empenho em referenciar a teoria discursiva, há também certo cuidado ao propor uma conexão da teoria com seus principais interlocutores.

Assim, continuamos as análises das sequências do **trabalho 8**, de Lívia Dias Azevedo. A tese foi defendida no ano de 2019. Na SD19, destacada a seguir, observamos, já no início do resumo, uma marca da Análise de Discurso: “Acontecimento discursivo”. Compreendemos esse conceito, a partir de Freda Indursky (2008), como sendo aquilo que “determina o surgimento de uma nova forma-sujeito e, por conseguinte, de uma nova formação discursiva”. Para a Análise de Discurso trata-se de um conceito-chave, pois busca dar conta das modificações de sentidos alcançadas pelos discursos após as tomadas de posição dos sujeitos, o que marca seus gestos de interpretação.

SD19: A região Nordeste do Brasil se constitui como **um acontecimento discursivo**. Os sentidos históricos e geográficos atribuídos a esta região [...]. (AZEVEDO, 2019, grifos nossos).

É levando em conta todas essas relações que entendemos um possível motivo para essas áreas do conhecimento buscarem mobilizar a teoria discursiva. De certo modo, o que lhes interessa, em um primeiro momento, não é propriamente refletir sobre a língua, o sujeito ou a história, mas, principalmente, analisar o DISCURSO. Os estudos discursivos dirigem seu olhar a pensar o(s) sentido(s), tendo em conta as condições de produção – que constituem o tempo, o espaço e as práticas humanas/sociais.

Assim, “a região Nordeste do Brasil”, segundo Azevedo (2019), está funcionando como um acontecimento discursivo, porque ocorre uma ruptura com as relações de sentidos que até então eram evidentes. A Análise de Discurso pensa a língua em funcionamento/em discurso, enquanto um objeto sócio-histórico, e considera as situações do dizer.

Ademais, podemos dizer sobre o funcionamento discursivo, na SD20, que observamos que o discurso constitui uma tomada de posição: a autora busca se afirmar analista de discurso. E, sendo esse sujeito-autora não filiada formalmente à Linguística, às Letras, às Ciências da Linguagem, implica uma relação da língua com pensamento/mundo de buscar compreender os “já-ditos”, ou seja, implica pensar a relação da linguagem com a exterioridade. A língua não é mais vista essencialmente como estrutura fechada, o que significa pensar a linguagem como constitutiva do sujeito, da situação, da história, do inconsciente e da ideologia.

SD20: “qual o funcionamento discursivo do tema clima do Nordeste em questões de Geografia do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)? Ou dito de outra forma: **quais os efeitos de sentidos produzidos** por essas questões quando relacionadas a outras textualidades? A estrutura teórico-metodológica se sustenta, basicamente, em **Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Jean Jacques Courtine, Suzy Lagazzi**, dentre outros”. (AZEVEDO, 2019, grifos nossos).

Ademais, observamos que, na sequência discursiva SD21, nos são apresentadas interrogações da autora frente a esse *corpus*. Consideramos também que ela demonstra uma leitura atenta e guiada pela Análise de Discurso, sobretudo quando utiliza as marcas “qual o

funcionamento”, “quais os efeitos de sentidos produzidos”. Nessa mesma sequência, verificamos que existe citação dos autores importantes para a instituição do quadro teórico.

SD21: “Esse apagamento produz um efeito de que o Nordeste “é do jeito é”, “é o que é”, “é assim mesmo”. É possível dizer, também, que as questões revelam a existência de uma **memória discursiva hegemônica** que localiza o Nordeste em um lugar menor, inferior, subjugado e que produz formas materiais de discurso que informam como se deve olhar, pensar, sentir e agir sobre o Nordeste brasileiro”. (AZEVEDO, 2019, grifos nossos).

Na SD21, destacamos o conceito de memória discursiva hegemônica. Para buscar entender a fonte que a autora utilizou para retomar tal conceito, atentamos para as referências bibliográficas apresentadas. Além das obras mencionadas no resumo, ela cita: **Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas** (ALTHUSSER, 1979) e **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado** (ALTHUSSER, 1985).

Assim, seguimos as análises das sequências do **trabalho 9**, de Ronivaldo Moreira Souza, o qual foi defendido em 2018.

Na SD22, observamos que o autor busca entender como os discursos funcionam considerando a memória, especificamente, a memória institucional, aquela que estabiliza, cristaliza e, ao mesmo tempo, a memória constituída pelo diferente, que é o que faz ser possível a ruptura, o deslocamento, o “novo”. Por isso, destacamos a palavras: “cristalizada”, que vem acompanhada de “no discurso”.

SD22: “Esta pesquisa investigou a relação entre religião e mercado **cristalizada** no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus”. (SOUZA, 2018, grifos nossos).

Assim, visto que é a partir do movimento do discurso que identificamos os indícios de unidade, dispersão e diversidade dos sentidos, destacamos a SD23, em que o autor explicita que sua pesquisa considera os conceitos da Análise de Discurso “para analisar o funcionamento e o processo de produção de sentidos”.

SD23: “[...] a pesquisa adota os conceitos teórico-metodológicos da **Análise de Discurso da Escola Francesa. O objetivo principal deste estudo é analisar o funcionamento e o processo de produção de sentidos nessa imbricação de dois**

campos discursivos – o religioso e o mercadológico”. (SOUZA, 2018, grifos nossos).

Podemos dizer que essa marca reforça a forma-sujeito que não muda de formação discursiva, mas que comporta outras posições-sujeito. A Análise de Discurso coloca a interpretação em questão quando o analista se questiona, problematiza esses sentidos. Desse modo, refletir sobre o uso da teoria discursiva nos estudos que levam em conta o funcionamento do quadro teórico faz-se necessário para verificar a pertinência da relação do dispositivo teórico com o analítico. Enquanto o dispositivo analítico é construído pelo analista, em cada análise, considerando a questão, a natureza do material e a finalidade da análise; o dispositivo teórico envolve e perpassa o dispositivo analítico, uma vez que atravessa a descrição e a interpretação, constituindo métodos e conceitos. Desse modo, não basta descrever esses conceitos, mas explicitar onde ocorrem, colocá-los em funcionamento.

Continuamos as análises das sequências do **trabalho 10**, de Gisandro Cunha Ilha, defendido em 2019. Na SD24, o autor busca a construção de um “dispositivo analítico-conceitual”. Apreendemos, junto com Orlandi (2001), que a Análise de Discurso visa compreender como as interpretações funcionam, sem procurar um sentido “verdadeiro” através de uma explicação. Nessa direção, tomadas a partir do ponto de vista discursivo, entendemos que, na Análise de Discurso, há método, há procedimento e há a construção de um dispositivo teórico-metodológico.

SD24: “[...] buscamos neste trabalho **construir um** dispositivo analítico-conceitual [...]. Utilizamos dos preceitos teóricos da Análise de Discurso de vertente francesa, de filiação a Michel Pêcheux, sobretudo usufruindo da noção-conceito de Formação Discursiva, não desconsiderando a contribuição de **Michel Foucault** na sua estruturação. Como objeto de análise consideramos determinados artigos”. (ILHA, 2019, grifos nossos).

O que temos, pode-se dizer, é que toda a leitura precisa de um dispositivo teórico para que se realize. Tal movimento de interpretação pode ser destacado, por exemplo, no texto *Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em Análise de Discurso* (SILVA; HARB; PETRI, 2019), no qual refletimos sobre a produção do conhecimento e inferimos, a partir de uma breve análise contrastiva dos textos *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967) e das duas primeiras partes do livro **Analyse**

Automatique du Discours – AAD-69 – (PÊCHEUX, 1969), que a leitura e a escritura da teoria do discurso são processos complexos, que se constituem de retomadas, repetições e deslocamentos.

Nesse viés, recuperamos nossa tomada de posição discursiva pensando a interpretação como uma apropriação de sentidos - relação do sujeito com o sentido -, e não uma mera passagem/substituição de palavras para/por palavras, ou de imagens para/por palavras. Consideramos, nesta via, que o discurso é sempre sujeito a falhas, porque está em funcionamento – em relação a outros discursos e a outros sujeitos –, porque há condições materiais de existência e de produção.

Destacamos que, além de Pêcheux, Ilha (2019) considera como uma leitura essencial as contribuições de Foucault, autor que fala de outro lugar teórico, mas que também formulou conceitos importantes para refletir a Análise de Discurso, como o de formação discursiva. Essas relações estabelecidas entre as teorias se mostram fundamentais para pensar a produção do conhecimento. As relações entre os domínios do saber não estão distantes, há aproximações e distanciamentos de outros lugares, outras formações discursivas.

Prosseguimos com a SD25:

SD25: [...] o **dispositivo analítico** projetado, trazendo como ponto de sustentação a arquitetura teórica Estilo de Pensamento/**Formação Discursiva**, buscando-se chegar à **materialidade** de um possível Estilo de Pensamento a partir das **materialidades discursivas**, auferidas na análise dos artigos científicos que compuseram o arquivo desta pesquisa. (ILHA, 2019, grifos nossos).

Juntamente com Orlandi (2017), entendemos que é fundamental distinguir “dispositivo teórico” de “dispositivo analítico”, visto que o segundo, citado por Ilha (2019), é construído a cada análise, pensado para responder, de certa forma, à questão (específica) da pesquisa. O “dispositivo teórico” envolve o “dispositivo analítico”, como já afirmamos anteriormente, entretanto, até que ponto há essa apropriação, uma vez que o que forma o dispositivo analítico são os incômodos do pesquisador, as condições de produção do discurso e os objetivos de estudo? Tais marcas não estão explícitas no discurso, funcionariam como um já-dito e demandariam que o autor tivesse se apropriado da teoria. Nossa pesquisa não dá conta dessa questão.

Assim, inscritas nesse lugar de pesquisadoras e estudiosas em Análise de Discurso, entendemos que, para compreender a produção e os efeitos de sentidos, faz-se necessário

conhecer a ideologia e as condições de produção dos objetos de estudo. Pois pensamos, conforme Petri (2004, p. 13), que:

Partimos da ilusão de ocuparmos um “lugar vazio” que, na verdade, já foi ocupado por inúmeros sujeitos interpelados pela ideologia e que, neste momento, passa a configurar o espaço do sujeito que produz o presente texto, trata-se da materialização de uma leitura/releitura particular determinada pelas condições de produção.

Na via de considerar as condições de produção, o sujeito “escapa” do senso comum e “particulariza” o seu gesto interpretativo. Ao tomar a posição de analista de discurso, deixa de interessar “o conteúdo” (o que os objetos querem dizer?), e passa a produzir efeitos de sentido a forma material, com sua discursividade (o como eles dizem?). Dessa maneira, em todos os resumos, há a informação de que os autores consideram as condições de produção para analisar metodologicamente os objetos.

Orlandi (2018) nos ajuda a apreender a relação dialógica com o que é diferente, ela afirma que, na Análise de Discurso, “estamos em face da questão de compreensão, questão de ‘comunicação’, questão de relação com a alteridade” (ORLANDI, 2008b, p. 92). Nessa via, o “diferente” também é constitutivo dos dizeres discursivos, isso porque o discurso, objeto sócio-histórico, é constituído/atravessado por “outros” discursos. E é nesse movimento de deslocamento e transferência de sentidos que se pode dizer: realiza-se o trabalho que é fundamental no campo discursivo “os sentidos criam pernas (ou ‘asas’)” (ORLANDI, 2007, p. 134).

É por todas essas relações possíveis estabelecidas que consideramos a afirmação de Orlandi (2018, p. 96):

A Análise de Discurso, reafirmo, está preparada para levar em conta o não exato, o desconhecido, o incompreensível. E o faz através de procedimentos teóricos e analíticos, ao considerar que assim como não se pode dizer tudo a ser significado, pois há silêncio a significar, há incompletude, sempre, também nem tudo se compreende.

Enquanto sujeitos estudantes de Letras/Linguística/Análise de Discurso, refletimos sobre esse lugar teórico, o qual tratamos como nosso e marcamos em nossas formulações: “em

nossa posição de analistas de discurso”³¹, “como sujeitos analistas de discurso”³², “assumimos nossa posição de pesquisadoras, analistas de discurso”³³, “para nós, analistas de discurso”³⁴, “assumindo a posição de analistas de discurso”³⁵, “nós, analistas de discurso”³⁶. Entendemos que tomar essa posição nos abre a possibilidade de pensar o diferente, o equívoco, a falha ou o avançar das noções.

4.3 *CORPUS* DE PESQUISA DOS TRABALHOS: OS SUMÁRIOS

Pensamos que refletir sobre o lugar do sumário em um trabalho científico é fundamental. Em todo trabalho científico, o sumário é indispensável, não só por ser o último elemento pré-textual obrigatório, mas também porque abrange todas as partes do trabalho: sua elaboração é uma prática que prepara, harmoniosamente, as principais partes do texto, apresentando de maneira sucinta aquilo que vai ser, depois, desenvolvido. Sendo assim, nos questionamos: 1) Como prossegue a separação das seções? 2) como delimitar o assunto a ser desenvolvido no texto em seções? e 3) Como circunscrever essas seções?

Pensando discursivamente, a elaboração de um sumário compreende um gesto de organização, por parte do autor, na apresentação do conjunto do [seu] trabalho e de cada seção. E, nessa perspectiva, entendemos que “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 26). Desse modo, nós faríamos uma adaptação na formulação da autora para adequá-la à nossa proposta: compreender é saber como os gestos de interpretação e significação do sumário funcionam.

Compartilhando um pouco da nossa experiência: para a elaboração desta pesquisa, o primeiro movimento foi a produção do sumário, naquele momento, ainda que conferisse um “plano” provisório, estabeleceu-se um caminho possível a ser seguido para respondermos à nossa questão de pesquisa. Este plano foi, muitas vezes, reestruturado no decorrer do processo, das orientações e, após a qualificação, por conta das diferentes nuances que o *corpus* foi deixando ver e das reflexões elaboradas a partir do conhecimento construído com os autores e textos lidos, com as participações em eventos e em grupos de estudo.

³¹ Conforme p. 20 desta dissertação.

³² Conforme p. 32 desta dissertação.

³³ Conforme p. 38 desta dissertação.

³⁴ Conforme p. 58 desta dissertação.

³⁵ Conforme p. 73 desta dissertação.

³⁶ Conforme p. 78 desta dissertação.

Definimos sumário a partir da ABNT pois essa associação auxilia na elaboração de trabalhos sendo a base na preparação dos principais livros e manuais de metodologia científica, bem como dos *sites* de periódicos de Instituições de Ensino Superior (IES), conforme consta nos prefácios e nas apresentações desses documentos, assinados por seus autores e organizadores; ou na seção Diretrizes para autores, nos casos dos periódicos on-line.

Além de consultar a ABNT, verificamos a definição de sumário a partir de Lakatos e Marconi (2003) e no **Manual de Dissertações e Teses da Universidade Federal de Santa Maria – MDT** (UFSM, 2018), a fim de compreendermos como se dá a definição de sumário nesses lugares. Lakatos e Marconi (2003), didaticamente, mostram a relevância e a facilidade de acesso que esses elementos representam na produção científica; as definições da MDT (UFSM, 2018) também são por nós consideradas, uma vez que os manuais de IES acompanham, na maior parte das vezes, os estudantes nas disciplinas de metodologia científica, por se fazerem presentes na bibliografia de consulta dessas disciplinas.

Relação das partes, capítulos, itens e subitens do trabalho, com a respectiva indicação do número de páginas iniciais. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 230).

O sumário compreende a enumeração das principais divisões, seções e outras partes dos trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que o sucedem na mesma ordem e grafia em que o conteúdo é apresentado, acompanhado do respectivo número da página. É o último elemento pré-textual e deve incluir o conteúdo de todo o trabalho. (UFSM, 2018, p. 45).

À vista disso, tais citações recuperam a ideia de que o sumário é um elemento pré-textual obrigatório em trabalhos científicos que, de forma concisa, explícita e apresenta de modo sintético os sentidos importantes para a produção da pesquisa. Nos sumários analisados, identificamos recorrências de marcas linguístico-discursivas que foram realçadas com um retângulo de cor vermelha, nas figuras a seguir.

Considerando os 10 trabalhos de tese consultados, apresentamos recortes onde aparecem marcas linguístico-discursivas que podem indicar relação à Análise de Discurso. Na sequência de figuras que propomos, mantivemos a mesma ordem de apresentação das seções anteriores (4.1 *Corpus* de pesquisa dos trabalhos consultados: os títulos e 4.2 *Corpus* de pesquisa dos trabalhos: os resumos e as palavras-chave).

Iniciamos pelos quatro primeiros trabalhos (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8), os quais não apresentaram marcas linguísticas da Análise de Discurso nos títulos, nem nas palavras-chave. São os trabalhos de Rolim (2018), Silva (2017), Silveira (2017) e Magalhães (2017).

Figura 4 – Sumário: *Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab) – metodologia.*

METODOLOGIA	47
CAPÍTULO 2: Contribuições da Análise do Discurso pecheutiana para a Saúde Coletiva	48
Aspectos conceituais da Análise do Discurso de Michel Pêcheux como referencial teórico-metodológico	50
Utilização da Análise do Discurso como referencial analítico no campo da saúde coletiva.....	53

Fonte: Rolim (2018).

Figura 5 – Sumário: *Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil: considerações sobre o programa de melhoria do acesso e qualidade da atenção básica (pmaq-ab) – resultados.*

RESULTADOS	77
MANUSCRITO 1: DE ONDE NOS FALA O DISCURSO SOBRE AVALIAÇÃO EM SAÚDE? UMA ANÁLISE SOBRE SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO A PARTIR DA SEGUNDA GUERRA	78
Resumo.....	78
Introdução.....	79
Das condições de fundação do Banco Mundial.....	81
O funcionamento do Banco Mundial	83
Avaliação na Área da Saúde.....	88
Referências.....	99

Fonte: Rolim (2018).

Nas figuras 4 e 5, nos chamou a atenção a relação entre Análise de Discurso e Saúde Coletiva, parece que esses dois campos do saber foram aproximados de maneira muito fácil/rápida. Pois, de certa maneira, é considerável que o que se busca é compreender discursivamente seu objeto de estudo pelo viés da Análise de Discurso, por isso, marcamos “contribuições da Análise de Discurso”, “aspectos conceituais da Análise do Discurso de Michel Pêcheux como referencial teórico-metodológico (figura 4), “o discurso sobre”, “uma análise sobre” e “o funcionamento do” (figura 5).

Podemos destacar também que palavras-conceito³⁷ da Análise de Discurso movimentam quase todo o sumário, visto que estão na metodologia e nos resultados, o que nos leva a entender que o autor circula bem pela teoria ou se apropriou bem dela. Lançamos a ideia de palavras-

³⁷ Noção entendida no sentido de que são palavras que podem comparecer em trabalhos de outras áreas, mas que para a Análise de Discurso são conceitos. Agradecemos à colega Kelly Fernanda Guasso da Silva, pela sugestão de reflexão.

conceito aqui compreendendo que algumas palavras que para a Análise de Discurso têm o funcionamento de conceitos, podem comparecer em trabalhos de outras áreas do saber como palavras ou como conceitos – neste caso em específico, as palavras só convocarão conceitos àqueles que se identificam com os saberes da teoria discursiva.

Figura 6 – Sumário: *Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de física*

1.2.1. Sobre os raios X, a radiografia e a tomografia computadorizada	20
1.2.2. Sobre a radioatividade e a tomografia por emissão de pósitrons	24
1.2.3. Sobre o spin e a ressonância magnética	29
1.2.4. Sobre os riscos associados aos exames de diagnóstico médico por imagem	33
1.3. As radiações na medicina: uma revisão de literatura no ensino de física	41
1.3.1. Sintetizando os trabalhos com foco “a”	45
1.3.2. Sintetizando os trabalhos com foco “b”	52
1.3.3. Sintetizando os trabalhos com foco “c”	54
1.3.4. Sintetizando os trabalhos com foco “d”	57
1.3.5. Sistematizando as contribuições da literatura revisada	58
2. FORMAÇÃO INICIAL E ANÁLISE DE DISCURSO	62
2.1. Sobre a formação inicial de professores: pesquisas e considerações	62
2.2. Algumas noções da Análise de Discurso pechatiana	69
2.3. Implicações da Análise de Discurso para o trabalho	76
2.4. Dispositivo analítico para a análise das informações coletadas	80
3. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS	81
3.1. Sobre a unidade de ensino	81
3.2. Sobre o trabalho pedagógico com a unidade de ensino	84

Fonte: Silva (2017).

Aqui nos chamou a atenção as repetições não só de “sobre o/a/os”, mas também de “sintetizando”. Repete, repete até ficar diferente? Ou repete para ficar igual?

Para nós, analistas de discurso, essa (re)afirmação, segundo (PETRI, 2004), não é uma genuína repetição, mas a procura de outros sentidos possíveis, considerando outros “já-ditos”, o que causa esse efeito de estabilidade, da homogeneidade – discurso produzido pelo “bom-sujeito³⁸”. Ademais, assim como na figura anterior, é interessante que palavras-conceito

³⁸ O bom sujeito é aquele que se reconhece plenamente com os saberes no interior de uma formação discursiva.

perpassam quase todo o sumário, na metodologia e nos resultados, o que nos leva a entender que o autor circula bem pela teoria ou se apropriou bem dela.

Prosseguimos na figura 7:

Figura 7– Sumário: *O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem*

7	APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DISCURSIVA.....	83
7.1	COTIDIANO DE CUIDADO DO ADOLESCENTE COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE.....	83
7.1.1	Discussão.....	97

Fonte: Silveira (2017).

Nos chama a atenção aqui é que o sujeito não faz nenhuma citação em relação à filiação teórica e, nesse sentido, de certa forma, ao mesmo tempo em que ele “apaga” esses sentidos, esses discursos, outros sentidos despontam: existe um silenciamento do seu trajeto de leitura. E nos colocamos a seguinte questão: que efeitos teria o não-dizer? Desse modo, não vimos relação entre o capítulo “Apresentação da análise discursiva” e o subcapítulo “Cotidiano de cuidado do adolescente com necessidades especiais de saúde”. Nesse sentido, o que parece no primeiro contato com o sumário é que o autor forçou um lugar para encaixar a teoria discursiva. Observamos esse aspecto ao percebermos que o capítulo e o subcapítulo estão na mesma página – conforme figura 7 – as duas partes encontram-se na página 83. Logo, não há tempo e espaço para se apresentar as questões do discurso.

Figura 8 – Sumário: *Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais*

1 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E NOÇÕES DA ANÁLISE DE DISCURSO	26
1.1 Considerações sobre a Formação Continuada de Professores	26
1.2 Modelos de Formação Continuada	31
1.3 Análise de Discurso: noções básicas	35
2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA	39
2.1 O Cientista e a Ciência	39
2.2 Um Estudo Anterior	40
2.3 A Disciplina Ciências no Ensino Fundamental – anos iniciais	43
2.4 Condições de Produção da Coleta de Informações	46
2.5 Realização dos Encontros com as Professoras	51
2.5.1 Crise Hídrica do Ano de 2014 estudos sobre a água	67
3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS	71
3.1 Principais Resultados do Primeiro Questionário	71
3.1.1 O que Pode e o que não Pode ser dito	74
3.2 Principais Resultados do Segundo Questionário – aspectos do imaginário das professoras	76
3.3 Produção dos Sentidos das Aulas Ministradas	83

Fonte: Magalhães (2017).

Observando o sumário proposto por Magalhães (2017), nos parece que as relações são estabelecidas mais facilmente: “condições de produção”, “cientista”, “ciência”, “o que pode e o que não pode ser dito”, “imaginário” e “produção dos sentidos”. A autora parece ter uma leitura conduzida pela Análise de Discurso. Nesse âmbito, reafirmamos, “os sentidos não têm donos” (ORLANDI, 2007) e também não são exatos.

Seguindo essas circunstâncias, na posição de analistas de discurso, nos interessa compreender a linguagem em funcionamento. Reforçamos que a História das Ideias Discursivas resgatar o estabelecimento dessas relações de sentido sobre o discurso, é um esforço de recuperar os modos e os mo(vi)mentos em que se teorizou sobre o discurso. Assim, entendemos

que as condições de produção adversas fazem dos sujeitos o que eles são em um dado momento histórico e social. E, nesse sentido, pensamos haver relação entre o “cientista”, a “ciência”, as “condições de produção” e as “produções de sentidos”, uma vez que o texto é um processo que se desenvolve de diversas formas e em determinadas circunstâncias.

Por tanto, compreendemos que o texto não é uma unidade fechada sobre si mesma – mas, um lugar material em que essa relação faz sentidos por e para os sujeitos. Desse modo, nos parece fundamental a disposição e o arranjo construídos pelo autor – visto que os sentidos de “condições de produção”, “cientista” e “ciência” têm um encaixe (teórico) de sentidos.

Nossa perspectiva de leitura é a discursiva, sendo assim, buscamos olhar para os recortes propostos procurando identificar regularidades, encaixes, referências que constituem esses trabalhos e que poderiam ser utilizadas pelos autores. Buscamos compreender um pouco mais sobre como a Análise de Discurso pecheuxiana comparece nesses diferentes espaços de produção do conhecimento, sobretudo porque tais trabalhos estão fora da área de Letras.

Pelo discurso, percebemos que existe um esforço desses autores em considerar aquilo que lhes parece fundamental no quadro teórico da Análise de Discurso. Destacamos entre as noções recorrentes nas teses consideradas que o conceito de Condições de Produção é utilizado a fim de compreender o funcionamento dos seus objetos.

Seguindo nessa direção, os movimentos tanto de descrever quanto de interpretar essas noções que vêm sendo mobilizadas nos mostram que precisamos associá-las com os discursos e também com outros sentidos postos. Assim, buscamos identificar as referências bibliográficas próprias à Análise de Discurso. Ademais, há outros autores fundamentais na história do estabelecimento da Análise de Discurso na França, em colaboração com Michel Pêcheux, e em seus desdobramentos no Brasil (NUNES, 2013). As obras consultadas são de Louis Althusser ([1970] 2007): **Aparelhos Ideológicos de Estado**; Claudine Haroche (1992): **Querer Dizer, Poder Dizer**; Paul Henry (2014): **Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux**; e Francine Mazière (2007): **A Análise do Discurso: história e práticas**.

Assim, seguimos com as análises dos sumários dos seis trabalhos seguintes, os quais apresentam, desde o título, referências do quadro teórico da Análise de Discurso. As figuras 9 e 10 referem-se ao trabalho de Marangoni (2019):

Figura 9 – Sumário: *Discurso sobre o emagrecimento no facebook e instagram* – Parte I.

1 A TEORIA E OS DIÁLOGOS QUE ACOMPANHAM OS OLHARES PARA O DISCURSO SOBRE O EMAGRECIMENTO	17
1.1 Enunciação, Formulações e Circulação de sentidos	19
1.2 O verbal e o não verbal: duas materialidades e múltiplos sentidos	22
2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E ESPAÇOS ONDE SE MANIFESTA O DISCURSO SOBRE O EMAGRECIMENTO	27
2.1 O discurso disfarçado do bem-estar	30
2.2 A busca pela obesidade saudável.....	32
2.3 Memes: “humor” e acidez que acompanham a gordofobia.....	36
2.4 As mídias sociais e o ciberespaço.....	41
2.5 O Facebook e seu reinado.....	43
2.6 O Instagram, sua história e suas características.....	45
2.7 O Big Data como recurso à pesquisa acadêmica em saúde.....	46
2.8 O Marketing Digital e as Redes Sociais.....	49
3 PERCURSO METODOLÓGICO	54
3.1 Metodologias e Internet.....	56
3.2 Tudo vale?.....	58

Fonte: Marangoni (2019).

Figura 10 – Sumário: *Discurso sobre o emagrecimento no facebook e instagram* – Parte II.

7 SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: AS ZONAS OPACAS DO DISCURSO E NOSSAS BREVES CONSIDERAÇÕES	143
7.1 Silêncio e interditos	145
7.2 Postagens recorrentes sobre o “fechar a boca”.....	151
7.3 Os sentidos que nos afetam e não nos deixam fechar a boca: nossas considerações finais	156

Fonte: Marangoni (2019).

Nos chama atenção, no sumário de Marangoni (2019), que os capítulos principais trazem referências importantes para Análise de Discurso: “discurso sobre”, “condições de produção” e “percurso metodológico”. Retomando nossos primeiros passos nessa pesquisa, essas foram algumas das palavras e contextos associados na busca pela *Plataforma Lattes* por trabalhos de outras áreas do conhecimento – fora da área de Letras – que utilizavam a Análise de Discurso de linha francesa para analisar seus objetos, compreendendo que tais palavras carregam sentidos importantes para os trabalhos e que ao utilizá-los o sujeito toma uma posição.

Além das palavras-conceito destacadas “formulação”, “circulação de sentidos” e “discurso”, nos chamou a problematização – indicada pelo uso de ponto de interrogação já em um dos títulos do sumário. Possivelmente tal marca se atravessa pelo ponto de vista discursivo, refletimos sobre esse “espírito” questionador, ele é muito próprio à Análise de Discurso.

Figura 11 – Sumário: *Comunicação no discurso ambiental* – Parte I.

CAPÍTULO I – DISCURSO AMBIENTAL	38
1. MEMÓRIA DO DISCURSO AMBIENTAL	38
<i>OS ESTUDOS DE DISCURSO AMBIENTAL EM HANNIGAN (2009)</i>	43
<i>Discurso arcádico</i>	45
<i>Discurso ecossistema</i>	46
<i>Discurso de justiça ambiental</i>	47
2. A COMUNICAÇÃO NO DISCURSO AMBIENTAL	48
<i>OBJETIVO ESPECÍFICO NO DISCURSO AMBIENTAL</i>	49
2.1- PRIMAVERA SILENCIOSA	50

Fonte: Savaget (2018).

Figura 12 – Sumário: *Comunicação no discurso ambiental* – Parte II.

1. MEMÓRIA DO DISCURSO DA MUDANÇA CLIMÁTICA	75
<i>CIRCULAÇÃO E REPETIÇÃO DOS DISCURSOS DO ALERTA NA MÍDIA</i>	77
2. AÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO DO AR4	81
2.1 PROCESSO DE PRODUÇÃO PARA COMUNICAÇÃO DO AR4	83
2.2 -O QUE DIZEM OS BRIEFINGS PARA A IMPRENSA DO AR4	87
<i>A INCERTEZA NO DISCURSO</i>	89
<i>O RISCO NO DISCURSO</i>	91
3. CONFRONTO DISCURSIVO	100
<i>O CONFRONTO SEGUNDO FREIRE ARTAXO NETTO</i>	100
<i>O CONFRONTO SEGUNDO GIDDENS</i>	101
<i>ANÁLISE DE UM DISCURSO CÉTICO - "THE GREAT GLOBAL WARMING SWINDLE"</i>	103

Fonte: Savaget (2018).

Observamos que, nas figuras 11 e 12, há uma busca por ocupar ou pertencer ao lugar de pensar o discurso, interpelado pelo sujeito (socialmente), pela história e pela ideologia. Observando a “formação” acadêmica dos autores (autor e orientador), a relação estabelecida

pela autora com a teoria pode ser associada à sua área de concentração ser correlata a “Ambiente e Sociedade”.

A partir da figura 13, podemos destacar que a organização do sumário sugere certa propriedade do autor para falar sobre a Análise de Discurso. À vista disso, tomando o texto propriamente dito, Azevedo (2019) faz referência ao quadro teórico da Análise de Discurso, quando trata do referencial teórico-metodológico, ao utilizar quase que 20 páginas de seu trabalho para dar lugar a diversas palavras-conceito – “discurso e texto”, “condições de produção”, “formação ideológica”, memória discursiva” e “efeito leitor”.

Figura 13 – Sumário: *Discursos sobre o clima do Nordeste brasileiro a partir das provas de geografia do vestibular da Unicamp: educação, consensos e produção de sentidos*

CAPÍTULO 2	63
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA ANÁLISE DE DISCURSO	63
2.1 Discurso e texto	64
2.2 As condições de produção	70
2.3 Formação Ideológica	74
2.4 Memória Discursiva	77
2.5 Efeito Leitor	81

Fonte: Azevedo (2019).

Na figura 14, destacam-se as ocorrências da palavra “processo”. Como já referimos, dizer de um “processo” é compreender a constituição da teoria discursiva materialista, é acessar os sentidos que atravessam a produção do conhecimento que está sempre a se desenvolver, a se (des)construir.

Figura 14 – Sumário: *A simbiose discursiva entre religião e mercado: Um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo*

1.2 O processo de produção de sentido dos objetos: uma abordagem discursiva	46
1.2.1 Os objetos como signos sob a perspectiva discursiva	46
1.2.2 O processo de construção de sentidos dos objetos	49
1.2.3 A subjetividade e o processo de construção de sentidos	52
1.2.3.1 A questão da subjetividade nos objetos/signos	53
1.3 Os significados dos objetos e a produção de sentidos no discurso publicitário	56
1.3.1 A simbiose entre real e imaginário no discurso publicitário	57
1.3.2 O tempo paradoxal no mundo dos bens	58
1.3.3 Significado deslocado: o sentido dos objetos e seu deslocamento temporal	61
1.3.4 A estrutura narrativa do paraíso onírico dos bens	63

Fonte: Souza (2018).

Outra questão cara à teoria discursiva, que se constitui no entremeio entre a Linguística, a História e a Psicanálise, é refletir sobre o real e o imaginário. Pelo sumário, Souza (2018) demonstra que sabe movimentar sentidos e se apropriar da teoria.

Nos chama a atenção no sumário proposto por Lança (2018), na figura 14, que é somente quando a metodologia é explicitada que a Análise de Discurso comparece, como um “apoio teórico”.

Figura 15 – Sumário: *Sentidos Produzidos no Desenvolvimento de uma Unidade de Ensino sobre Termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção*

3 APOIO TEÓRICO METODOLÓGICO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA PESQUISA	47
3.1 A Proposta da Disciplina num Curso de Engenharia de Produção	47
3.2 Noções de Análise Discurso	51
3.3 A Unidade de Ensino e suas Condições de Aplicação	56

Fonte: Lança (2018).

Já na figura 16, observamos o uso do gerúndio: “percorrendo”, “mirando”, “tocando”. O autor explicita um movimento, um processo não acabado, e isso é próprio do materialismo. Sob nosso olhar de analistas de discurso, o termo “processo”, trata de um sentido possível da Análise de Discurso – como “procedimento” um método que ainda está em aberto, se desenvolvendo, e que, desse modo, não foi concluído, não está completo, mas se

(des)construindo. Essa tomada de posição marca também um lugar e um entendimento da teoria.

Figura 16 – Sumário: *Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência*

SUMARIO	
A FORMA E A POSIÇÃO DESTE SUJEITO (E) PESQUISADOR	25
INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO 01 - CIRCULANDO IDEIAS: UMA DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA	35
1.1 A SOCIOGÊNESE DO CONHECIMENTO: UMA INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA FLECKIANA	36
1.2 DISTINTAS REALIDADES	44
1.3 INCOMENSURABILIDADE E TRÁFEGO DE PENSAMENTOS	49
CAPÍTULO 02 - MARGEANDO UM CORPUS PARA ANÁLISE: HISTÓRIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E ENSINO DE CIÊNCIAS	53
2.1 HISTORIOGRAFIA: VOLIÇÃO, INTERPRETAÇÃO, FRONTEIRAS	54
2.2 HISTÓRIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E ENSINO DE CIÊNCIAS: POR ONDE ANDAMOS?	58
2.2.1 O embate “a favor” e “contra” a utilização da história e filosofia da ciência no ensino de ciências	58
2.2.2 As Relações entre História da Ciência e Natureza da Ciência	61
2.2.3 História e Filosofia da Ciência na Realidade da Sala de Aula	66
CAPÍTULO 03 - MIRANDO GESTOS DE COMPREENSÃO: A ANÁLISE DE DISCURSO COMO DISPOSITIVO TEÓRICO-ANALÍTICO DE REFERÊNCIA	71
3.1 BALIZAMENTOS PARA UM PRELUDIO: A AD FRANCESA	71
3.2 OUTROS APONTAMENTOS TEÓRICOS: RUMO AO PROCESSO DE ANÁLISE	82
CAPÍTULO 04 - PERCORRENDO UM CAMINHO: SOBRE OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA	87
4.1 DAS ANTECIPAÇÕES AS DERIVAÇÕES: A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA	89
4.2 A ESCOLHA DAS REVISTAS CIENTÍFICAS	91
4.3 A COMPOSIÇÃO DO ARQUIVO: DIMENSÃO E CRITÉRIOS	95
4.4 AS SÍNTESES E O METATEXTO: RUMO ÀS QUESTÕES ESSENCIAIS	100
4.5 O PROCESSO DE ANÁLISE (ETAPA FINAL)	104
CAPÍTULO 05 - TOCANDO A MATERIALIDADE: RUMO A UM “FECHAMENTO”	107
5.1 A NOÇÃO-CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA: ENTRE FOUCAULT E PÊCHEUX	107
5.2 ESTILO DE PENSAMENTO E FORMAÇÃO DISCURSIVA: INCONGRUÊNCIA TEÓRICA OU BASE EPISTEMOLÓGICA PARA UMA MATERIALIDADE DO PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS?	113
5.3 AS MATERIALIDADES DO/NO DISCURSO	122
5.4 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE	125
5.4.1 Entre a Negação e o Devir: a FD do Lugar-Outro	125
5.4.2 HFEAQ: história e filosofia no ensino-aprendizagem de química	133
“PRIMEIRAS” RUMINAÇÕES SUBSEQUENTES	143
REFERÊNCIAS	149

Fonte: Ilha (2019).

Ademais, outras marcas podem ser destacadas nesse sumário. O sujeito autor aponta as condições de produção do discurso, pois, sendo químico, por formação, ele se inscreve num

determinado lugar, o qual está marcado pelas relações que estabelece com a teoria quando evidencia conceitos que são importantes para o estudo do quadro teórico da Análise de Discurso: (i) posição sujeito, como uma apresentação à parte do trabalho – antes da introdução –, (ii) formação discursiva presente no quinto capítulo e (iii) discurso, no quinto capítulo.

Outro traço importante para sublinhar é a presença dos autores Michel Pêcheux e Michel Foucault, o que o diferencia dos outros trabalhos consultados para esta pesquisa. O sujeito-autor do trabalho toma uma posição dentro do quadro teórico – visto que não aparece(m) citado(s) outros autores(es), apenas Pêcheux e Foucault. Em nosso entender, o sujeito usa esse saber no sentido de possibilidade de conhecimento, instrumento de Análise de Discurso. Então, ele toma essa posição para falar do objeto – há uma apropriação desse discurso –, destaca-se ainda o saber discursivo, pois ele conduz e apresenta bem as noções.

Na parte final do trabalho, o autor mexe com os sentidos, discursiviza, pois ao dizer “ruminações subsequentes” sugere o sentido de estar pensando, considerando, perguntando-se sobre algo seguidamente. O autor dá a ideia de que a pesquisa, embora esteja no seu capítulo final ou último, ainda não está acabada ou definida, mas se desenvolvendo. Faz-se importante destacar previamente as referências bibliográficas citadas para a elaboração do texto. O quadro 6 refere-se às referências de Eni Orlandi e Michel Pêcheux, fundadores do quadro teórico pecheuxtiano.

Quadro 6 – Obras de Pêcheux e Orlandi citadas nas teses estudadas.

Número do trabalho	Michel Pêcheux	Eni P. Orlandi
5	Análise de Discurso Ler o arquivo hoje O discurso: estrutura ou acontecimento Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio	Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos As formas do silêncio: no movimento de sentidos Discurso e leitura Discurso, Imaginário Social e Conhecimento Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos Ler Michel Pêcheux Hoje Segmentar ou recortar?

(continua)

6	<p>A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas</p> <p>O discurso: estrutura ou acontecimento</p> <p>Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio</p>	
7	<p>O discurso: estrutura ou acontecimento</p> <p>Análise Automática do Discurso (AAD-69)</p> <p>A análise de discurso: três épocas</p>	<p>Análise de Discurso: princípios e procedimentos</p> <p>Discurso e Leitura</p> <p>Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico</p> <p>A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso</p> <p>Análise de discurso: princípios & procedimentos</p> <p>Apresentação: Cidade Atravessada</p> <p>Discurso e leitura</p> <p>Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia</p> <p>Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico</p> <p>Leitura e discurso científico</p> <p>O que é linguística</p> <p>Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico</p>

(continua)

8	<p>Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio</p> <p>Semântica e discurso</p>	<p>Análise de Discurso: princípios e procedimentos</p> <p>Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade</p> <p>Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico</p> <p>As formas do silêncio: no movimento de sentidos</p>
9		<p>Análise de Discurso: princípios e procedimentos</p> <p>Discurso, imaginário social e conhecimento</p> <p>A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso</p> <p>Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico</p> <p>Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos</p> <p>Discurso e leitura</p>
10	<p>O discurso: estrutura ou acontecimento</p> <p>Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio</p> <p>A análise de discurso: três épocas</p>	<p>Análise de Discurso: princípios e procedimentos</p> <p>As formas do silêncio: no movimento de sentidos</p> <p>Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico</p> <p>Nota introdutória à tradução brasileira</p> <p>Nota ao leitor</p>

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

Ademais, destacamos os quadros 7 e 8 com obras de outros autores – não menos importantes –, os quais também fazem parte do quadro teórico do discursivo. Dividimos em duas partes para melhor visualização das referências bibliográficas.

Quadro 7 – Obras de outros autores citadas nas teses estudadas: parte 1.

Obras/ Número do trabalho	Caciane S. de Medeiros (UFSM)	Cristiane Dias	Denise Maldicler	Freda Indursky (UFRGS)	Louis Althusser	Jacqueline A. Revuz	Jean-jacques Courtine	José H. Nunes	Solange Mittmann	Suzy Lagazzi
5		Memória metálica: Enciclopédia Discursiva da Cidade.	A inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje.		-	Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. Heterogeneidade Teoricamente Sustentada.	Decifrar o corpo: Pensar com Foucault.		Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise	
6			-		-	-	Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos Cristãos.	-		
7	Formação Ideológica: o conceito basilar e o avanço da teoria.			O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites.	Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado	Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. O Chapéu de Clémentis. El concepto de formación discursiva	Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. O Chapéu de Clémentis. El concepto de formación discursiva	A construção dos leitores nos discursos dos viagem e missionários.		Linha de Passe: a materialidade significante em análise. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. Recorte significante na memória. A equivocidade na imbricação

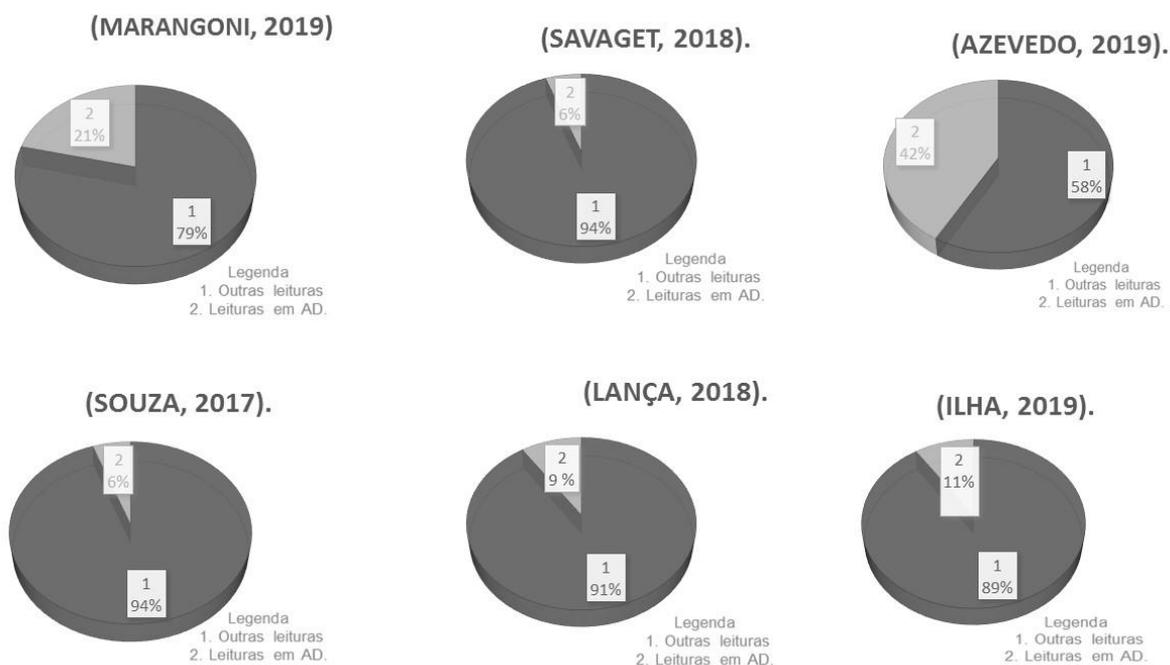
Quadro 8 – Obras de outros autores citadas nas teses estudadas: parte 2

Obras/Número do trabalho	Francine Mazière	Freda Indursky	Louis Althusser	Jean Jacques Courtine e Jean-Marie Marandin	Paul Henry	Verli Petri
8	-	-	-	-	<i>Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969).</i>	-
9	-	-	-	-	-	-
10	<i>Análise de discurso: história e práticas.</i>	<i>A memória na cena do discurso.</i>	<i>Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado</i>	<i>Que objeto para a análise de discurso?</i>	<i>Os fundamentos teóricos da ‘análise automática do discurso’ de Michel Pêcheux (1969).</i>	<i>Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60.</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentamos a seguir, na figura 17, os gráficos com a porcentagem dos textos consultados pelos autores. Considerando que se trata dos trabalhos em que a Análise de Discurso circula com um método consistente. A partir das referências bibliográficas de cada tese, pudemos identificar textos/obras/autores destinados ao estudo e à compreensão da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux.

Figura 17 – Representação gráfica sobre as leituras em Análise de Discurso francesa, dos trabalhos consultados: Parte II



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses gráficos também foram elaborados pelo programa Excel, e os cálculos seguiram as mesmas condições da parte I (figura 9)³⁹. Como já afirmado, é fundamental explicitar que nem todos os textos/obras referenciados podem ser de nosso domínio. Por esse motivo, consideramos apenas aquelas publicações que são de nosso conhecimento pertencerem ao quadro teórico discursivo da Análise de Discurso.

Analisamos, a partir do que ilustra a figura 17, considerando somente aquelas teses que traziam marcas linguísticas e conceitos da Análise de Discurso no título e nas palavras-chave, que os dez trabalhos não seguem um fluxo de leitura regular. Enquanto alguns autores apresentaram, nas referências, aproximadamente 20% das obras de Pêcheux e 42% de Orlandi; outros autores apresentaram 15% no total. Esses aspectos refletem-se nos resumos e nos

³⁹ Assim, calculamos uma média aproximada, considerando duas medidas: 100% das referências consultadas, ou seja, todas as bibliografias em Análise de Discurso somadas com as outras bibliografias e separamos, especialmente, as publicações de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, realizando uma regra de três.

sumários, quando os sujeitos estabelecem relações “forçadas” com a teoria, marcando e/ou impondo um lugar dentro da Análise de Discurso.

Considerando esse “processo de produção do conhecimento”, Orlandi (2007, p. 135) nos faz compreender, na posição em que nos inscrevemos e que marcamos em nossa escrita, que “é parte necessária da relação do sujeito com a linguagem, [...], que ele possa circular pelas várias regiões de sentido (ainda que não circule)”. Assim, concebemos que este trabalho faz parte da História das Ideias Discursivas, da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso, funcionando dentro de outros trabalhos, com outras teorias, até um momento “impensadas” por nós linguistas/analistas. Desse modo, propomos mais uma questão para reflexão, que não necessariamente tenha uma resposta “única” e/ou “correta”: o que significar dizer-se/afirmar-se analista de discurso de linha francesa pecheuxtiana?

Temos a expectativa de que este nosso trabalho de dissertação possa contribuir de alguma forma para um constructo maior que é o da História das Ideias Discursivas, sobretudo no viés da Análise de Discurso. Nesse processo de pensar a produção do conhecimento discursivo, recuperamos a conversa com a Professora Eni Orlandi, promovido pelo Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD), na UFPEL, em Pelotas, no dia 17 de maio de 2019. Para nós, o encontro com a Professora Orlandi, ficou muito forte a questão de que a História das Ideias Discursivas não é só sobre Análise de Discurso, e, nesse caminho, não se trata apenas de Pêcheux.

Desse modo, tendo em vista esse caminho percorrido, faz-se fundamental – não partindo de mera repetição – reiterar a relação que temos com a construção do dispositivo teórico, buscando apresentar como esses autores marcam em seus trabalhos o quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso. Ao nos filarmos a História das Ideias Discursivas, estamos delineando, voltando, explicitando conceitos e mantendo relações, entendendo esse movimento discursivo – da análise para a teoria e vice-versa (PETRI, 2013).

5 APONTAMENTOS FINAIS

O homem está “condenado” a significar.
(ORLANDI, 2007, p. 29).

E, assim, ao chegarmos no “término” deste trabalho, entendemos, de acordo com Eni Orlandi (2007), que o sujeito, frente às relações sociais e de sentido, não pode não significar, não produzir gesto de interpretação. Nesse viés, alguns autores das teses consultadas mostram, a partir da filiação teórica e das marcas linguístico-discursivas, que a Análise de Discurso foi constitutiva do seu trabalho, fazendo com que a teoria aparecesse e ressoasse desde o título. Não temos o objetivo de julgar o mérito dos trabalhos em estudo, nem os classificar dentro ou fora da Análise de Discurso, mas nos interessa compreender um pouco mais sobre como a Análise de Discurso comparece em outros espaços de produção do conhecimento, espaços que às vezes parecem tão distantes do que fazemos em Ciências da Linguagem.

Em outras palavras, por mais que não seja o nosso objetivo “julgar a qualidade dos trabalhos consultados, dentro ou fora da Análise de Discurso”, buscamos delinear um caminho que busque descrever um pouco dos interesses daqueles investigadores de diferentes áreas analisadas, que se propuseram a colocar em funcionamento o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso em seus trabalhos, obtendo mais ou menos sucesso em suas empreitadas.

Em vista disso, a teoria pecheuxtiana não pretende se estabelecer como um campo teórico especialista da interpretação, dominando “esse” sentido dos textos, mas apenas busca construir procedimentos metodológicos possíveis (PÊCHEUX, [1984] 1999, p. 08) para a interpretação dos gestos. Em sua fala para o Laboratório de Estudos e Análise de Discurso (LEAD/UFPEL), que ocorreu em maio de 2019, Eni Orlandi afirma que o conhecimento discursivo pode ser (re)conhecido na produção e circulação do conhecimento, uma vez que a História das Ideias Discursivas contribui interrogando o discurso e ampliando as possibilidades de sentidos.

Nesse caminho de pensar a partir do ponto de vista discursivo, nosso objetivo é de justamente mostrar que essa “ideia” de analisar a teoria da Análise de Discurso funcionando em outras áreas do conhecimento, dentro de outros trabalhos, com outras teorias, de certo modo impensada por nós analistas, , pode trazer contribuições para pensar a Análise de Discurso. Orlandi (2007, p. 134) nos põe a refletir sobre esse lugar que ora disputamos na

produção do conhecimento: “porque ‘ter’ uma ideia é uma questão intelectual, mas “ser autor de” tem uma valia institucional bastante disputada”. Assim, pensamos que, mesmo que de maneira não aprofundada, esses autores fizeram a teoria circular (e até mesmo funcionar) dentro dos seus trabalhos, marcando essa “autoria” – que é compreendida como “os modos de apresentar” (ORLANDI, 2007, p. 134).

Sendo de áreas distintas, cada uma com suas especificidades, tentamos buscar uma aproximação que possibilitou dizer que a Análise de Discurso contribui com trabalhos acadêmicos de outras áreas, para além das Letras. Sentimos que faltou dizer mais sobre essa relação da teoria do discurso com outras áreas do conhecimento. Pensamos que, para um leitor leigo no assunto, pode ser difícil compreender como é que a teoria afeta esses outros campos do saber. Nessa perspectiva, no livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**⁴⁰, Eni Orlandi (2001) nos mostra como essa relação acontece: a Análise de Discurso não é um ramo especificamente da Linguística, assim como não se limita às questões da História, ou da Psicanálise, ou das Ciências Sociais. Ela está no “entremeio”.

E, nesse sentido, lembramos que a obra **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** (ORLANDI, 2001) foi citada em todos os trabalhos de tese por nós considerados. A Professora Eni Orlandi explicita, no livro, um conjunto de conceitos e noções que envolve a linguagem, o sujeito, a história, as condições de produção e a produção de sentidos. Ainda, a proposta é apresentada de forma clara e acessível, tratando-se, portanto, de “um livro que busca iniciar ‘o leitor’ em um campo de estudos” (MARIANI, 2000, p. 219).

Entretanto, ainda ficam questões a serem resolvidas em outras pesquisas, sobretudo no tocante aos modos de se pensar sobre “essa forma de dizer”, “essas investigações”, que talvez não possam ser problematizadas por nós neste momento: como os autores movimentaram as teorias para poder aproximá-las? Como os autores tiveram acesso a esses aspectos conceituais da Análise de Discurso? Observamos que, dos dez autores, dois tiveram acesso⁴¹, de fato, à teoria pecheuxtiana, quando cursaram as disciplinas Sujeito e Discurso Módulos I e II, como aluno especial na Pós-graduação em Letras/UFSM. A disciplina foi ministrada pela Professora Verli Petri, orientadora desta dissertação.

⁴⁰ O livro foi utilizado para consulta por todos os autores.

⁴¹ Essa informação privilegiada nos foi passada pela orientadora dessa dissertação, posto que os autores Andressa da Silveira e Gisandro Cunha Ilha foram alunos (na categoria especial) em disciplinas ministradas pela Professora Verli Petri.

Para nós, essa perspectiva da História das Ideias Discursivas pode fazer muito sentido e funcionar para a compreensão da nossa questão de pesquisa, que é: *como o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha francesa e sua metodologia funcionam na produção do conhecimento para além da área de Letras?* Desse modo, referimo-nos ao gesto de leitura desse(s) sujeito(s) teórico(s) da ciência (autores e orientadores) que, ao produzir(em) discurso(s), estão assujeitado(s) pela formação discursiva que o(s) domina(m), inconscientemente.

Nessa direção, reafirmamos que o nosso objetivo, ao produzir esta pesquisa, não foi levantar uma crítica, mesmo porque não nos cabe essa posição. Enquanto analistas e pesquisadoras da área da linguagem, nos colocamos no caminho de refletir sobre como é possível visualizar o diferente, o desconhecido e o que, até certo ponto, (nos) parece, estranho. Isto é, relações estabelecidas entre Análise de Discurso e outras áreas, fora das Letras – o que faz parte da História das Ideias Discursivas, Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Apresentamos, nesse sentido, as articulações possíveis entre esses campos do saber – e isso faz parte do quadro teórico pensado por Michel Pêcheux.

Consideramos importante explicitar algumas questões sobre o “dispositivo”: no decurso do trabalho, recuperamos a diferença que Orlandi (2001) estabelece entre dispositivo teórico e dispositivo analítico – enquanto o teórico constitui o analítico, o segundo é organizado pelo analista, levando em conta a sua questão, a natureza de pesquisa e a finalidade. Construir um “dispositivo” teórico-analítico é refletir sobre os conceitos fazendo-os funcionar, assim sendo, descrevendo e interpretando. Pois bem, pensando essas relações, consideramos que problematizar aquilo que se lê é saber que o sentido sempre pode ser outro – mas não qualquer um – quebrando as evidências.

Certamente, a tomada de posição desses sujeitos, nesse movimentar de conceitos, ideias e sentidos, se relaciona com os gestos de interpretação – diante desses discursos. Importante refletir que – em todos os trabalhos – “o discurso” foi o objeto de pesquisa, nos levando a entender que tais autores recorreram à teoria discursiva para compreender esse conceito e como fazê-lo funcionar. Para a Análise de Discurso, o discurso é a língua em movimento, em curso, pensada como forma material, sujeita à falha, à falta, ao equívoco, à história, à memória, ao inconsciente, à ideologia, e constituída pelas condições de produção.

Ora, para nós, ainda se faz fundamental pensar sobre o que significa dizer-se ou afirmar-se analista de discurso de linha francesa. Recuperamos a ideia de que a Análise de

Discurso nos dá ferramentas para acessar outras áreas do conhecimento. Questão essa que vimos tratando (e tentando entender) nesta pesquisa, considerando se em tais áreas do conhecimento a teoria discursiva trabalha num processo de consistência, relacionando, desse modo, teoria e método. Ademais, em nossa leitura, buscamos observar se esses sujeitos, enquanto autores das teses consultados, se esforçam para atribuir em seus trabalhos esse “gesto de ler do analista de discurso” (PETRI, 2013, p. 47). Nesse sentido, não perdemos de vista a máxima de que a língua é suscetível ao equívoco, e tomada pelas relações de/com o sujeito, as condições de produção, a ideologia: nessa via, a língua é passível de jogo (GADET; PÊCHEUX, 2004).

Ao finalizar este trabalho, não podemos negar os vestígios da pandemia e do isolamento social. Essa questão é importante de ser retomada, visto que faz parte das condições de produção/existência do nosso trabalho. Nesse viés, certamente, poderiam haver mais encontros “ao vivo” e mais palestras, por exemplo. A quarentena afetou a nossa pesquisa, caminhos, escolhas, reflexões e (con)vivências teóricas. Esse aspecto nos faz refletir um pouco sobre “o que pode e o que deve ser dito” sobre a produção de conhecimento. Trata-se de um processo solitário, dessa vez mais do que nunca. Esse pensamento nos faz compreender melhor sobre esses mo(vi)mentos de sentidos que, quando são silenciados pelos “autores”, provocam o leitor a pensar, surgindo então a possibilidade de outros sentidos no discurso.

O nosso lugar na Análise de Discurso ainda está se construindo. Ainda existe muito conhecimento a apreender, muitas relações teóricas a estabelecer. E a Análise de Discurso nos mostra essas possibilidades e articulações. Nos inscrevemos no lugar de um sujeito questionador que não se acomoda com aquilo que “vê” e que está se interrogando sobre a realidade com sua visão pensamento/mundo. Conhecemos sob quais condições o quadro teórico da Análise de Discurso foi constituído, com as movimentações políticas, no evento *Mai de 68*, em meados da década de 1960, na França. Nesta dissertação, percorremos e explicitamos um desenvolvimento possível para a teoria da Análise de Discurso, nos anos 2017, 2018 e 2019, no Brasil, ao ser movimentada em teses fora da área de Letras. Nossa investida escreve mais uma página na História das Ideias Discursivas pelo viés da Análise de Discurso pecheuxtiana, na certeza de que ainda há muito para se saber.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: resumo. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: definições de resumo. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: informação e documentação: subdivisões do sumário. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação: títulos e palavras-chave. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. 134 p.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. O que se faz quando se faz a história das ideias linguísticas? In: COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 17-20.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, F. (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzatto, 1999, p. 15-22. (Originalmente publicado em 1982).

COURTINE, J. J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**: Revistas de Estudos do Discurso, Imagem e Som da UFRJ. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 14-35. [1982] 2016.

FARIA, M. M. de; MEDEIROS, V. G. de. Da historicidade dos sufixos formadores de nomes de profissões: uma análise discursiva. **Policromias**. Dezembro/2018, p. 46-64.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 2008.

GIORGENON, D. *et al.* (N)a produção da escrita acadêmica: um gesto de interpretação e autoria. **Intersecções**. 16. ed., ano 8, n. 2, nov./2015, p. 5-19.

GLOZMAN, M.; MEDEIROS, V. de. Apresentação: Pregas sobre um título: fotograma das tensões e disputas discursivas na/da atualidade. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 54, p. 9-18, jul./dez. 2019.

INDURSKY, F. Lula Lá: estrutura e acontecimento. **Organon**. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121. 2013.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Org.). **Práticas discursivas e identitária: sujeito e língua**. Ensaios PPGL UFRGS, 22. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-33.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANI, B. [Sem título]. **Revista ANPOLL**, n. 8, p. 213 – 219, jan/jun. 2000.

MARTINS, T. da S. **Emergência, movimento e deslocamento da diciplinarização da Análise de Discurso no Rio Grande do Sul**. 2008. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

MEDEIROS, V. ESTEVES, P. M. S. O que é, com efeito, o presente? Formas de fazer ciência. In: MEDEIROS, V. *et al.* **Almanaque de Fragmentos: Ecos do Século XIX**. 1.ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 165-185.

MEDEIROS, V. Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas: Perscrutando conceitos. In: VENTURINI, M.C; RASIA, G. dos S. (Org.). **Museus, Arquivos e Discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história**. 1. ed. -Campinas, SP: Pontes, 2020, p. 165-200.

NUNES, J. H. O discurso não funciona de modo isolado. **Jornal da Unicamp**, São Paulo: Campinas, 16 a 31 de dez. 2013. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_587_paginacor_09_we_b.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

NUNES, J. H. Uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso. **Letras**, Santa Maria, n. 37, p. 107-124, jul/dez 2008.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: FERREIRA, M. C. L., INDURSKY, F. (Org.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Clara Luz, 2007, p. 373-380.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores, São Paulo: Fapesp, São José do Rio Preto: Fapesp, 2006.

NUNES, J. H. **Introdução à Análise do Discurso**. Proposições, v. 04, n. 2[11]. p. 70-73, jul. 1993. Resenha de: BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: EDUC, 1991.

ORLANDI, E. P. Ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis. In: BARONAS, R. L. *et al.* (Org.). **Ética, Ciência, Ideologia, Interpretação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2018, p. 89-101.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2008a.

ORLANDI, E. P. Silêncios: presença e ausência. **Com Ciência**: Revista eletrônica de Jornalismo científico, São Paulo, p. 1-5, 2008b.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. O Sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: **Anais do II SEAD**: Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre, UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **História das Ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Mato Grosso: Pontes, 2001. p. 21-38.

ORLANDI, E. P. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, n. 4, p. 9-19, 1998.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. Texto e discurso. **Organon**. Porto Alegre, n. 23, v. 9, p. 111-118, 1995.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**: discurso do confronto, velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? **Série Estudos**, Uberaba, n. 10, p. 9-26. 1984.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: UNICAMP, [1982] 2014, p. 57-67.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1983] 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura e acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, [1983] 2002.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução de Eni Orlandi. **Escritos**, Campinas, n. 4, [1983] 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Unicamp: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Analyse de contenu et théorie du discours. **Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques**, n. 3, p. 211-227, 1967.

PETRI, V. É preciso tomar de assalto a palavra para saber mais sobre a sua história e a sua plasticidade. In: VENTURINI, M. C.; LOREGIAN-PENKAL, L.; WITZEL, D. (Org.). **Linguística na contemporaneidade**: interfaces, memórias e desafios. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, v. 1, p. 103-121.

PETRI, V. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018. Disponível em: <http://seer.ufgrs.br/conexaoletras/article/view/85032/49004>. Acesso em: 14 jul. 2020.

PETRI, V. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. **Expressão**, Santa Maria, n. 2, p. 187-192, jul./dez. 2006.

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SCHERER, A.; PFEIFFER, C.; MEDEIROS, V. Produção e circulação na história das ideias linguísticas: um gesto em um projeto coletivo a ser construído. **ANAIS DO SEAD**, Recife, 2019.

SCHERER, A. E; PETRI, V. O movimento disciplinar sobre os estudos do discurso, no contexto brasileiro, a partir dos anos 1980. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 284-294, jul./dez. 2013.

SCHERER, A. E. As inquietudes discursivas de um orientador. In: SCHERER, A. E. (Org.). **Discurso**: circulação, fragmentação e funcionamento. Santa Maria: UFSM; CAL; PPGL; Laboratório Corpus, 2006, p. 9-20.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Editora, 2007.

SILVA, K. F. G. **Sobre a (re)produção de conhecimento**: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM. Santa Maria, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**: MDT. Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Biblioteca Central. 8. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2018. 72 p.

TESES ESTUDADAS

AZEVEDO, L. D. **Discursos sobre o clima do Nordeste brasileiro a partir das provas de Geografia do vestibular da Unicamp**: educação, consensos e produção de sentidos. 2019. 307f. Tese (Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/334458>. Acesso em: 15 out. 2019.

ILHA, G. C. **Materialidades de um processo de circulação de ideias na ciência**. 2019. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/19398>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SAVAGET, E. K. K. **Comunicação no discurso ambiental**. 2018. 280f. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade, Aspectos Sociais e Sustentabilidade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333292>. Acesso em: 18 nov. 2019.

LANÇA, T. Sentidos produzidos no desenvolvimento de uma unidade de ensino sobre termodinâmica num Curso de Engenharia de Produção. 2018. 199f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333193>. Acesso em: 15 out. 2019.

MAGALHÃES, G. L. **Possibilidades e limites da socialização de um trabalho pedagógico de ciências com professoras dos anos iniciais**. 2017. 171f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas., Campinas, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322380>. Acesso em: 15 out. 2019.

MARANGONI, E. **Discurso sobre o emagrecimento no Facebook e Instagram**. 2019. 169f. Tese (Doutorado em Educação) – Unesp, Rio Claro, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/183686>. Acesso em: 15 out. 2019.

ROLIM, A. C. A. **Acesso e qualidade da atenção primária à saúde no Brasil**: considerações sobre o Programa de Melhoria do Acesso e Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB). 2018. 199f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331702>. Acesso em: 10 set. 2019.

SILVA, A. C. da. **Uma unidade de ensino sobre radiações e exames de diagnóstico médico por imagem na formação inicial de professores de Física**. 2017. 202f. Tese (Doutorado em...) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325609>. Acesso em: 1 set. 2019.

SILVEIRA, A. da. **O cuidado no cotidiano de adolescentes com necessidades especiais de saúde: implicações para a Enfermagem**. 2017. 160f. Tese (Doutorado em Cuidado, Educação e Trabalho em Enfermagem e Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível: http://coral.ufsm.br/ppgenf/images/Doutorado/Teses/2017/Tese_Andressa_da_silveira.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

SOUSA, R. M. de. **A simbiose discursiva entre religião e mercado: um estudo do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus na perspectiva do consumo**. 2017. 203f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1732>. Acesso em: 15 out. 2019.